

Samael Aun Weor

MAGIA DAS RUNAS





Este livro digital foi disponibilizado gratuitamente pelo
Projeto Abragnose Digital, mantido pela
ABRAGNOSE - Academia Brasileira de Gnose.

O Projeto Abragnose Digital, por meio de contribuições
de estudantes gnósticos e simpatizantes,
tem por objetivo disponibilizar versões digitais gratuitas
de obras publicadas pela EDISAW - Editora Samael Aun Weor.

Para adquirir cópias impressas de obras do catálogo da EDISAW,
a preço de custo, visite a nossa loja na página www.edisaw.com.br.
Ao adquirir as versões impressas das obras da EDISAW
você contribui para a expansão do seu catálogo e
para a manutenção de sua obra de divulgação
do conhecimento gnóstico contemporâneo.

Para ajudar a manter este e outros trabalhos de cunho cultural,
assistencial e missionário você pode também contribuir diretamente
para com a ABRAGNOSE realizando doações
por meio da seguinte conta bancária:

Banco do Brasil
Agencia: 3390-1
Conta: 27.361-9
CNPJ 14.578.176/0001-30
Academia Brasileira de Gnose

Agradecemos o seu apoio!

Paz Inverencial!



EDISAW

Aviso de copyright:

Todos os direitos reservados para a EDISAW - Editora Samael Aun Weor.
A distribuição deste material é permitida desde que seja mantida a totalidade do material,
e seja expressamente mencionada a fonte (EDISAW / Projeto Abragnose Digital)
e ambos os nossos endereços na internet (www.gnose.org.br e www.edisaw.com.br).

MAGIA DAS RUNAS

Mensagem de Natal de 1968

Samael Aun Weor

MAGIA DAS RUNAS

Mensagem de Natal de 1968

1ª. Edição

Curitiba – PR

EDISAW
2013

MAGIA DAS RUNAS
Mensagem de Natal de 1968
Samael Aun Weor
Kalki Avatar da Era de Aquário
Primeira Edição Original: 1969, Barranquilha - Colômbia

DO ORIGINAL:
Mensaje de Navidad 1968
Gnosis – Ocultismo prático – Esoterismo crístico
Magia de las Runas
Samael Aun Weor
Kalki Avatara de la nueva Era de Acúario
Primera Edición – 1969 – Barranquilla – Colombia

TRADUÇÃO E NOTAS:
Karl Bunn - Presidente da Igreja Gnóstica do Brasil
Curitiba - PR - Brasil - Agosto de 2013

DESIGN NA CAPA:
Ricardo Bianca de Mello . Helen Sarto de Melloo

IMAGEM DA CAPA:
Nononono nononoio no nonononono nonononon

PRODUÇÃO GRÁFICA:
Paulo Lima Junior

DIAGRAMAÇÃO:
Pedro Luis Vieira

CTP E IMPRESSÃO:
Gráfica e Editora Pallotti

© Direitos autorais desta tradução:
IGB - EDISAW / Karl Bunn
www.edisaw.com.br • www.gnose.org.br • www.abragnose.org.br

Nota - Textos entre [] são do tradutor; não constam no original.
Textos entre () constam do original.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aun Weor, Samael, 1917-1977.

Magia das runas : mensagem de Natal de 1968 /
Samael Aun Weor ; [tradução e notas Karl Bunn].

-- 1. ed. -- Curitiba, PR : Edisaw, 2013.

Título original: Magia de las runas.

ISBN XXX-XX-XXXXX-XX-X

1. Gnosticismo 2. Mitologia 3. Ocultismo 4. Runas nórdicas
I. Título.

13-09393

CDD-133.3248

Índices para catálogo sistemático:
1. Runas : Oráculos : Artes divinatórias
133.3248

SOBRE O AUTOR



Samael Aun Weor é o nome esotérico de Víctor Manuel Gómez Rodríguez, nascido em 6 de março de 1917 em Bogotá – Colômbia – filho de Manuel Gómez e Francisca Rodríguez, tendo sido batizado com esse nome em 25 de abril de 1918 na Paróquia Nossa Senhora do Egito, conforme certidão de batismo em poder da Igreja Gnóstica do Brasil. O nome esotérico Samael Aun Weor foi definitivamente assumido no dia 27 de outubro de 1954, num evento transcendental testemunhado por dezenas de discípulos em um templo subterrâneo construído nas montanhas de Serra Nevada de Santa Marta (Colômbia); a partir desse acontecimento, todos os seus livros passaram a ser assinados como Samael Aun Weor.

APRESENTAÇÃO



Este não é apenas mais um livro sobre as populares runas nórdicas. Aqui é ensinado o uso prático e mágico das runas, valendo-se do próprio corpo físico de cada interessado no assunto. Ou seja: Em vez de simplesmente pressagiar o futuro ou ler a sorte tomando como base um conjunto de pedrinhas nas quais estão contidas ou desenhadas as runas, o autor ensina a fazer exercícios rúnicos psico-físicos, capazes de regenerar nossos centros magnéticos, melhorar a circulação das nossas energias vitais e astrais e, o mais importante, despertar a nossa consciência.

Ainda que muito se fale e se ensine sobre o manejo prático das runas em nossa vida diária, este livro apresenta e esclarece inúmeros elementos da Guerra de Tróia e a saga de Enéias, que, tendo saído de sua destruída cidade, navega até a Itália, onde assenta as pedras fundamentais da cidade que se tornaria eterna: Roma.

É dito que Enéias era filho de Vênus. Roma, lida ao contrário, forma Amor. Vênus é a Deusa do Amor ou o próprio Amor Divino. É muito interessante meditarmos sobre a íntima relação existente entre Roma e Vênus, tendo como realizador ou construtor dessa Grande Obra, o próprio filho da Deusa Vênus.

Muito sobre runas e mitologia iniciática está aqui à disposição do leitor verdadeiramente interessado em se aprofundar na história oculta da humanidade. Cada capítulo é uma verdadeira cátedra misteriosa para nossa alma ansiosa por retornar à Mansão Celeste. Aqui podemos aprender a como edificar internamente nossa própria Roma Eterna nas novas e filosóficas terras do Jardim das Hespérides, onde apenas frutificam as douradas maçãs da Deusa Vênus, nossa Divina Mãe Kundalini.

No fundo profundo de todas as mitologias e de todos os épicos que narram grandes aventuras de Heróis Divinos ou super-humanos sempre encontramos

o romance, o amor e os misteriosos idílios eróticos. Neste livro, portanto, não faltam esses elementos, e aqui são ensinados a magia sexual e o trabalho de dissolver o ego e roubar o fogo do diabo.

Em poucas palavras, todas as guerras e batalhas travadas nos enredos mitológicos descrevem unicamente os combates que os Iniciados precisam travar contra seus inimigos internos, as tenebrosas criaturas diabólicas que vivem nas profundezas de nossa mente, os quais, por ignorância ou descuido, foram criados e alimentados por nós mesmos ao longo de nossas incontáveis vidas.

Por isso, em dado momento somos convocados a restaurar a ordem, a paz e a justiça em nosso Reino Interno. Só assim o Eterno Rei, o Cristo Íntimo, poderá manifestar toda sua majestade e toda sua glória em nosso próprio mundo interior.

Este livro, valendo-se da inspiradora linguagem das Musas imortais, apresenta-nos todos esses segredos, toda essa maravilhosa ciência sagrada e iniciática. Uma vez sabedores dessas realidades tão transcendentais tudo que nos resta a fazer é nos lançarmos no Caminho da Iniciação. Mas esta já é uma escolha muito pessoal; nem todos querem a Iniciação. Pelo contrário: bem poucos estão dispostos, como os Heróis, a realizar as épicas batalhas para reconstruir o Reino Interior.

Morrer em si mesmo, despertar a consciência, atingir a Iluminação e tornar-se um duas vezes nascido é a meta primeira que todo Aspirante deve realizar. Mais tarde virão as façanhas do Hércules Interior que trazem a Ressurreição completa do Espírito. E, por fim, um trabalho que pouquíssimos conseguem fazer, espera-nos a Terceira Montanha, a qual nos levará à Ascensão do Espírito ao Pleroma.

Eis aqui, portanto, uma belíssima obra inspiradora do trabalho interno que está à nossa espera. De cada um que tomar conhecimento deste livro não se espera outra coisa que não a decisão acertada de se lançar pela gloriosa via iniciática superior que nos levará ao cume de todas as grandiosidades espirituais tantas vezes comentadas em obras similares e bem poucas vezes realizadas com o duro trabalho prático e concreto.

O tradutor

PRÓLOGO DA EDIÇÃO ORIGINAL



A doutrina das **Mensagens de Natal** é dada de forma progressiva e coordenada; é didática e dialética; é apresentada em forma pedagógica, capacitando o estudante a compreendê-la. Abandonamos a lógica formal para não cair no erro e ensinamos a lógica superior, o *tertium organum*, o terceiro cânone do pensamento.

Durante o mês de maio estive em companhia do Mestre Samael Aun Weor, no México. Foi um mês dedicado ao estudo e à meditação. Diariamente íamos ao Bosque de Chapultepec e, sob sua direção, estudávamos das nove da manhã até às quatro da tarde, assim:

Uma hora de leitura para movimentar o centro intelectual, cuja base está na cabeça. Findo esse tempo, dizia o Mestre para pôr o centro motor em movimento, cuja base está na parte superior da coluna vertebral. Então fazíamos largas caminhadas pela avenida do Parque, sempre lotada de estudantes e pessoas que se divertiam de forma simples e normal. Depois, íamos pelos jardins e ao zoológico, para movimentar o centro emocional, cuja base está na boca do estômago; dedicávamos meia hora para cada um desses dois cérebros [motor e emocional]. Na sequência voltávamos novamente ao estudo, e assim, a cada duas horas, repetíamos o ciclo de movimentar os três centros do corpo: intelectual, motor e emocional.

Para alcançar uma vida longa é necessário trabalhar adequadamente com os três cérebros; equilibrá-los e aprender a manejá-los, pois neles está depositado o capital cósmico, que são os valores vitais, sobre os quais o Mestre nos fala em suas obras. Essa é a crua realidade dos fatos. Nessas condições, o estudo com o Mestre era um deleite, como saborear um pão bem sovado.

É preciso haver equilíbrio entre ‘ser’ e ‘saber’. ‘Ser’ sem ‘saber’ pode nos transformar em mentecaptos, e ‘saber’ sem desenvolvimento de ‘ser’, transfor-

ma-nos em cafajestes. Eis aí, portanto, a necessidade do estudo metódico e da capacitação de nossa personalidade.

Ao estudar este livro, caro leitor, encontrarás em cada termo a correspondente explicação e, em cada relato, o conhecimento vivo que nos é dado em forma de lenda para que se enraíze em nosso cérebro.

Existem fórmulas claras para eliminar os defeitos e matar os egos e suas legiões. Na convivência, os defeitos afloram; podemos vê-los quando vivemos alertas e vigilantes. É assim que os percebemos. Então, em serena paz, por meio da meditação, trazêmo-los à tela das lembranças, e ali os analisamos e vemos que podemos viver independentemente deles.

Depois de identificá-los, invocamos a bendita Mãe Kundalini, cujo mantra sagrado é **Ram-Io**. Pronunciamos esse mantra três vezes e pedimos a Ela que elimine o ego e suas legiões, personificadas nesse defeito analisado, para que os lance ao Abismo. E assim nossa Mãe nos limpa, lançando-os ao inferno. Quando já tivermos purificado o primeiro plano, devemos seguir fazendo o mesmo nos demais 48 níveis da mente, onde eles se ocultam de forma sutil e delicada.

Perguntava eu ao Mestre lá no México: “Quando me apresentar no templo dos Duas Vezes Nascidos já estarei livre dos egos”?

Ele me respondeu: “Isso é uma questão de transmutação. Quando deixares de unir o Hidrogênio SI-12 com os outros Hidrogênios, como o 12, o 24 e ainda o 48, então estarás preparado para entrar no templo dos Duas Vezes Nascidos. Mas isso não quer dizer que hajas acabado com tuas legiões, porque esse é um trabalho que toca fazer nos 49 níveis da consciência. Depois, quando tenhas exterminado todos os egos, por meio da bendita Mãe Kundalini, então caberá a ti remover as sementes do ego que ficam escondidas, esperando o momento de se reproduzirem. Tens que trabalhar muito nisso”.

Os estudantes gnósticos do México praticam o *Praktimocha* nos dias 14 de cada mês. Essa é uma prática para eliminar egos; consiste em confessar [publicamente] os erros e delitos cometidos durante o mês. A mim me tocou o dia 14 de maio [de 1968] participar da prática. Quando chegou minha vez, denunciei publicamente uma experiência, que tive com uma mulher. Eu a rechacei de imediato, e disse a ela que era gnóstico, e que, além disso, tinha esposa-sacerdotisa.

Quando o Mestre estudou meu relato, disse que eu era o responsável. Então eu lhe disse: ‘Mas eu rechacei essa mulher’. E ele então me respondeu: ‘Se não tivesses esse ego de lascívia escondido em um dos níveis de tua consciência, essa

mulher jamais teria podido chegar a ti'. Então, lhe perguntei: 'O que devo fazer?' Ele me respondeu: 'Retorna o quadro à tua mente por meio da meditação e o analisa; depois peça a Ram-Io – tua bendita Devi Kundalini – que destrua esse diabo e suas legiões, atirando-os ao Abismo, para que fiques livre deles'.

Se quisermos avançar pela Senda das Purificações é preciso possuir sanidade interior. É preciso sair em corpo astral, o que pode ser feito em conjunto com os estudantes mais avançados, valendo-se da habilidade do Mestre ou do Profeta *Ra-Hoor-Khu*; para isso, usar o mantra **Solin Sala Rá**, o qual se repete três vezes.

É preciso aprender a defender os Hidrogênios, especialmente o Hidrogênio SI-12, que é o sexo puro, o *ens seminis* puríssimo.

O Hidrogênio 12¹ é produzido pelo corpo mental; por isso, é necessário evitar os quadros [figuras] eróticos.

O Hidrogênio 24 é produzido pelo corpo de desejos, o astral.

O Hidrogênio 48 é elaborado pelo corpo físico; é necessário evitar as paixões e a luxúria.

O intelecto danifica o Hidrogênio SI-12 e também os demais tipos de hidrogênios do corpo humano.

Quando danificamos o Hidrogênio SI-12, este já não serve mais para a Grande Obra. Também o danificamos quando abusamos do trabalho com os quatro corpos de pecado, pois esses então roubam o Hidrogênio SI-12 do sexo. Então, o centro sexual, para seguir, tem que roubar hidrogênios de seus próprios saqueadores.

O corpo físico é um instrumento; ele obedece ao que ordenamos. Quando executamos o trabalho na Forja de Vulcano devemos tomar cuidado para não introduzir o Hidrogênio 48, pesado, que pertence ao corpo físico, e misturá-lo com o Hidrogênio SI-12 puro do sexo.

O Hidrogênio é a base fundamental de toda a criação: Carbono, Oxigênio, Nitrogênio e Hidrogênio são os nomes das quatro fases da criação: O Carbono é corpo da vontade. O Oxigênio é o corpo mental. O Nitrogênio é o corpo astral. O Hidrogênio é o corpo físico.

1 Não confundir Hidrogênio 12 com Hidrogênio SI-12. O Hidrogênio SI-12 nesta obra é sinônimo de 'energia sexual', enquanto que o Hidrogênio 12 deve ser entendido como 'alimento do corpo mental' ou ainda como 'substância da qual se elabora o corpo mental solar'.

Uma vez que o devoto da Senda tenha trocado os farrapos lunares pelos corpos solares, cabe a ele então desintegrar os corpos solares, para que reste apenas, ao fim, os átomos-sementes de cada um desses corpos, os quais vêm a formar parte do *Ain Soph*. Esse *Ain Soph* é o Espaço Abstrato Absoluto.

O *Ain Soph* sem auto-realização é caótico. Átomo que não se auto-realiza, fracassa, e viverá *Nisso* que não tem nome. O Absoluto não conhece a si próprio; por isso cabe a nós buscar a auto-realização íntima.

Dizia-me o Mestre lá no México: “Descer para trabalhar na forja incandescente de Vulcano é muito fácil; o difícil é subir. A maioria fica no Abismo porque não sabe roubar o fogo do diabo”.

E dizia-me ainda o Mestre: “Onde não há meditação, não há profundidade. Tudo é raso, e no raso sempre há podridão. O caminho do Cristo é o caminho da não-violência. Só a base de tremendos esforços consegue-se fazer algo. Esse sistema é o oposto do monstro das mil cabeças, o qual não só busca a destruição de todas as religiões, como também busca dominar a economia mundial, e assim manter as pessoas sob controle, com cadernetas de racionamento, e aos inimigos, eliminando-os em paredões de fuzilamento, fazendo-os beber chumbo derretido”.

O Mestre cita e menciona o nome de muitas religiões para que todos os estudantes esoteristas possam entender. Considerai que os três inimigos de Hiram Abif – o Cristo Íntimo, o resplandecente Dragão de Sabedoria – são: Desejo, Mente e Má Vontade.

O Demônio do Desejo, o Demônio da Mente e o Demônio da Má Vontade são os três traidores do Cristo Íntimo.

A mente material é a morada do desejo; a mente possui 49 regiões onde mergulham e afloram nossos diabos. Porém, a base de superesforços... [*não consta no original o que o autor dessas linhas quis dizer...*]. O superesforço é aquele que fazemos após termos esgotado todos os esforços.

Existem 12 categorias de hidrogênios, os quais estão distribuídos desde o Absoluto até a matéria submersa (nos Mundos Inferiores). Estes dão fundamento aos 12 tipos de matéria que correspondem aos 12 signos zodiacais.

O Pai nos dá a Graça da Sabedoria. O Filho nos dá a Graça do Amor. O Espírito Santo nos dá a Graça do Poder do Fogo.

Para chamar a Mãe usamos o mantra **Ram-Io**. Ao falarmos com Ela, devemos fazê-lo com puro amor. Assim Ela nos escuta e protege no amparo e no impulso de nosso amor.

Para sair em astral é preciso limpar-nos internamente. Quem tenta sair em astral sem limpeza se transforma em harpia. Lembrem-se que enquanto tivermos Ego não podemos contar com nada.

Os estudantes não devem esquecer que a natureza não tem interesse na auto-realização do homem porque vai contra seus próprios interesses.

Isso a prejudica; ela vive das máquinas humanas porque lhe transmitem vida e energia; somos todos antenas vivas...

O Adepto é um rebelde, um revolucionário. Nós não temos interesse nos poderes da personalidade porque evidenciamos que são satânicos; nós queremos ser átomos do Absoluto.

Depois de haver formado os quatro corpos solares, Devi Kundalini nos ajuda; então chegam os Graus e as Iniciações.

Ela nos ajuda a nos limparmos. Mais tarde, quando já tenhamos sido limpos e estejamos sem pecado, quando já tenha concluído sua obra, Ela nos leva ao Bem-amado, pois é mãe amantíssima.

Dentro do nome de Maria está oculto o mantra **Ram-Io**. É preciso aprender a orar à Mãe Digníssima, com esta oração: “Deus te saúda, ó Ram-Io. Cheia és de Graça”. [Bendita és Tu entre as mulheres, e bendito é o fruto de teu ventre, Jesus]

É preciso aprender a amá-la. O que não faz uma mãe por seu filho? Se a mãe carnal faz tanto por nós, o que então não faz a Divina Mãe por nós?

Que esta **Mensagem de Natal** traga um novo alento a todos os devotos da Senda.

Que a paz mais profunda reine no coração de todos.

JULIO MEDINA V.

INTRODUÇÃO DO AUTOR



Escrevo o Quinto Evangelho e ensino a religião-síntese, a primeira, a Doutrina de Jano ou dos *Jinas*.

Esta é a religião-sabedoria dos antigos colégios sacerdotais, gimnosofistas ou dos *Jinas* solitários da Ásia Central; dos joanitas [oanitas]², samanos, ascetas egípcios, pitagóricos antigos, rosacruz medievais, templários, maçons primitivos e de outras irmandades esotéricas conhecidas em maior ou menor grau, cuja lista daria dezenas de páginas.

Esta é a doutrina secreta dos Cavaleiros do Santo Graal. Esta é a Pedra Viva de Jacó, o *lapis eletrix* (*Magnes*) dialeticamente explicado.

Sem o quinto evangelho, os quatro conhecidos permanecem velados; escrevo para rasgar o Véu de Ísis.

É urgente revelar para ensinar. É preciso pregar o Evangelho do Reino em todas as nações do mundo.

Pregar sem revelar é o mesmo que não ensinar. Precisamos explicar os quatro evangelhos com o quinto.

O Evangelho do Reino jamais foi pregado porque jamais foi explicado.

Os quatro evangelhos estão codificados. Por isso jamais foram explicados em sua essência. Com o quinto, a luz resplandece nas trevas.

Eis aqui, portanto, mais um livro do Quinto Evangelho³. “Para quem sabe, a palavra dá poder; ninguém a pronunciou, ninguém a pronunciará; somente aquele que a encarnou”.

Paz Inverencial!
Samael Aun Weor

2 Palavra derivada da antiga divindade marinha babilônica Oannes (o mesmo Ea dos sumérios), metade homem, metade peixe e tido como o civilizador da raça humana.

3 A expressão ‘mais um livro do Quinto Evangelho’ quer dizer ‘mais uma Mensagem de Natal’. Segundo o autor, as **Mensagens de Natal** formam o Quinto Evangelho de Samael.

CAPÍTULO 1
A MÃE DIVINA E OS DEUSES SANTOS



“Virgem Mãe, Filha de teu Filho, a mais humilde e ao mesmo tempo a mais elevada de todas as criaturas, marco fixo da vontade eterna, tu és aquela que enobreceu de tal sorte a natureza humana que teu Criador não desdenhou em te transformar em sua própria obra. Em teu seio inflamou-se o amor, cujo calor fez germinar esta flor na paz eterna. Tu és para nós um meridiano sol de caridade e, em baixo, para os mortais, vivo manancial de esperança. És tão grande, Senhora, e tanto vales, que todo aquele que desejar alcançar uma Graça e a Ti não recorrer, quer que seu desejo voe sem alma. Tua bondade não só socorre ao que te implora como, muitas vezes, se antecipa espontaneamente à súplica. Em Ti se reúnem a misericórdia, a piedade, a magnificência e tudo quanto de bom existe nas criaturas. Este, que da mais profunda laguna do universo até aqui viu uma a uma todas as existências espirituais, te suplica que concedas a graça de adquirir tal virtude, que possa elevar-se com os olhos até a sanidade suprema. E eu, que nunca desejei ver mais do que desejo que eles vêem, te dirijo todos os meus rogos e te suplico que não sejam vãos, a fim de que dissipes com os teus [olhos] todas as névoas procedentes de sua condição mortal, de sorte que possa contemplar o sumo prazer abertamente. Ademais, rogo-te, ó Rainha, que podes tanto quanto queres, que conserves puros os seus afetos depois de tanto ver. Que a tua custódia triunfe dos impulsos das paixões humanas. Olha como Beatriz junta suas mãos com todos os bem-aventurados para unir suas orações às minhas”. (**Divina Comédia: Paraíso, Canto 33**).

“Ó Ísis, Mãe do Cosmo, raiz do amor, tronco, botão, folha, flor e semente de tudo que existe. A ti, força naturalizante, te conjuramos e te chamamos de Rainha do Espaço e da Noite. Beijando teus olhos

amorosos, bebendo o orvalho de teus lábios, respirando o doce aroma do teu corpo, exclamamos: Ó Nut! Tu, eterna Seidade do Céu, que és a Alma Primordial, que és o que foi e o que será, a quem nenhum mortal levantou o véu, quando estiveres sob as estrelas irradiantes do noturno e profundo céu do deserto, com pureza de coração e na chama da serpente te chamaremos”. (**Ritual Gnóstico**).

“Glória, glória à Mãe Kundalini, que mediante sua infinita graça e poder, conduz o *Sadhaka* de chacra em chacra e ilumina seu intelecto identificando-o com o Supremo Brahman. Possam suas bênçãos nos alcançar!” (**Sivananda**).

Porventura, o troiano Enéias não foi filho do herói Anquises e da Deusa Vênus? Quantas vezes a Mãe Divina se mostrou favorável aos troianos, inclinando também em favor deles a vontade de Júpiter (o Logos Solar), Pai dos Deuses e dos homens?

Ó Éolo, Senhor do Vento, tu que tens o poder de apaziguar e de encrespar as ondas do imenso mar, tu que submergiste parte da frota troiana nas embravecidas ondas, responde-me: Que seria de ti sem tua Divina Mãe Kundalini? De onde tirarias tão grande poder?

Ó Netuno, Senhor das sublimes profundidades marítimas, Tu, Grande Deus, diante de cujo divino olhar fogem os ventos e se apaziguam os furiosos elementos, acaso podes negar que tens uma Mãe? Ó Senhor das Profundezas, Tu bem sabes que sem Ela não empunharias em tua direita esse poderoso tri-dente, que te confere o poder de reinar sobre os espantosos segredos do Abismo. Ó Netuno! Venerável Mestre da humanidade. Tu que deste aos povos da submersa Atlântida tão sábios preceitos, lembra-te de todos nós que te amamos, ó Grande Senhor.

Quando o Aquilão levanta as ondas até o céu e alguns naufragos se vêem lançados até os astros, enquanto que outros sentem-se submergir nos abismos, nenhuma esperança mais lhes resta que a tua misericórdia.

O Noto estraçalha os navios contra os escolhos ocultos no fundo e o Euro precipita-os contra as costas, encalhando-os na areia ou quebrando-os contra escarpadas rochas, porém Tu, Senhor Netuno, salvas a muitos dos que nadam e depois tudo fica em silêncio. As grutas das paragens misteriosas, onde vivem as ninfas marinhas, conservam a lembrança de tuas obras, ó Grande Deus.

Todos que conheceram os perigos do tempestuoso oceano da vida, a terrível raiva de Escila, a dos recifes mugentes, as rochas dos vigilantes Ciclopes, o difícil caminho que conduz ao Nirvana e os combates de Mara, o tentador, com suas três Fúrias, jamais cometam o delito da ingratidão, jamais esqueçam a sua Mãe Divina.

Bem-aventurados aqueles que compreendem o mistério de sua própria Mãe Divina. Ela é a raiz da própria Mônada. Em seu seio imaculado é gestada a criança que Ela carrega em seus braços: nosso Buddha Íntimo.

Vênus, descendo dos altos cumes, disfarçou-se de caçadora para visitar seu filho Enéias, o Herói de Tróia, com o reto propósito de orientá-lo até Cartago, onde reinava, florescente, a rainha Dido, aquela que depois de ter jurado fidelidade perante as cinzas de Siqueu, se matou por paixão.

A Adorável tem o poder de se fazer visível e tangível no mundo físico sempre que quiser. Ó mortais ignorantes! Quantas vezes, meu Deus, vocês foram visitados por vossa Mãe Divina e, mesmo assim, não a reconheceram. Que ditoso foste tu, ilustre cidadão da soberba Ílion, quando tua Adorável Mãe te cobriu com uma nuvem para te fazer invisível!

Vós que cobiçais poderes mágicos, porventura ignorais que vossa Sagrada Mãe é onipotente? Ó Senhora minha! Somente o cantor Iopas com sua longa cabeleira e sua cítara de ouro poderia cantar tuas bondades.

CAPÍTULO 2

UNIVERSOS PARALELOS



Uma hipótese audaz sugere a existência de um universo fantasma semelhante ao nosso. Somente há uma fraca interação entre esses dois universos, de modo que não vemos o outro mundo que se mistura com o nosso.

O gnosticismo científico revolucionário vai muito mais longe nessa questão e afirma enfaticamente a coexistência harmoniosa de uma infinidade de universos paralelos.

A exclusão radical desse conceito científico e transcendental deixaria sem explicação lógica uma série considerável de fatos inclassificáveis, como os dos misteriosos desaparecimentos.

Nas perfumadas e deliciosas margens do rio que alegre e feliz desliza cantando pelas selvas profundas de uma região tropical da América do Sul, certa vez um grupo de inocentes crianças viu, com horror, desaparecer sua própria mãezinha. Viram-na flutuar no espaço por alguns instantes e depois pareceu submergir em outra dimensão.

Num dia de verão de 1809, Benjamin Bathurst, embaixador da Inglaterra na corte da Áustria, achava-se em uma pequena cidade da Alemanha. Sua caruagem deteve-se diante de uma estalagem. O embaixador desceu e caminhou alguns passos. Os cavalos ocultaram sua imagem por uns momentos e, diante do estalajadeiro, seus próprios criados e alguns viajantes que por ali se encontravam, sumiu para nunca mais reaparecer.

Nestes perigosos dias de nossa vida, os desaparecimentos misteriosos de homens, mulheres, crianças, navios, aviões, multiplicam-se escandalosamente, apesar dos serviços de inteligência e dos magníficos equipamentos de radar e rádio que teoricamente não deveriam permitir que tais mistérios ficassem sem explicações.

O conceito de Universos Paralelos resulta bem mais exato e mais científico que os famosos planos subjetivos do pseudo-ocultismo reacionário. Uma análise profunda nos leva à conclusão lógica de que esses universos não somente existem nas dimensões superiores do espaço, como também nas submersas infradimensões.

De nenhuma maneira é absurdo afirmar, com total segurança, que dentro de cada Universo Paralelo existem outras séries de universos, as quais podemos denominar de átomos, moléculas, células, partículas, organismos, etc.

Por favor, querido leitor, tenha a bondade de refletir e compreender. Não estamos falando de universos de antimatéria, que é algo totalmente diferente. A antimatéria obedece exatamente às mesmas leis que regem a matéria, apenas que cada uma das partículas que a compõem tem uma carga elétrica inversa à da matéria que conhecemos.

No seio profundo da Mãe Espaço há milhões de Galáxias constituídas de antimatéria, porém elas também têm seus Universos Paralelos.

Nenhum físico ignora que este universo em que vivemos, nos movemos e morremos, existem, graças a certas constantes, velocidade da luz, constante de Planck, número de Avogadro, carga elementar, eletrovoltagem, energia em repouso de um corpo de massa igual a 1kg, etc.

Quando um universo possui constantes radicalmente diferentes resulta completamente estranho e inimaginável para nós. Porém, se as diferenças não forem muito grandes, as interferências com o nosso mundo se tornam possíveis.

Os sábios modernos inventaram um espelho mágico assombroso: o acelerador de prótons. Realmente, são assombrosas as cenas de nosso vizinho Universo Paralelo, situado na quarta dimensão. Causa perplexidade, indecisão e incerteza o comportamento extraordinário de certa misteriosa partícula denominada Méson K.

Três cientistas chineses que residiam e trabalhavam nos Estados Unidos, Lee, Yang e a senhora Wu, descobriram com assombro e surpresa que os Mésons K não cumprem a lei de conservação da paridade.

A admirável, estupenda e insólita descoberta veio a demonstrar que o Méson K se conduz de uma maneira estranha porque é perturbado pelas maravilhosas forças do Universo Paralelo.

Os modernos cientistas acercam-se perigosamente da quarta dimensão e até tentam perfurá-la com a ajuda do Neutrino.

O Neutrino é prodigioso, portentoso, causa espanto, pois possui a capacidade de atravessar uma espessura infinita de matéria sem reação considerável.

Os fótons ou grãos de luz podem vir do infinito inalterável, mas basta uma delicada folha de papel para detê-los. Em troca, o Neutrino pode atravessar o planeta Terra em sua totalidade como se fosse vazio. É, pois, sob todas as luzes, o agente indicado para penetrar no Universo Paralelo vizinho.

Tempos atrás, o famoso cientista italiano Bruno Pontecorvo propôs a construção de um telescópio de Neutrinos. Sua idéia era surpreendente porque com tal instrumento óptico e revolucionário poder-se-ia penetrar no Universo Paralelo vizinho.

De fato, surpreendente saber que os Mésons, cujo comportamento permitiu aos cientistas chineses proporem a hipótese dos Universos Paralelos, sejam obtidos nas desintegrações com a emissão de Neutrinos.

Os Universos Paralelos interpenetram-se mutuamente sem se confundirem. Cada um possui seu espaço que não é o nosso.

O gnosticismo científico revolucionário vai muito além das simples hipóteses e suposições e afirma solenemente a existência dos Universos Paralelos. Os estudantes de esoterismo necessitam de uma revolução cultural e espiritual. Essa questão de planos e subplanos constitui um tema que além de jamais ter sido claro e objetivo, conduziu a muita confusão.

É urgente mudar o léxico esoterista. Necessita-se de um novo vocabulário ocultista, uma linguagem especial e revolucionária que sirva exatamente para a ideologia da Era de Aquário.

Ao invés dos citados Planos Metafísicos das pomposas teorias, melhor é falarmos dos Universos Paralelos.

CAPÍTULO 3 RUNA FÁ



Querido leitor, dissemos solenemente em precedentes **Mensagens de Natal** que o pobre animal intelectual é tão somente uma crisálida, na qual deve se formar e se desenvolver isso que se chama ‘Homem’.

‘Fogo solar’ certamente é o que se precisa para fazer e desenvolver dentro de nós essa disponibilidade humana.

Fohat é a força geradora, o fogo central vivo e filosófico que pode originar, dentro da cosmobiologia do animal racional, o autêntico e legítimo mutante, o homem real e verdadeiro.

Há muitos tipos de fogo. Recordemos os fogos de Santelmo⁴ durante as tempestades. Lembremo-nos também daquela misteriosa coluna de fogo que durante a noite guiava os israelitas no deserto. Interessante também lembrarmos essas luminescências estranhas dos cemitérios que a Física catalogou, a seu modo, com o nome de fogo-fátuo. Existem ainda muitas reminiscências sobre raios em forma de bolas, *meteoros-gato*, etc.

H.P. Blavatsky⁵ alude em sua monumental obra intitulada **A Doutrina Secreta**, no parágrafo em que comenta o Kaos dos antigos, o Fogo Sagrado de Zoroastro, o famoso *Atash-Behram* dos persas.

4 É um fenômeno relativamente comum em linhas de transmissão com sobrecargas. Devido ao campo elétrico muito intenso nas vizinhanças dos condutores, as partículas de ar que os envolvem tornam-se ionizadas e, como consequência, emitem luz quando da recombinação dos íons e dos elétrons. O fenômeno também é conhecido como ‘efeito corona’. Esse nome vem de Santo Elmo, padroeiro dos marinheiros, e surgiu quando antigos marinheiros observaram navios com os mastros envoltos por uma tênue luz. Fonte: <http://www.sitedecuriosidades.com>

5 Fundadora da Sociedade Teosófica, nascida na Ucrânia em 12 de agosto de 1831 (pelo calendário russo) e tendo desencarnado em Londres, aos 60 anos de idade, no dia 8 de maio de 1891.

Que inefáveis são as palavras de H.P. Blavatsky, quando fala do Fogo de Hermes!

São notáveis as explicações dessa grande mártir do século passado, quando nos relembra o Fogo de Hermes dos antigos germanos; o fulgurante Raio de Cibele; a Tocha de Apolo, a chama do altar de Pan, as brilhantes chispas nos elmos dos Dióscuros, na cabeça das Górgonas, no elmo de Palas e no Caduceu de Mercúrio.

Que sublimes foram os inextinguíveis fogos nos templos de Apolo e de Vesta!

Que excelso foi o Ptah-Rá egípcio! Quão magno resplandeceu na noite dos séculos o Zeus Cataibates grego, o qual desce do céu para a terra, segundo Pausânias.

A sarça ardente de Moisés e as línguas de fogo de Pentecostes certamente são muito similares ao túnel flamejante da fundação do México.

A inextinguível lâmpada de Abraão ainda brilha refulgente e terrivelmente divina.

O fogo eterno do Abismo sem fundo ou do Pleroma dos gnósticos é algo que jamais podemos esquecer.

Falando do fogo sagrado, convém mencionar ainda os fúlgidos vapores do Oráculo de Delphos, a luz sideral dos gnósticos-rosacruz, o *Akasha* dos adeptos hindus, a luz astral de Eliphas Levi, etc.

Todos os livros iniciáticos estão escritos com caracteres de fogo. Precisamos fecundar nossa natureza íntima se verdadeiramente quisermos que o Homem Solar nasça dentro de nós.

INRI: *Ignis Natura Renovatur Ingram.* O fogo renova integralmente toda a natureza.

Entre os múltiplos fogos que crepitam na Águia Divina, aquele que resplandece, dá luz e brilha na glândula pineal, parte superior do cérebro, é sempre o cantor do Espírito Santo, o qual transporta a Arca de cidade em cidade, ou seja, de chakra em chakra, ao longo da espinha dorsal.

Precisamos despertar a consciência com a máxima urgência, se realmente quisermos nos autoconhecer. Só o homem autoconsciente consegue penetrar à vontade nos Universos Paralelos.

Os adeptos hindus do Hatha-Ioga falam muito de Devi-Kundalini, a serpente ígnea de nossos mágicos poderes, e até supõem que conseguem des-

pertá-la à base de exercícios respiratórios e outras práticas físicas complicadas e difíceis.

Nós os gnósticos sabemos que a Serpente de Bronze que curava os israelitas no deserto, a Divina Princesa do Amor, somente desperta e sobe pela espinha dorsal com a prática do *Maithuna*, mas convém não subestimar o Pranayama.

É importante saber que a ciência mágica do alento sabiamente combinada com a meditação científica nos permite utilizar certas chispas, centelhas ou raios do Kundalini com o propósito de despertar.

Trabalhar conscientemente nos vários Universos Paralelos, viajar à vontade com plena lucidez por todas essas regiões supra-sensíveis, só é possível transformando o subconsciente em consciente.

Existe o judô do espírito. Estamos nos referindo aos exercícios rúnicos, os quais são formidáveis para se conseguir o despertar da consciência.

Quem quiser trabalhar com esse judô deve começar com a Runa de Mercúrio, cuja cor violeta produz forças cósmicas extraordinárias.

Essa runa nórdica encerra em si toda a potência e todo o impulso da fecundação. Precisamos do alento do *Fohat* para fecundar nossa própria mente; precisamos de chispas pentecostais para tornarmo-nos autoconscientes.

Se analisarmos as práticas da Runa **Fá**, poderemos evidenciar que nelas há *pranayama*, oração, meditação e certa postura sagrada.

PRÁTICA

Devemos saudar cada novo dia com imensa alegria. Ao nos levantarmos da cama, devemos elevar os braços para o Cristo-Sol, Nosso Senhor, de tal forma que o braço esquerdo fique um pouco mais levantado que o direito. A palma das mãos permanece diante da luz nessa inefável atitude de quem realmente aspira receber os raios solares.

Esta é a sagrada posição da Runa **Fá**.

Uma vez assim postados, trabalharemos agora com o *pranayama*, respirando pelo nariz e exalando o ar pela boca de maneira rítmica e com muita fé.

Imaginemos que a luz do Cristo-Sol entra em nós pelos dedos das mãos, circula pelos braços, inunda todo o nosso organismo e chega até a consciência, estimulando-a, despertando-a e chamando-a à atividade.

Nas noites misteriosas e divinas, pratiquem com esse judô rúnico diante do céu estrelado de Urânia. A posição é a mesma, porém devemos acrescentar a seguinte oração:

“Força maravilhosa do amor, avivai meus fogos sagrados para que a minha consciência desperte”.

A seguir, canta-se os mantras: **Fá... Fé... Fi... Fó... Fu...**, alongando-se o som das vogais.

Esta pequena e forte oração pode e deve ser rezada com todo o coração tantas e quantas vezes quiser.

CAPÍTULO 4

DEUSES PENATES⁶



Por quatro vezes, chocou-se o Cavalo de Tróia violentamente contra os invictos muros, deixando escapar de seu monstruoso ventre, o metálico ruído de muitas armas. Porém os troianos não se detiveram, cegos que estavam por um Deus que assim o quis.

Então profetizou Cassandra, vaticinando uma tremenda ruína. Possuída por espírito divino, agitava-se convulsa, tendo o cabelo em desordem. Mas como Apolo a havia castigado, evidente que ninguém quis escutá-la.

Ó Cassandra dos maravilhosos presságios! Que terrível foi o teu karma. Foste arrastada pelos cabelos de maneira cruel, impiedosa, desumana e bárbara, enquanto que os ferozes e sanguinários Aqueus no palácio do velho Príamo derrubavam as augustas torres, dismantelavam os veneráveis muros e a tudo profanavam com o terrível bronze homicida.

As esplêndidas e suntuosas dependências da Casa Real do velho rei encheram-se de soldados impiedosos e cruéis. Hécuba e suas desesperadas cem no-ras corriam como loucas pelas salas e corredores. O sangue do ancião Príamo manchava de púrpura o sacro altar dos Deuses Santos.

Está escrito que quando os Deuses querem extraviar os homens primeiro os confundem. Inúteis foram as maldições do venerado monarca. De todo modo Pirro volta sua cruel arma contra o venerável ancião e o degola junto ao altar de Júpiter, Pai dos Deuses e dos homens.

Horrenda sorte teria sofrido a bela Helena se Vênus, a Divina Mãe Kundalini de Enéias, não houvesse detido o temível braço de seu filho. Ela se faz visível e

6 Os Penates eram os deuses que atendiam ao bem-estar e prosperidade das famílias. Seu nome vem de Penus, a despensa, que a eles era consagrada. Cada chefe de família era o sacerdote dos Penates de sua casa. Fonte: BULFINCH, Thomas. O Livro de Ouro da Mitologia. São Paulo: Martin Claret, 2006, p. 17.

tangível diante do herói troiano e cheia de dor lhe diz: “Meu filho, para que este ressentimento? Para que este furor? Te esqueceste tão rapidamente assim de socorrer os teus? Por todas as partes há gregos armados e se não fosse eu para velar por tua família, há tempo [ela] já teria perecido. Não creias, infeliz, que tenha sido a beleza dessa espartana a única causa da destruição da cidade. Olha, vou tirar o véu que cobre teus olhos mortais e verás quem derruba os impérios”.

Ditas estas palavras, a Divina Mãe Kundalini passou sua adorada mão pelos terríveis olhos de seu filho, o herói troiano, e tudo se transformou diante de suas vistas de águia rebelde.

Os guerreiros, as lanças, as máquinas de assalto, os generais, os conselheiros, tudo desapareceu como por encanto e em seu lugar viu algo terrivelmente divino: os Deuses Sagrados golpeavam duramente, com suas égides, as invictas muralhas da soberba Ílion, as quais caíam com grande estrondo, ruído e fragor.

Contam as velhas tradições que o guerreiro de Tróia pode ver, na parte do mar, ao Deus Netuno fazendo uma enorme e profunda brecha com seu tridente de aço.

Tudo o que ele viu foi espantoso. Júpiter Tonante lançava os raios lá do Olimpo, enquanto que Minerva, a Deusa da Sabedoria, matava milhares de guerreiros troianos com seu implacável cetro.

A adorável e divina Mãe Kundalini de Enéias diz ainda a seu filho: “Está vendo? Somos nós mesmos. Tudo está perdido. Este é o decreto celeste. Tróia tinha que sucumbir. Limita-te a fugir, meu filho. Cessa todos teus esforços. Eu não te abandonarei e te conduzirei até onde está teu pai, com segurança”.

Velhas tradições narram que o paladino troiano imediatamente obedeceu à sua Divina Mãe Kundalini, abandonou a régia hecatombe e dirigiu-se para sua morada. Lá, deparou-se com um verdadeiro drama apocalíptico: Gritos, lamentos e palavras de protesto do velho pai que se negava a sair do lar. Enéias, desesperado, queria regressar ao fragor da batalha apesar dos ternos rogos de sua esposa.

Felizmente, o divino Júpiter, o Cristo Cósmico, interveio enviando um extraordinário prodígio que fez as esperanças renascerem. O fogo sagrado do altar saltou e atingiu a nobre cabeleira de seu querido filho Iulo, e quando quis apagá-lo com a água lustral, o avô do menino, pai de Enéias, chefe supremo da família, reconheceu a Vontade de Deus. Levantou suas trêmulas mãos e orou; então escutou-se algo terrível: um trovão espantoso, e uma estrela fugaz passou por cima da casa, indo perder-se imponente na direção do monte Ida.

Tudo isso foi definitivo para que o seu velho pai, antes renitente em abandonar o lar, onde havia visto passar tantos anos, se decidisse, por fim, renunciar a tudo e sair com o ínclito guerreiro, seu neto e toda sua família.

Conta a lenda dos séculos que o respeitável pai de Enéias, antes de abandonar Tróia, teve que entrar no templo de Ceres, a Mãe Cósmica, para recolher, com a mais profunda devoção e terror divino, seus Deuses Penates.

O herói general Enéias não pôde tocar nas sagradas esculturas dos santos e venerados Deuses, pois tinha combatido e matado muitos homens. Precisava antes purificar-se com a água pura da vida para obter o direito de tocar essas efígies terrivelmente divinas.

Um sopor de incontáveis séculos pesa sobre os antigos mistérios, e os Deuses Penates continuam existindo nos Universos Paralelos.

Nos mundos supra-sensíveis das dimensões superiores do espaço os Hierofantes podem conversar com esses Deuses Penates, regentes das cidades, povos, aldeias e lares.

O bendito Patrono de um povo é o seu Deus Penate ou Santo Anjo da Guarda. O Reitor Secreto de qualquer cidade é sua deidade especial. O Espírito protetor de qualquer família é seu diretor espiritual.

Todos os Gênios ou *Jinas* misteriosos das raças, famílias, nações, tribos, clãs, certamente constituem os Deuses Penates dos tempos antigos que continuam existindo nos mundos superiores.

Muitas vezes temos conversado com esses Deuses Penates, regentes de antigas cidades clássicas, sendo que alguns padecem o indizível, pagando terríveis dívidas kármicas.

Ulisses, vigiando a rica presa de guerra: as taças de ouro, as pedras preciosas de incalculável valor, os valiosos quadros, não pode ver Enéias, o troiano que clamava na trágica noite por Creusa, sua esposa. Assim cumpriu-se a vontade dos Santos Seres; ardeu Tróia e morreu Creusa, porém Enéias, junto com seu velho pai, seu filho e muita gente, fugiu para as terras do Lácio, levando seus Deuses Penates.

CAPÍTULO 5 OS PUNCTAS



Análises científicas profundas têm demonstrado de forma contundente, convincente e decisiva que o átomo não é, de modo algum, a partícula mais infinitesimal da matéria.

Os físicos atômicos criaram o dogma do átomo e, de forma firme, irrevogável e inapelável, excomungam, maldizem e lançam suas imprecizações e anátemas contra todo aquele que tenta ir um pouco mais longe.

Nós, gnósticos, afirmamos de maneira enfática e solene, que a matéria se compõe de certos elementos definidos, conhecidos corretamente com o nome de *puncta*.

Nossa teoria científica criará, de fato, um cisma, uma desavença, entre os acadêmicos, mas a verdade tem que ser dita. Precisamos ser francos e sinceros e pôr as cartas na mesa de uma vez por todas.

Dentro dos punctas a noção de espaço não tem a menor importância. Ainda que pareça incrível, dentro dos punctas, o raio de um dos sete últimos pontos é, fora de toda dúvida, a menor longitude existente⁷.

Um grande sábio, cujo nome não menciono, disse: “Os punctas se atraem quando se encontram bem longe um do outro e se repelem quando estão bem perto. Depois, a uma certa distância, torna a ocorrer uma nova atração”.

Profundas investigações feitas com o sentido espacial plenamente desenvolvido, de forma íntegra, me permitiram evidenciar claramente que os punctas têm uma bela cor dourada.

⁷ O parágrafo parece não fazer sentido. Mas é exatamente assim que está escrito no original.

A experiência mística direta permitiu perceber claramente que os movimentos de interação dos punctas desenvolvem-se de acordo com a teoria da mecânica ondulatória moderna⁸.

Os sábios gnósticos, através de observações científicas rigorosas, puderam compreender profundamente que os punctas não são átomos, nem núcleos, nem partículas de espécie alguma.

Fora de toda dúvida e sem temor de nos equivocarmos, podemos e devemos afirmar categoricamente que os punctas são elementos totalmente desconhecidos para a física moderna.

Seria absurdo dizer que os punctas ocupam espaço. Para uma mente acostumada com as graves disciplinas do pensamento, resultaria ilógica e disparatada a afirmação de que tais objetos possuíssem qualquer tipo de massa.

A todas as luzes resulta claro entender que os punctas não têm propriedades elétricas ou magnéticas, ainda que tais forças e princípios os governem e dirijam.

Diversos agregados de punctas, sob o inteligente impulso do Logos Criador, vêm a se constituir nisso que chamamos de neutrinos, partículas, núcleos, átomos, moléculas, estrelas, galáxias, universos, etc.

A experiência mística direta no Universo Paralelo da sétima dimensão ou região do Inefável Atman me permitiu compreender que tudo o que existe em qualquer um dos sete cosmos, desde o mais insignificante átomo até o organismo mais complexo, reduz-se em última análise a números.

Que quantidade de punctas se torna indispensável para a construção de um elétron?

8 Mecânica ondulatória ou mecânica quântica é como se denomina em geral o tratamento teórico do comportamento atômico desenvolvido por Bohr, Schrödinger e seus seguidores. Em Copenhague, Dinamarca, depois da Primeira Guerra Mundial, Niels Bohr reuniu um grupo de físicos que tinha o objetivo de construir uma teoria abrangente do comportamento dos elétrons nos átomos a partir da idéia de o elétron ser um corpúsculo. Erwin Schrödinger (1887-1961), um físico austríaco, trabalhava na época independentemente no mesmo assunto, mas usava a hipótese de Broglie, segundo a qual o elétron num átomo poderia ser descrito por equações do movimento ondulatório. Embora Bohr e Schrödinger tivessem êxito na previsão de alguns aspectos do comportamento do elétron, a abordagem de Schrödinger deu resultados corretos para algumas propriedades para as quais as idéias de Bohr fracassaram. Por esta razão, a abordagem de Schrödinger passou a ser aceita na época e ainda prevalece até os dias de hoje.

Que capital de punctas se requer para estruturar um átomo de Hidrogênio?

Que soma exata de punctas é preciso para dar existência a um átomo de Carbono?

Quantos punctas são necessários para a criação de um átomo de Oxigênio?

Qual é o compêndio preciso de punctas básicos, cardinais, para a formação de um átomo de Nitrogênio?

Infelizmente, ainda ignoramos tudo isso. Devemos buscar o segredo do universo, e de todos e de cada um dos sete cosmos, não nas formas ilusórias, mas sim, nos números, nas matemáticas.

Depois de rigorosas observações e de análises profundas, chegamos à conclusão que o movimento ondulatório mecânico dos punctas se processa em séries que passam de uma dimensão para outra e para outras.

As sete ordens de mundos têm sua *causa causorum*, origem e raiz em sete séries de punctas.

Claramente se deduz que a primeira série deu origem à segunda, esta à terceira, e assim sucessivamente.

Analisando, examinando esta questão dos punctas e de seu desenvolvimento em séries que se processam multidimensionalmente, encontramos a própria base dos Universos Paralelos. A análise, a experiência, a lógica superior, permitem a compreensão de que há universos que viajam no tempo de maneira bastante diferente da nossa e que estão construídos de forma estranha e submetidos a leis bem distintas.

Pelo espaço estrelado, viajam mundos que estão situados em outros tempos, estranhos e misteriosos para nós.

A natureza possui múltiplos jogos no espaço infinito, mas os punctas são o fundamento vivo de qualquer tipo de matéria.

Em nenhum rincão do infinito jamais foi escrito o último tratado de Física. Se um Einstein se reencarnasse em alguma galáxia de antimatéria, com assombro teria de se reconhecer como um analfabeto.

Muito escreveram os tratadistas pseudo-esotéricos e pseudo-ocultistas sobre cosmogênese, porém, no espaço infinito há milhões de microfísicas e distintas e diferentes cosmogonias.

Precisamos analisar com urgência, observar judiciosamente e ir além das partículas da física moderna se de fato quisermos conhecer os elementos primários, os punctas fundamentais.

Chegou a hora de transcender o atomismo ingênuo e de estudar profundamente os punctas e as secretas leis da vida.

CAPÍTULO 6

RETORNO E TRANSMIGRAÇÃO



Contam antigas tradições que Enéias permaneceu algum tempo refugiado com sua gente nos bosques de Ida até que os gregos abandonassem a velha Tróia.

Quando os helenos abandonaram as heróicas ruínas da soberba Ílion, Enéias construiu sua frota, e chorando, abandonou as praias da pátria e a planície solitária, onde estava situada a antiga fortificação, agora convertida em um montão de enegrecidas ruínas.

Sob a luz do plenilúnio, o vento incha as doces velas e o remo luta com o suave mármore. Assim o herói chegou com seus navios e sua gente às costas da Trácia, país rude, onde esperava encontrar terra acolhedora, já que os trácios tinham sido aliados do ancião Príamo.

Diz a história dos séculos que na rude terra dos trácios, Enéias fundou uma cidade à qual deu seu nome, chamando-a de Enéada.

Quando os troianos faziam o sacrifício a Júpiter, o Cristo Cósmico, nos precisos momentos em que se preparavam para acender o fogo e imolar o branco touro, ocorre um extraordinário prodígio. Os galhos, que cortavam para queimar, deixaram cair, ao invés da seiva, um sangue negro e corrompido que manchava a terra.

Enéias ficou gelado de terror e suplicou aos Deuses Inefáveis que fizessem com que aquele presságio se tornasse favorável a seus desígnios.

Conta-se que o herói rompeu outros galhos da mesma árvore, porém todos gotejavam sangue. De repente, chegou a seus ouvidos uma voz que parecia sair das raízes da planta que dizia: “Enéias, por que me despedaças? Respeita a um pobre infeliz e não cometas a crueldade de me torturar. Sou eu, Polidoro, a quem os inimigos crivaram de feridas neste mesmo lugar. Os ferros que cravaram em meu corpo germinaram e criaram uma planta que, em lugar de puas, dá aceradas azagaias”.

Relatam as lendas que, sob o monte de terra, onde estavam encravadas as raízes da árvore, Enéias fez consagrar um altar aos Manes do morto e libações de vinho e leite foram derramadas. Assim, celebraram-se os funerais de Polidoro, o falecido guerreiro morto na dura batalha.

Desde os antigos tempos da Arcádia, quando ainda se rendia culto aos Deuses dos quatro elementos do universo e às divindades do milho brando, os velhos Hierofantes, encanecidos na sabedoria, jamais ignoraram a multiplicidade do Ego.

Por ventura, seria algo raro que alguma dessas entidades que constituem o Ego, se afezasse com tanto afã à vida que viesse a renascer em uma árvore?

Chega-me à memória aquele caso do amigo de Pitágoras reincorporado em um infeliz cão.

Por acaso, não se ajuda também os centauros? O que nos diz a lenda dos séculos?

Esses épicos guerreiros que caíram sangrando entre os elmos e as rodas [dos carros de guerra] dos gloriosos mortos, por amor à sua gente e à sua pátria, recebem uma ajuda extra, bem merecida, ao retornarem a esse mundo. Está escrito com terríveis palavras que os centauros eliminaram uma parte de si mesmos, de seu querido Ego, antes de retornarem a este vale de lágrimas.

É lei para os centauros que se reincorpore o menos perverso no corpo humano e que o decididamente maligno ingresse no crematório dos mundos infernais.

Dante, o velho florentino coroado de lauréis, encontrou muitos centauros no Abismo. Lembremo-nos de Quíron, o velho educador de Aquiles, e do irascível Folo⁹.

O grande livro da natureza, escrito com brasas vivas, diz com uma clareza que apavora: muitas partes do Ego se perdem antes do retorno a este mundo. Muitos agregados psíquicos do Ego se reincorporam em organismos de feras, outros se afezram desesperadamente, como o caso de Polidoro, aos galhos das árvores e, por último, certos elementos subjetivos do Ego continuam sua involução no reino mineral submerso.

A transmigração, fora de toda dúvida, é algo bem similar, ainda que com grandes diferenças e com raízes mais profundas.

9 Quíron e Folo são dois centauros mencionados nos feitos de Hércules.

Entre as tremendas chamas da vida, há pessoas tão bestiais que se lhes extraísse tudo o que têm de grosseiro, não restaria nada. Portanto, é preciso que essas criaturas sejam reduzidas a pó no interior da Terra, para que a Essência, a Alma, se liberte.

Contam as lendas que Capaneu, um dos sete reis que sitiaram Tebas, soberbo, exclamou no Abismo: “Assim como fui em vida, sou depois de morto. Ainda que Júpiter [Zeus] cansasse seu ferreiro, de quem tomou irado o agudo raio com que me feriu no último dia de minha vida, ainda que fatigasse um após outro todos os negros trabalhadores do Mongibelo, gritando “ajuda-me, ajuda-me, bom Vulcano”, tal como fez Flegra no combate, e me flechasse com todas as suas forças, não conseguiria vingar-se devidamente de mim”.

No interior do aflito mundo em que vivemos há involuções espantosas. Ali, a Justiça Divina arrojou Átila, que foi seu açoite na Terra, lançou Pirro e Sexto, o qual eternamente derrama lágrimas no fervor de seu sangue. “Ao caíres ali, terás que sofrer padecimentos insuportáveis e de onde não há tempo certo para sair”.

Homero disse: “Mais vale ser um mendigo sobre a Terra do que um rei no império das sombras”. Portanto, a descida aos mundos tenebrosos, é uma viagem para trás, pela senda involutiva; um afundamento sempre crescente em densidade, em obscuridade, rigidez e em inconcebível tédio de tempo; é uma caída para trás, um retorno, uma repetição dos estados animal, vegetal e mineral; um regresso ao Kaos Primitivo.

As almas do abismo se liberam com a segunda morte. Quando o Ego e os corpos lunares se reduzem a pó, elas recebem o bilhete da liberdade.

As almas procedentes do interior do planeta, manchadas pela espantosa viagem subterrânea, cobertas de poeira, convertem-se em gnomos do reino mineral; depois, em criaturas elementais do reino vegetal; mais tarde, em animais, e, por último, reconquistam o estado humano que perderam.

Esta é a sábia Doutrina da Transmigração ensinada por Krishna – o avatar hindu - em tempos antigos.

Milhões de almas que morreram no inferno agora se divertem como gnomos nas rochas. Outras [almas] são agora lindas plantas ou vivem dentro de corpos animais, aspirando regressar ao estado humano.

CAPÍTULO 7

RUNA IS



Quando analisamos profundamente a Runa **IS**, descobrimos com místico assombro nosso próprio Ser: o Íntimo [Atman].

O Testamento da Sabedoria Antiga diz: “Antes que a falsa aurora amanhecesse sobre a Terra, aqueles que sobreviveram ao furacão e à tormenta louvaram o Íntimo e a eles apareceram os arautos da Nova Era”.

Na profunda noite de todas as idades, lá no país ensolarado de Kem, quando se estudava a Runa **IS** no sigilo dos templos egípcios, pensava-se sempre na bipolaridade Homem-Mulher, masculino-feminino, e disso resultava *ISIS*, o sagrado nome da eterna Mãe Espaço.

Muito foi falado em ocultismo sobre a *Prakriti*, o espaço como entidade feminina maternal, mas nada sabem os pseudo-esoteristas com relação a esse ponto matemático, no qual sempre se gera o Rei-Sol, o filho de ouro da alquimia sexual.

Não resta dúvida alguma que nesse misterioso ponto reside a própria raiz de nossa Mônada sagrada.

O ponto em si mesmo é a nossa Mãe Divina particular, adorável e eterna, sem princípio e sem fim.

Em nossa Mãe Divina Kundalini acham-se contidos todos os sagrados poderes da Mônada: *Atman*, *Buddhi* e *Manas*.

Para aqueles que não são muito versados em Teosofia, diremos que na Mãe Divina particular de cada um encontram-se os poderes de nosso próprio Espírito.

Os pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas muito têm dito sobre a Tríade Imortal ou Espírito Trino de cada ser vivo, porém nada dizem sobre os desdobramentos da *Prakriti*, a Mãe Divina.

Ela, a Imanifestada, não tem simbolismos entre os gregos, porém, em seu segundo aspecto de manifestação na natureza é a casta Diana tão bendita e adorada.

O terceiro aspecto da *Prakriti* é o da bendita Deusa Mãe-Morte, terror de amor e lei, a terrível Hécate, Prosérpina, a Rainha dos Infernos.

Dois outros desdobramentos de *Prakriti* nos conduzem ao aspecto negativo da natureza, onde está o indesejável, o que de maneira nenhuma nos conviria, o reino do terror e da magia negra.¹⁰

Está escrito que todos esses desdobramentos de *Prakriti* se repetem no microcosmo humano. Fundamental são os três aspectos superiores de *Prakriti*, e com eles devemos aprender a trabalhar.

A revolução da consciência é radicalmente impossível sem a ajuda especial de nossa adorável Mãe Divina própria e particular. Ela é, em si mesma, nosso próprio Ser, a raiz de nosso Espírito Divino, sua causa, sua origem. Ela é Ísis, a quem nenhum mortal levantou o véu, a qual, sobre a chama da serpente, sempre a invocamos.

Muitos pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas leram Sivananda¹¹. Não há dúvida que esse homem foi de fato um *Guru-Deva* que trabalhou incessantemente pela humanidade doente. Realmente, confesso que jamais me agradou sua Hatha Ioga. Esse tipo de acrobacias sempre me pareceu coisa de circo. Nunca me ocorreu que alguém pudesse se auto-realizar convertendo-se em um acrobata.

No entanto, é sabido que o citado iogue trabalhou profundamente e muito secretamente com a ioga do sexo. Parece que ele empregava a Hatha Ioga como uma espécie de isca para pescar no rio da vida.

Agrada-me comunicar aos nossos amados leitores que o *Guru-Deva* Sivananda desencarnou gozoso em um *Maha-Samadhi*, êxtase.

10 O autor fala dos cinco aspectos da Mãe Divina no seu livro **As 3 Montanhas**, escrito muitos anos após esta obra. Os três primeiros estão aqui mencionados. Os dois outros são a Mãe Individual ou Particular e a Maga Elemental. Nenhum deles tem conotação negativa ou abismal como é mencionado aqui. No entanto, cremos que o autor esteja se referindo aqui a Nahemah e a Lilith, os quais, de fato, são aspectos tenebrosos.

11 Swami Sivananda Saraswati, também chamado de Shivananda ou Sivananda, foi um líder espiritual hindu. Seu pai, P.S. Vengu Iyer, foi um oficial do governo e um sacerdote do hinduísmo. Estudou na Tanjore Medical College (1905), onde se destacou como desportista, e pelo seu interesse por religiões, tanto hindu como cristã. Nascimento: 8 de setembro de 1887. Falecimento: 14 de julho de 1963.

Encontrei-me com ele no Universo Paralelo da quinta dimensão. Grande foi minha alegria ao verificar que ele tinha fabricado seus corpos solares na Forja incandescente de Vulcano. Minha surpresa foi imensa ao constatar que esse Mestre, antes de desencarnar, já havia morrido em si mesmo. Sivananda trabalhou intensamente na Grande Obra do Pai. Trata-se, pois, de um *Guru-Deva* no sentido mais completo da palavra.

Nosso encontro foi muito singular; ocorreu num recinto onde eu cumpria com meu dever de ensinar. De repente, entrou o grande iogue e como que querendo me recriminar disse: “Vocês estão vulgarizando a doutrina”.

Obviamente, quis se referir à divulgação da ioga sexual, *Maithuna*, entre profanos.

De forma alguma poderia permanecer calado. Minha resposta foi franca e sincera, não podendo ser de outro modo, já que pertenço à Fraternidade Viril.

Pronunciei-me energicamente dizendo: “Estou disposto a responder a todas as perguntas que me forem feitas aqui neste recinto por todos que aqui se encontram”.

Porém, o *Guru-Deva* Sivananda, inimigo de toda disputa, preferiu sentar-se na sagrada posição *búddhica* para em seguida submergir em profunda meditação.

Senti a mente do iogue dentro de minhas próprias profundezas. Esse homem buscava, esquadrinhava, explorava, em minhas mais íntimas profundidades. Evidenciava-se que Sivananda queria conversar com meu Real Ser, cujo secreto nome é Samael, e o conseguiu.

Assombrado, tive de exclamar: “Sivananda, tu és um verdadeiro *Sannyasin* do pensamento”.

O *Guru-Deva* cheio de êxtase levantou-se e me abraçou; havia compreendido o delineamento revolucionário da nossa doutrina. Então, exclamou dizendo: “Agora sim estou de acordo contigo e direi a todos para que leiam tuas obras”.

E acrescentou ainda: “Conheço tua Mãe (fazendo referência à minha Mãe Divina Particular). Encontrei-a belamente vestida, carregando um manto branco que lhe chega até os pés”.

A entrevista foi formidável e aconteceram muitas outras coisas que mantenho em silêncio porque não cabem neste capítulo.

Pratiquemos a Runa **IS** e meditemos na Divina Mãe Kundalini.

PRÁTICA

A partir da posição militar de sentido, levantamos os braços para formar uma linha reta com o corpo. Depois de orar e pedir ajuda à Mãe Divina, cantemos o mantra IS-IS assim:

IIIIIIIIIIIIIISSSSSSSSSSSSSS IIIIIIIIIIIIIIISSSSSSSSSSSSSS

Alonga-se o som das letras e divide-se a palavra em duas sílabas: **IS-IS**.

Depois, deitamos, relaxamos o corpo e, cheios de êxtase, nos concentramos e meditamos na Mãe Divina.

CAPÍTULO 8

O OVO CÓSMICO



Albert Einstein, o famoso autor da teoria da relatividade, em princípios deste século, concebeu em sua mente genial um universo curvo, finito, fechado como um ovo. Ainda ecoa em nossa memória a terrível exclamação daquele homem extraordinário: “O infinito tende a um limite”.

Ninguém ignora que mais tarde Edwin Hubble¹² descobriu com grande assombro, no famoso observatório do Monte Wilson, que todas as galáxias que povoam o espaço infinito se afastam umas das outras a velocidades fantásticas.

Esse fato é inegável. Infelizmente, Georges Lemaitre¹³ não soube compreendê-lo e, buscando as causas, chegou à conclusões equivocadas.

“Se o universo está em contínua expansão - explicou em forma absurda - é porque certo dia houve uma explosão, a partir do centro, de um átomo primitivo”.

Lemaitre, com seus cálculos errados, acreditou firmemente que esse núcleo primitivo, original, tinha um diâmetro exíguo, pequeno, insignificante: tão somente a distância entre a Terra e o Sol, ou seja, 150 milhões de quilômetros.

12 Edwin Powell Hubble (Marshfield, 20 de novembro de 1889 — San Marino, 28 de setembro de 1953) foi um astrônomo estadunidense. Famoso por ter descoberto que as até então chamadas nebulosas eram na verdade galáxias fora da Via Láctea, e que estas afastam-se umas das outras a uma velocidade proporcional à distância que as separa. Seu nome foi dado ao primeiro telescópio espacial, posto em órbita em 1990, para estudar o espaço sem as distorções causadas pela atmosfera.

13 Georges-Henri Édouard Lemaitre (Charleroi, 17 de julho de 1894 — Louvain, 20 de junho de 1966) foi um padre católico, astrônomo e físico belga. Lemaitre propôs o que ficou conhecido como teoria da origem do Universo do Big Bang, que ele chamava de “hipótese do átomo primordial”, que posteriormente foi desenvolvida por George Gamow.

Certamente algo minúsculo, falando proporcionalmente. Imaginemos, mesmo que por um instante, o espaço infinito. Esse núcleo primitivo teria, segundo Lamaitre, uma densidade tal que a proximidade dos átomos entre si elevaria a temperatura, como é natural, a centenas de milhões de graus acima de zero.

A essa temperatura inconcebível, segundo a teoria proposta, a energia atômica liberada seria tanta e a radiação cósmica tão intensa que tudo terminaria por se deslocar, sobrevivendo uma profunda explosão como a erupção de um espantoso e terrível vulcão.

Maravilhoso tudo isso, mas quem pôs esse ovo cósmico? O que existia antes? Por que a explosão cósmica teria de se realizar em um determinado instante matemático e não antes, nem depois? Onde está o fundamento de toda essa teoria? Quem poderia ser a testemunha dos fenômenos incluídos nessa hipótese?

Nós gnósticos compreendemos que as galáxias se afastam umas das outras, o que já está demonstrado, mas não significa forçosamente que todas elas tenham partido de um mesmo núcleo. Einstein disse: A massa transforma-se em energia, e todos os sábios do mundo reverentemente se inclinaram perante essa tremenda verdade. Também disse o grande matemático: “A energia se transforma em massa”, e ninguém pôde refutar semelhante postulado.

Não resta dúvida que energia é igual à massa multiplicada pela velocidade da luz ao quadrado.

Esses sábios postulados vêm a demonstrar que a massa de todos os universos é eterna e imutável. Desaparece aqui para reaparecer lá, numa espécie de fluxo e refluxo, atividade e descanso, dia e noite.

Os mundos nascem, crescem, envelhecem e morrem. Deixam de existir para se transformarem em energia e, em seguida, ressurgem, renascem, quando ela se cristaliza novamente em massa.

Na conta retrospectiva de todos os sete cosmos que fervem e palpitam no espaço infinito, não existe uma hora zero raiz comum para todos em conjunto.

Esclareço que ao falar de ‘raiz comum’, neste caso concreto, refiro-me ao conceito de tempo como hora zero.

Isso não significa que negamos a hora zero. Esta existe de forma particular em cada universo, e em estado pré-cósmico normal para qualquer sistema solar.

Em outras palavras diremos que cada sistema solar do inalterável infinito tem seus *Mahamvantaras* e *Pralayas*, seus dias e noites cósmicas, épocas de atividade e de repouso.

Nesta galáxia em que vivemos, nos movemos e temos nosso ser, há milhões de sistemas solares. Enquanto uns se encontram na sua hora zero, outros estão em plena atividade.

Os tempos de atividade e repouso, de dias e noites cósmicas, repetem-se também no homem e no átomo, em tudo o que foi, é e será.

Os cientistas modernos tentam explicar essas coisas unicamente com as leis naturais. Torna-se ridículo querer excluir os princípios inteligentes de tais leis. Cada mundo do espaço estrelado possui seu *Fohat*, que é onipresente em sua própria esfera de ação.

Fora de dúvida, podemos e devemos afirmar com ênfase que há tantos *Fohats* quantos mundos, sendo que cada um deles varia em poder e grau de manifestação.

Existem milhões, bilhões, trilhões, de *Fohats*, os quais, em si mesmos, são forças conscientes e inteligentes.

Realmente, os *Fohats* são os construtores, os filhos da aurora do *Mahamvantara* (dia cósmico), os verdadeiros criadores cósmicos.

Nosso sistema solar, trazido à existência por esses agentes, constitui-se de sete Universos Paralelos. Portanto, *Fohat* é o poder elétrico vital personificado, a unidade transcendental que enlaça todas as energias cósmicas, tanto em nosso mundo tridimensional como nos Universos Paralelos das dimensões superiores e inferiores.

Fohat é o Verbo feito carne, o mensageiro da ideação cósmica e humana, a força sempre ativa na vida universal, a energia solar, o fluido elétrico vital.

Fohat é chamado de ‘aquele que penetra’ [*Vish*] e de ‘fabricante’, porque através dos punctas dá forma aos átomos procedentes da matéria sem forma. No *Fohat*, estão ocultos o Exército da Voz, as matemáticas, a Grande Palavra.

Qualquer explicação sobre mecânica cósmica que exclua o Númeno¹⁴ atrás do fenômeno e o *Fohat* atrás de qualquer cosmogênese, seria tão absurda como supor que o automóvel surgiu por geração espontânea, produto do azar, sem fábrica especial, sem engenheiros, sem mecânicos, etc.

14 Númeno ou *Noumeno* é a coisa em si.

A trajetória das galáxias jamais indicou que elas tenham tido sua origem ou ponto de partida original em um núcleo tão reduzido como o hipotético ovo cósmico de Lemaitre. Como prova cabal disso, temos que o ângulo de dispersão varia sempre entre 20 e 30 graus, ou seja, que podem ter passado a enormes distâncias do suposto centro.

CAPÍTULO 9 O ORÁCULO DE APOLO



Depois dos régios e sacros funerais de Polidoro, o épico guerreiro que caiu gloriosamente entre os elmos e escudos na cruenta batalha, Enéias, com seus navios e sua gente, fez-se ao mar borrascoso e ameaçador. Não tardou para chegar à terra de Delos, lugar de tantas tradições hiperbóreas, onde, ardendo com a chama da fé, consultou o Oráculo de Apolo, sabiamente construído na dura rocha.

Heródoto, no Livro IV, capítulo XXXII e XXXIV, conta que os hiperbóreos, antigos antecessores dos lemurianos, enviavam periodicamente a Delos suas oferendas sagradas envoltas em palha de trigo. As veneradas oferendas tinham seu sagrado itinerário bem marcado. Primeiro passavam no país chamado Escita¹⁵; depois, caminhando para o ocidente, seguiam até o mar Adriático, rota igual a que seguia o âmbar desde o Báltico até o caudaloso rio Pó na península itálica.

Os habitantes de Dodona¹⁶ eram os primeiros que recebiam as oferendas hiperbóreas entre os gregos. Depois desciam desde Dodona até o golfo Malíaco e continuavam até Eubéia (Eubóia) e Caríptia.

Contam as velhas lendas que se perdem na noite dos séculos que as sacratíssimas oferendas nórdicas prosseguiram sua viagem a partir de Caríptia, sem tocar em Andros, de onde os catecúmenos as passavam para Tenos e a seguir para Delos.

Os habitantes de Delos sabiamente diziam ainda que os povos hiperbóreos tinham o belo e inocente costume de enviar suas sagradas oferendas pelas mãos de duas belas e inefáveis virgens. Hiperocha e Laodicéia eram os seus nomes.

15 É uma região muito antiga da qual surgiu posteriormente a Pérsia, o atual Irã.

16 Em Dodona estabeleceu-se o maior centro religioso do noroeste grego na antiguidade, e ali havia um Oráculo dedicado a Rhea ou Gaia (Dione).

Dizem as sagradas escrituras que, para cuidar dessas santas mulheres, tão belas e sublimes, cinco Iniciados ou *Perpheres* as acompanhavam em sua perigosa e longa viagem, mas tudo foi inútil, porque aqueles santos varões e as duas sibilas foram assassinadas em Delos, quando cumpriam sua missão.

Muitas núbéis donzelas da cidade, delicadas e belas, cheias de dor, cortaram o cabelo e depositaram os crespos cachos dentro de um fuso sobre o monumento construído em honra daquelas vítimas, que se dizia, tinham vindo acompanhadas pelos Deuses Apolo e Ártemis.

Delos, reverendíssimo lugar em que chegou Enéias! Delos, cenário de arcaicas lendas hiperbóreas, que como pedras preciosas se escondem no fundo profundo de todas as idades. Prostrado na terra, lambendo a poeira dos séculos, invocou Apolo, Deus do Fogo, suplicando-lhe com seu dolorido coração que protegesse a cidade que ia fundar, a segunda troiana Pérgamo.

Diz a história que o ínclito varão consultou Apolo sobre o lugar que lhe designava para se estabelecer. Então, a terra tremeu espantosamente. O herói e sua gente, agachados e abraçados no chão, possuídos de um misterioso temor, escutaram a terrível voz de Foebo-Apolo, que dizia: “Fortes descendentes de Dárdano! Para vos estabelecer de maneira duradoura deveis buscar a terra de onde vós sois originários, a primeira que vos levou em seu seio. Ali, a estirpe de Enéias e os filhos de seus filhos e os que deles nascerem, dominarão todo o país”.

Conta o épico líder que depois de escutar o Oráculo de Apolo, cheio de preocupação, pensava em qual seria a mais remota terra de sua origem. Então, seu velho pai, que se recordava vivamente das antigas tradições da família, disse: “Escutem, chefes, o berço de nossa estirpe, o nome de nossas esperanças, é Creta, ilha que se acha no meio do imenso Pélago. Está povoada de cidades ricas e poderosas. De Creta, veio para os troianos o culto de Cibele (a Divina Mãe Kundalini) com seu carro arrastado por leões. Dela vêm o bronze e outras artes que tornam os humanos poderosos. Vamos, pois, para Creta que não está longe. Se Júpiter (o Cristo) nos mandar vento favorável, em três dias chegaremos lá”.

“Chegou a nossos ouvidos, - disse Enéias - o rumor que Idomeneu, rei de Creta, que foi nosso inimigo, pois lutou junto com os Aqueus em Tróia, havia se afastado da ilha. Com sua ausência, nossa chegada a esse país seria muito favorável”.

Com o coração esperançoso, Enéias continua a falar: “Outra vez estivemos a bordo. Nossos marinheiros rivalizaram-se em agilidade e rapidez. Uma ve-

zes remando, outras manejando o cordame, impelidos por favorável vento de popa, aportamos em Creta sem contratempos. Ali fundei uma cidade que, em memória a nossa antiga cidadela, chamei de Pergaméia.”

E aquele povo heróico e terrível, capitaneado por Enéias, o ilustre paladino troiano, teria se estabelecido definitivamente naquela ilha se uma desastrosa e maligna peste não os houvesse obrigado a lançar-se ao mar em busca de outras terras.

A decomposição e a putrefação tornavam o ar pestilento. O sinistro contágio infeccionava todos os corpos. Uns caíam fulminados pelo raio da morte, enquanto outros arrastavam-se como espectros fatais, desfigurados pela febre.

“Um vento abrasador – disse Enéias – queimava as nossas colheitas e a terra parecia querer recusar-nos o alimento”.

Na mente de Enéias então desatou-se uma furiosa tempestade de pensamentos; desesperado como um náufrago que se agarra à rocha cruel, pensou em regressar ao Santuário de Apolo, o Deus do Fogo, para consultar o oráculo outra vez. Porém, naquela mesma noite, nas deliciosas horas em que o corpo dorme e a alma viaja pelos mundos superiores fora do organismo físico, encontrou-se Enéias com seus Deuses Penates, os Gênios tutelares de sua família, os *Jinas* ou Anjos de Tróia.

E os Senhores da Chama falaram: “Filho, não é preciso que regresseis navegando para onde está o Oráculo de Apolo. Interpretastes mal a profecia. Vossa pátria de origem não é Creta e sim a Hespéria, a antiga terra que agora chamam de Itália. Dali saíram os fundadores da raça troiana, o herói Dárdano e seu antepassado Jásio. Andai depressa, relatai a vosso pai esta notícia”.

A notícia surpreendeu o pai de Enéias que se lembrou de Cassandra, a profetiza troiana, que dissera a mesma coisa antes da destruição da soberba Ílion e a quem ninguém dera importância, pois Apolo a castigara.

Essa nobre mulher que se chamou Cassandra, tão adorada e bendita, pagou um tipo de karma muito singular pelo mau uso de suas divinas faculdades em vidas passadas.

Conta a lenda dos séculos que, sem perder mais tempo, Enéias lançou-se ao mar novamente rumo às terras do Lácio.

CAPÍTULO 10

A RUNA AR



Vem à minha memória encantos inefáveis, poemas de amor e coisas impossíveis de descrever com palavras. O que conheci, o que vi e o que toquei na casa de meu Pai e em todas as Moradas resplandecentes desta grande Cidade-Luz, conhecida como Via Láctea, certamente só pode ser falado com o Verbo de Ouro do orto puríssimo da Divina Linguagem.

Era uma noite coalhada de estrelas. Os raios da Lua se projetavam, penetrando em minha casa, tingindo o chão de prata. O azul profundo do céu parecia um oceano infinito, onde cintilavam os luzeiros.

E assim meditando entrei em êxtase e abandonei a forma densa. Não existe maior prazer que o de sentir a alma desprendida. Então, o passado e o futuro irmanam-se dentro de um eterno agora.

Cheio de uma voluptuosidade espiritual indefinível, inenarrável, alcancei as portas do templo impelido pela misteriosa força do anseio.

A entrada do santuário estava fechada com uma grande pedra que impedia a passagem dos profanos.

Não te detenhas, coração, diante das coisas do mistério. “Abre-te, Sésamo!”, foi a minha exclamação. E a pedra abriu-se para que eu entrasse.

Quando alguns intrusos quiseram fazer o mesmo, tive de empunhar a espada flamejante e gritar com todas as forças de minha alma: Para trás, profanos e profanadores!

Havia penetrado no Grande Templo da Via Láctea, o Santuário Central desta gigantesca Galáxia, a Igreja Transcendente.

Neste venerável lugar reina o terror de amor e de lei. Diante da Sagrada Ara desse templo terrivelmente divino somente podem se prosternar os Deuses Siderais.

Feliz, avancei até o local das prostrações e adorações. Ali, lá e por todos os benditos recintos do templo iam e vinham multidões de homens simples e humildes que mais pareciam ser camponeses obedientes e submissos.

Eram eles os *boddhisattwas* dos Deuses, homens no mais completo sentido da palavra, criaturas que gozam do conhecimento objetivo, autoconscientes em cem por cento.

Fora de toda dúvida, pude evidenciar cabalmente que não existia naquelas criaturas humanas nada que se pudesse chamar de Eu, Mim Mesmo, Si Mesmo. Realmente, tais homens estão bem mortos...

Não vi neles o desejo de se ressaltarem, de se elevarem ou de ocuparem os postos mais altos, de se fazerem notar. A eles não interessa existir, querem apenas a morte absoluta e perderem-se no Ser. Isso é tudo.

Quão feliz me sentia... Avançando pelo centro do templo em direção a Ara Sacra, caminhava de modo enérgico, altivo, com passos triunfais. De repente, um desses humildes trabalhadores atravessa meu caminho. Por um momento, quis prosseguir adiante, altaneiro, arrogante, desdenhoso. Mas, ó Santo Deus! Um raio de intuição me fulminou mortalmente.

Então me lembrei que outrora, em um passado remoto, cometera o mesmo erro na presença daquele pobre camponês. O erro passado fez-se claro em minha mente e relembrei o terrível momento em que fui expulso do templo e que vozes aterradoras saíram da Ara Sacra entre raios, trovões e relâmpagos.

Em milésimos de segundo, revivi em minha mente todas essas cenas passadas. Arrependido, detive a minha marcha altaneira e orgulhosa para, pesaroso e compungido, prosternar-me diante do aldeão modesto e submisso. Beijei seus pés, exclamando: “Tu és um Grande Mestre e um Grande Sábio”. Mas aquela criatura, longe de se sentir feliz com minhas palavras, respondeu-me: “Nada sei, nada sou”. “Sim! – repliquei – tu és o *boddhisattwa* de um dos Grandes Deuses, governador de várias constelações”.

Grande foi minha felicidade quando aquele autêntico homem me abençoou. Senti-me perdoado e, feliz, continuei meu caminho até a Ara Sacra. Em seguida, voltei ao corpo físico.

Passaram-se muitos anos e jamais pude esquecer aquele templo selado com a pedra sagrada.

“Eis que ponho em Sião a principal pedra de ângulo, escolhida, preciosa. E quem nela crer [tiver fé], não será envergonhado”.

“A pedra que os edificadores rejeitaram, veio a ser cabeça de ângulo, pedra de tropeço e rocha de escândalo”.

Os velhos alquimistas medievais sempre buscaram a Pedra Filosofal e alguns realizaram com pleno êxito a Grande Obra.

Falando com toda franqueza, é nosso dever afirmar que essa pedra é o sexo.

Pedro, discípulo de Jesus Cristo, é Aladim, o intérprete maravilhoso, autorizado a levantar a pedra que fecha o Santuário dos Grandes Mistérios.

O nome original de Pedro é *Patar*, cujas três consoantes: **P**, **T** e **R**, são radicais. **P** lembra claramente os Pais dos Deuses, nosso Pai Secreto, os *Phitaras*. **T** é a Tau, a cruz, o hermafrodita divino, o *lingam* negro embutido no *yoni*. O **R** é fundamental no fogo, é o Rá egípcio, além do que **R** é radical para o poderoso mantra INRI: *Ignis Natura Renovatur Integrum*.

Dentro da pedra encontra-se latente o fogo. Os antigos faziam saltar a chispa de dentro do vivo seio do duro pedernal.

Chegam-me à memória as galactites órficas, as pedras do raio, a *ostrita* de Esculápio, a pedra com que Makhaon cura a Filoctetes, o bétilo mágico de todos os países, as pedras uivantes, oscilantes, rúnicas, falantes, dos Serafins.

O cálice da mente cristificada tem por base a pedra viva, a Ara Sacra.

PRÁTICA

O mantra **ARIO** prepara os gnósticos para o advento do fogo sagrado. Pratiquem-no todas as manhãs e ao cantá-lo, dividam-no em três sílabas:

AAAA... RRRRIIII... OOOOO...

Alonguem o som de cada letra. Aconselha-se a empregar dez minutos diários nesta prática.

CAPÍTULO 11

PRÓTON E ANTIPRÓTON



A real existência do próton e do antipróton foi demonstrada em 1955 pela equipe de físicos de Berkeley.¹⁷ Quando se bombardeou uma placa de cobre com uma carga de seis bilhões de volts, extraiu-se do alvo dois maravilhosos núcleos de hidrogênio, mas de sinais opostos: um próton positivo e outro negativo.

Sob todas as luzes resulta claro concluir que metade do universo está constituída de antimatéria. Se os sábios modernos puderam encontrar antipartículas nos laboratórios, é porque elas existem também nas profundezas da Grande Natureza. De maneira alguma negamos o fato de ser espantosamente difícil detectar a antimatéria no espaço.

A luz das antiestrelas, ainda que aparentemente seja idêntica a das estrelas, e as chapas fotográficas as registram da mesma maneira, devem possuir uma diferença desconhecida para os cientistas.

Aquele conceito de que em nosso sistema solar não há lugar para a antimatéria é ainda muito discutível. A transformação da massa em energia é muito interessante. Que a metade escape sob a forma de neutrinos é normal, que um terço se traduza em raios-gama e que uma sexta parte se transforme em ondas luminosas e sonoras, de maneira nenhuma deve nos surpreender, é apenas natural.

Quando se pensa em cosmogênese, surgem aquelas interrogações de sempre: Que havia antes da aurora do nosso sistema solar?

17 O antipróton é a antipartícula do próton. Também conhecido como “próton negativo”. Embora a existência desta partícula elementar tenha sido evidenciada pela primeira vez na década de 1930, o antipróton só foi identificado em 1955, no laboratório de radiação da Universidade da Califórnia por Emilio Segre e Owen Chamberlain, razão pela qual foram premiados com o Nobel de Física em 1959.

O **Rig Veda** responde:

Não existia nada; nem o claro céu,
Nem ao alto a imensa abóbada celeste.
O que tudo encobria, que era? Era das águas
O abismo insondável? Não existia a morte,
Mas nada havia imortal. E separação
Também não existia entre a noite e o dia.
Só o Uno respirava em si mesmo e sem ar;
Não existia nada, senão Ele. E ali
Reinavam as trevas, tudo se escondia
Na escuridão profunda; oceano sem luz.
O germe, que dormitava em seu casulo,
Desperta ao influxo do ardente calor
E faz então brotar a natureza una.
Quem sabe o segredo? Quem o revelou?
De onde veio a criação multiforme?
Os Deuses só mais tarde à vida surgiram.
De onde esta criação imensa? Quem o sabe?
Por ação ou omissão de Sua Vontade?
O Sublime Vidente, ao alto dos céus,
O segredo conhece... Talvez nem Ele...
Profundando a eternidade... Inda mesmo antes
De lançados os alicerces do mundo,
Tu eras. E quando o fogo subterrâneo
Romper sua prisão, destruindo a estrutura,
Oh! Ainda serás Tu como eras antes.
Também quando o tempo já não existir
Nenhuma transformação conhecerás,
Mente infinita, divina Eternidade!¹⁸

Antes do *Mahamvantara*, Dia Cósmico, deste mundo em que vivemos, nos movemos e temos nosso Ser, só havia energia livre em movimento.

Antes da energia havia matéria, sendo que esta última, de maneira organizada, constituiu o universo do precedente Dia Cósmico, *Mahamvantara*.

18 Texto extraído da tradução da edição brasileira do volume um, página 93, de **A Doutrina Secreta** de H. P. Blavatsky, Ed. Pensamento.

Do pretérito universo, resta-nos como lembrança a Lua, nosso querido satélite que nos ilumina durante as noites.

Cada vez que a energia se cristaliza em forma de matéria, esta reaparece sob a forma extraordinária de um par simétrico de partículas.

A matéria e a antimatéria complementam-se mutuamente. Pode-se dizer que este é um tema novo para a ciência contemporânea e que, no futuro, progredirá ainda mais.

É absurdo afirmar que em nosso universo não há lugar para a antimatéria. A matéria se faz acompanhar da antimatéria sempre, sem o que, a física nuclear ficaria sem fundamentos, perderia sua validade.

Na aurora do *Mahamvantara*, o universo apareceu sob a forma de uma nuvem de plasma, ou seja, hidrogênio ionizado. Existem doze hidrogênios fundamentais em nosso sistema solar, o que já foi analisado pelos grandes Mestres da humanidade.

Foi-nos dito que em tal soma de hidrogênios estão representadas as doze categorias de matéria contidas no universo, desde o espaço abstrato absoluto até o reino mineral submerso.

A nuvem de plasma original apresenta-se diante da mente dos homens estudiosos de forma dupla. Um exame criterioso deste assunto permite que compreendamos que existe o plasma e o antiplasma, o qual foi chamado por certo sábio de ‘ambioplasma’¹⁹.

Os cientistas modernos sabem muito bem, através da observação e da experiência, que o campo magnético intensivo que se forma nas galáxias origina a separação radical das partículas, de acordo com sua carga elétrica.

O plasma e o antiplasma não somente são opostos como se encontram separados. A matéria e a antimatéria coexistem separadamente e se condensam, cristalizam, em estrelas.

Quando matéria e antimatéria entram em contato direto, origina-se a destruição total da matéria. O fundo vivo da matéria é precisamente a antimatéria, contudo, entre ambas as formas de vida, existe um campo neutro.

19 Teoria cosmológica não convencional (que se opõe à teoria do Big Bang), geralmente atribuída nos anos 1960 a Hannes Olof Gösta Alfvén, físico sueco, nascido em Norrköping, 30 de maio de 1908 - Estocolmo, 2 de abril de 1995.

As três forças primárias - Positiva, Negativa e Neutra - governam todo o mecanismo universal. No espaço infinito, coexistem matéria e antimatéria, estrelas e antiestrelas.

O hidrogênio e o anti-hidrogênio se cristalizam com a força gravitacional, originando fusão nuclear.

Eis como acumulam-se os prótons do mesmo tipo uns sobre os outros para formar todos os elementos da natureza.

CAPÍTULO 12

AS HARPIAS



Enéias, o épico paladino troiano, navegando com sua gente para as maravilhosas terras da antiga Hespéria, foi submetido a novas e espantosas provas.

Contam as velhas tradições que se perdem na noite dos séculos que, em alto mar, as forças pavorosas de Netuno levantaram terrível tempestade que, se não afundaram os navios, pelo menos fizeram com que Palinuro, o mais hábil dos seus pilotos, perdesse o rumo, depois de passar três noites sem estrelas.

Os troianos viveram novamente momentos de horror quando se aproximaram das apavorantes ilhas Estrófades, as quais se situam no mar Jônio. Nelas habitavam as dantescas harpias, bruxas asquerosas com cabeça e pescoço de mulher, mas com corpo de pássaro. Antes eram formosas donzelas, mas agora estão transformadas em horríveis fúrias que, com seu contato abjeto, corrompem tudo que tocam.

O monstruoso exército das abomináveis harpias, capitaneado outrora pela execrável Celeno, e providas de longas garras, têm sempre no rosto a palidez da fome.

O glorioso herói e sua gente atracaram naquela terra desembarcando nela sem pensar em horrendas bruxas e horripilantes reuniões diabólicas.

Famintos como estavam, os fortes descendentes de Dárdano não tardaram em sacrificar as reluzentes e formosas vacas que pastavam felizes na terra de ninguém.

Contudo, quando estavam no melhor da festa, baixaram as harpias dos montes, grasnando como corvos e batendo suas negras e repugnantes asas; aproximaram-se da comida para infectá-la com suas bocas imundas.

Tornou-se horrendo o aspecto daquela carne infectada; o mau cheiro infestava o ar e o banquete tornou-se asqueroso, repugnante, nauseabundo.

Os troianos, fugindo de tão sinistras damas, transformadas em horripilantes passarolos, refugiaram-se em misteriosas cavernas afastadas da ensolarada praia.

Mas, para desgraça de tão ilustres guerreiros, quando de novo se dispunham a comer, depois de terem sacrificado novas vacas, voltaram as malditas bruxas e novamente estragaram o alimento.

Cheios de grande ira, aqueles homens decidiram enfrentar o ataque. Armaram-se de arcos e flechas para exterminar as abomináveis harpias, porém, a sua asquerosa pele não permitia que o bronze a atravessasse e os seus flancos eram invulneráveis como o aço.

Foi terrível a maldição que pronunciou Celeno, quando, voando sobre as cabeças dos valentes troianos, disse: “Por que nos fazeis guerra, insensatos? Os Deuses fizeram-nos imortais. Não vos ofendemos sem justiça, pois haveis sacrificado muitas vacas de nosso rebanho. Como castigo vou lançar-lhes uma maldição. Enéias e sua estirpe andarão errantes pelo mar antes de encontrarem a terra que buscam e passarão fome. Não conseguirão levantar as muralhas de sua nova cidade até que, de tão famintos, se vejam obrigados a devorar suas próprias mesas”.

Surpresos e consternados, os troianos rogaram aos Deuses Santos para que os livrassem de tais ameaças e, em seguida, abandonaram aquela triste terra, tornando a embarcar.

Sacrificar a Vaca Sagrada equivale, de fato, a invocar as cruéis harpias de funestos presságios. Bastante oportuno é citar aqui a simbólica vaca de cinco patas, guardiã terrível das terras *Jinas*.

H.P. Blavatsky viu realmente uma vaca branca com cinco patas na Índia. A quinta pata saía de sua corcova e com ela se coçava e espantava as moscas. O animal era conduzido por um jovem da seita *sadhu*.

Se lermos as três sílabas de **Cabala** ao inverso, temos: La-Ba-Ca, símbolo vivo da eterna Mãe Espaço²⁰.

Em todas as teogonias do norte e do sul, do leste e do oeste do mundo, menciona-se sempre o elemento feminino e eterno da natureza, a *Magna Mater*, da qual provém o **M** e o famoso hieróglifo de Aquário.

20 Literalmente, ‘a vaca’, desde que se substitua o B pelo V. Em espanhol existe o som de B longo e do V curto, permitindo fazer essa inversão, podendo então fazer alusão à Vaca (Vaca Sagrada, símbolo da Mãe Espaço).

Ela é a matriz universal do grande Abismo. Ela é a Vênus primitiva, a Grande Mãe Virgem que surge das ondas do mar com seu filho Cupido-Eros. Em última derivação, Ela é Gaia ou a Terra, que em seu aspecto superior é a *Prakriti* hindu.

Lembrem-se de Telêmaco descendo ao mundo das sombras para averiguar a sorte que tivera Ulisses, seu pai. O jovem caminha sob a luz da Lua invocando *Prakriti*, a poderosa deidade que, sendo Selene no céu, é a casta Diana na terra e a formidável Hécate nos mundos subterrâneos.

Os dois derradeiros desdobramentos, Hécate e Prosérpina, o quarto e o quinto aspectos da *Prakriti*, são negativos; constituem a sombra da Eterna Mãe-Espaço; são reflexos perdidos no espelho da natureza²¹.

Há *Jinas* negros e brancos. As harpias seguem o caminho tenebroso. Dante encontrou-as nos mundos infernais atormentando as almas que involuem nas regiões submersas.

As harpias são *Jinas* negros. Utilizam os dois aspectos negativos inferiores de *Prakriti* e com eles colocam seus corpos na quarta dimensão para voar pelos ares.

O corpo humano pode assumir qualquer figura na dimensão desconhecida. Formosas donzelas podem tornar-se horripilantes passarolos, como aqueles que Enéias achou nas tenebrosas ilhas Estrófades.

Caronte, o Deus Infernal, cuja velhice é sempre melancólica e abominável, conduz as harpias que passaram pelas portas da morte para a outra margem do mau rio de corrente lamacenta e de águas negras, em cujas margens imundas perambulam os espectros dos mortos. Rio fatal, onde navega a barca de Caronte, conduzindo os perdidos para as regiões sombrias, tétricas e escuras do reino mineral submerso.

Fim horrível aguarda as harpias da execrável Celeno. Involuir espantosamente no submundo até que se petrifiquem e se reduzam a poeira cósmica.

Justa é a condenação daqueles que praticam o mal. Suas goelas são como sepultura aberta. Eles jamais conhecerão o sendeiro da paz.

21 Esses dois aspectos negativos de *Prakriti* são conhecidos na Cabala como Nahemah e Lilith.

CAPÍTULO 13

RUNA SIG



De fato, é extremamente difícil configurar o encanto, a embriaguez do êxtase, a comunhão dos santos, nas noites de meditação.

Foi em uma noite semelhante que o Patriarca Jacó, viva reencarnação do resplandecente Anjo Israel, com a cabeça apoiada na Pedra Filosofal, leu nos astros a promessa de inumerável posteridade. Foi quando viu também a misteriosa escada septenária pela qual os Elohim iam e vinham entre os céus e a terra.

Somente na ausência do Eu podemos experimentar *Isso* que é a Verdade, o Real.

Eu fui, no dia do Senhor, inquirindo, buscando, indagando mistérios sobre a minha última hora. E vi e ouvi coisas que aos profanos e aos profanadores não lhes é dado compreender. Experimentei os últimos anos de vida, o ocaso do Eu, o catastrófico final do Mim Mesmo e pude viver a crucificação do Cristo Íntimo e sua consequente descida ao Santo Sepulcro.

A luta contra Satã foi terrível. Minha esposa-sacerdotisa fechou meu sarcófago com uma grande pedra e sorriu docemente. Raios, trovões e vozes terrivelmente divinas saíam do Gólgota do Pai.

Tudo isso me recorda a Runa **Sig**, o raio terrível do Sol Central. **SULU-SIGI-SIG**, é o nome secreto da sagrada víbora Kundalini.

A estrela de cinco pontas é uma repetição constante da Runa **Sig**, a qual se assemelha, em traçado, com o zig-zag do raio. Nos tempos antigos, os homens tremeram diante da Pentalfa.

Sig era o falo [*phallus*] nos mistérios arcaicos e por esse caminho voltamos ao *Maithuna*, à ioga sexual.

Sig é o sol e sua letra é o **S**, cujo adequado prolongamento converte o som na voz sutil, aquele silvo doce e agradável que Elias escutou no deserto.

A Iniciação final está selada com o raio, com a Runa **Sig**. Entre trovões e relâmpagos, escutam-se palavras terríveis: “Meu Pai, em tuas mãos encomendo meu Espírito”.

A espada flamejante, que se agita ameaçadora por todos os lados, para guardar o caminho da Árvore da Vida, tem o terrível aspecto da Runa **Sig**, e que nos recorda o zig-zag do raio.

“Infeliz do Sansão da Cabala que se deixa adormecer por Dalila e do Hércules da ciência que troca seu cetro de poder pelo fuso de Ônfale; bem cedo sentirá a vingança de Dejanira e não lhe restará outro remédio que a fogueira do monte Eta para escapar dos devoradores tormentos da túnica de Nesso”.

Infeliz de quem se deixa seduzir pela sensual diaba original, a mulher sem nome, rosa de perdição do abismo infernal. Infeliz do Iniciado que cai embriagado nos braços da sanguinária Herodias, da harpia Gundrígia ou de cem outras mulheres.

Ai daqueles Iniciados que sucumbem com os beijos de fogo, não das mulheres, porém da mulher por antonomásia, da mulher símbolo, que não trata de seduzir grosseiramente com as sugestões da mera sensação animal, mas com as pérfidas e deliciosas artes do sentimentalismo sutil e do emocionalismo romântico. A esses, mais lhes valeria não haver nascido ou amarrar-se pelo pescoço a uma pedra de moinho e lançar-se ao fundo do mar.

Infelizes! Em vez de subirem ao Gólgota do Pai e de baixarem ao Santo Sepulcro, serão fulminados pelo terrível raio da Justiça Cósmica. Perderão sua espada flamejante e descerão ao reino de Plutão pelo caminho negro.

Ao redor do trono de ébano do rei dos mundos infernais sempre revoam os tenebrosos e angustiosos zelos, os espantosos ciúmes que amargam a existência, as cruéis desconfianças, as imundas vinganças cobertas de feridas e os ódios abomináveis destilando sangue.

A roedora avareza devora sempre a si mesma, sem misericórdia alguma, e o asqueroso despeito arranca suas carnes com suas próprias mãos. Por fim, aí estão a louca soberba que tudo arruína miseravelmente, a infame traição que sempre defende a si própria e que se alimenta de sangue inocente, sem poder jamais gozar do corrompido fruto de suas perfídias, a inveja com seu veneno mortal que destrói a si mesma quando não pode danar os outros, a crueldade que se precipita no Abismo sem esperança e as macabras e espantosas visões, os horríveis fantasmas dos condenados,

espanto dos vivos, os monstros dos pesadelos e os cruéis desvelos que tanta angústia causam.

Todas estas e outras imagens rodeiam a fronte horrível do feroz Plutão e enchem seu fatídico palácio.

Telêmaco, o filho de Ulisses, encontrou no reino de Plutão milhões de fariseus hipócritas e sepulcros caiados, sempre fingindo amor à religião, mas cheios de soberba e orgulho.

O herói, descendo para regiões cada vez mais submergidas, encontrou inúmeros parricidas e matricidas, sofrendo espantosas amarguras. Achou também muitas esposas que tinham banhado suas mãos no sangue do marido. Encontrou os traidores que haviam atraído sua pátria e violado seus juramentos, os quais, ainda que pareça incrível, padeciam menores penas que os hipócritas e simoníacos.²² Quanto a esses últimos, os três juízes dos mundos infernais assim queriam que fosse porque, diziam eles, tais tipos não se contentam em ser maus, como o resto dos perversos, mas que é o pior de tudo, presumem-se de santos, e com isso desviam e afastam as pessoas do caminho que conduz à Verdade com sua falsa virtude.

Os Deuses Santos daqueles que tão solapada e impiamente enganaram o mundo e que agiram de modo tão desprezível diante das pessoas agora se vingam, com todo seu poder, dos insultos que lhes lançaram.

O terrível raio da Justiça Cósmica precipita no Abismo os *boddhisattwas* caídos que jamais quiseram se levantar. Eles são acusados de três delitos:

1. De terem assassinado Buddha.
2. De terem desonrado os Deuses.
3. De muitos outros delitos.

Todo o trabalho na Grande Obra, toda e qualquer prática, encerra-se sempre com a Runa **Sig**, com a espada flamejante.

22 Simoníacos são os traficantes das coisas divinas. O nome origina-se de Simão mago, mencionado no livro de Atos, capítulo 8: “Simão, vendo que pela imposição das mãos dos apóstolos era dado o Espírito Santo, ofereceu-lhes dinheiro, dizendo: Dai-me também esse poder, para que aquele sobre quem eu puser as mãos receba o Espírito Santo” (vs. 18, 19 - trad. João Ferreira de Almeida). Simão tentou comprar dos apóstolos o poder do Espírito Santo e por isso seu nome está associado com o tráfico de coisas divinas.

PRÁTICA

Selai sempre vossos trabalhos mágicos, orações, invocações cadeias de cura, etc. com essa Runa. Traçai com a mão e o dedo indicador estendido o zig-zag do raio ao mesmo tempo em que emitem o som da letra **S** como um sibilo doce e aprazível: **Ssssss**.

CAPÍTULO 14

O AIN SOPH



É necessário compreender, é urgente saber, que no pobre animal intelectual, equivocadamente chamado homem, há três aspectos perfeitamente definidos.

O primeiro deles é isso que se chama Essência e no Budismo Zen chamam de *Buddhata*.

O segundo aspecto é a personalidade, a qual em si mesma não é o corpo físico, ainda que se utilize desse veículo para sua expressão no mundo tridimensional.

O terceiro aspecto é o Diabo, o Eu Pluralizado, dentro de cada um de nós, o Mim Mesmo.

A Essência, o *Buddhata*, dentro do homem, é que tem verdadeira realidade, isso que lhe é próprio.

A personalidade é isso que não é nato no homem. É o que vem do mundo exterior, o que aprendeu no lar, na rua, na escola, etc.

Quanto ao Eu Pluralizado, ele é esse conjunto de entidades diversas, distintas, que personificam todos os nossos defeitos psicológicos.

Mais além da máquina orgânica e desses três aspectos que se manifestam por intermédio dela, existem inúmeros princípios espirituais, substâncias e forças que, em uma última síntese, emanam do *Ain Soph*.

O que é esse *Ain Soph*? Nós dizemos, de uma maneira abstrata, que é a *não-coisa* sem limites e absoluta.

Sem dúvida, é necessário particularizar e concretizar algo mais para que haja maior compreensão. *Ain Soph* é nosso Átomo Super-Divino, singular, especial, específico e Super-Individual.

Isso significa, em última análise, que cada um de nós não passa de átomo do espaço abstrato absoluto. Essa é a Estrela Interior, atômica, que sempre sorriu para nós.

Diz certo autor: “Levanto meus olhos para o alto, para as estrelas, de onde haverá de chegar auxílio, porém eu sigo sempre a estrela que guia meu interior”.

É claro que este átomo superdivino ainda não está encarnado, porém, se encontra intimamente relacionado com o chakra *Sahasrara*, o lótus das mil pétalas, o magnético centro da glândula pineal.

Eu experimentei diretamente o *Ain Soph* quando me encontrava em estado de meditação profunda. Certo dia, não importa qual, atingi o estado que na Índia se conhece como *Nirvi-Kalpa-Samadhi*, e minha alma se absorveu totalmente no *Ain Soph* para viajar pelo espaço abstrato absoluto.

Minha viagem iniciou na glândula pineal e depois continuou no seio profundo do espaço eterno. E vi a mim mesmo além de toda galáxia de matéria ou de antimatéria, convertido em um simples átomo autoconsciente.

Que feliz me sentia na ausência do Eu! Sentia-me além do mundo, da mente, das estrelas e das antiestrelas.

Aquilo que se sente durante o *Samadhi* é inexpressável; somente experimentando-o é que se compreende. E entrei pelas portas do templo embriagado de êxtase. Vi e ouvi coisas que aos animais intelectuais não lhes é dado compreender. Queria falar com alguém, com algum sacerdote divino, e o consegui; assim pude consolar meu dolorido coração.

Um daqueles tantos átomos auto-realizados do *Ain Soph* (o Espaço Abstrato Absoluto), aumentou o seu tamanho e assumiu, diante de minha insólita presença, a venerável figura de um Ancião dos Dias.

Da minha laringe criadora brotaram palavras espontâneas que ressoaram no espaço infinito e perguntei por alguém que no mundo das formas densas conhecia. A resposta de tão ínclito Mestre Atômico foi certamente extraordinária: “Para nós, habitantes do *Ain Soph*, a mente humana é o que é o reino mineral para vocês”. E acrescentou: “Nós examinamos a mente humana da mesma forma como vocês examinam qualquer mineral”.

Em nome da verdade, devo dizer que a resposta me causou espanto, assombro, admiração, estupefação. A demonstração veio depois. Aquele *Amador*

*Essencial*²³ estudou a mente da pessoa por quem perguntara e me deu a informação exata.

Já se passaram muitos anos, mas jamais me esqueci daquela experiência mística. Tive a sorte de conversar com um *Kabir* Atômico além dos Universos Paralelos, no *Ain Soph*. Mas, nem todas essas estrelas atômicas do firmamento espiritual estão auto-realizadas.

O Átomo-Gênese, o *Ain Soph*, de qualquer pessoa que não haja fabricado seus corpos solares na Forja Incandescente de Vulcano, é muito simples: não contém outros átomos.

Outra coisa são os Átomos-Gênese auto-realizados que, nas ciências ocultas, são chamados de *Ain Soph Paranishpanna*. Eles contêm dentro de si mesmos quatro átomos-sementes que na alquimia são representados simbolicamente pelas seguintes quatro letras: C. O. N. H. (Carbono, Oxigênio, Nitrogênio e Hidrogênio).

Uma noite de verão qualquer, interrogava um grupo de estudantes gnósticos, dizendo-lhes: “Se no final do *Mahamvantara* devemos desintegrar os corpos solares fabricados com tantos esforços na Nona Esfera, então para que os fabricamos?”

Nenhum dos irmãos pôde dar a resposta certa e coube a mim explicar. Disse-lhes: “Quando chega a Noite Cósmica, o Grande Pralaya, *Ain Soph* absorve as três forças primárias e desintegra os quatro corpos, porém, retém e atrai para sua esfera interior os quatro átomos-sementes correspondentes aos quatro corpos. Assim, dentro do *Ain Soph Paranishpanna*, isto é, Auto-Realizado, estão as três forças primárias e os quatro átomos sementes.

A letra **C** simboliza o corpo da vontade consciente. A letra **O** corresponde ao veículo da Mente Cristo. A letra **N** relaciona-se com o Astral Solar e a letra **H** alegoriza o corpo físico.

Na aurora do *Mahamvantara*, Dia Cósmico, o *Ain Soph Paranishpanna* reconstroi seus quatro corpos mediante seus correspondentes átomos-sementes. Os quatro corpos constituem o *Mercavah* hebraico, o carro dos séculos, o veículo solar do *Ain Soph Paranishpanna*, a *não-coisa* sem limites e absoluto.

Os quatro corpos assumem a forma do Homem Celeste manifestado, o veículo para descer e se manifestar no mundo dos fenômenos.

23 No original, ‘amador esencial’.

CAPÍTULO 15

O REI HELENO



Quando Enéias, o épico paladino troiano, se aproximava do rico palácio do rei Heleno, viu com assombro e grata surpresa aquela mulher chamada Andrômaca, que fora esposa de Heitor, o troiano, morto gloriosamente em plena batalha sob as muralhas invictas de Tróia.

Enéias deu graças aos Deuses Santos (Anjos, Arcanjos, Principados, Potestades, Virtudes, Dominações, Querubins e Serafins do cristianismo); agradeceu do fundo de seu coração aos seres inefáveis por haverem livrado aquela mulher, impedindo que os Aqueus a levassem cativa a Micenas.

A nobre mulher era agora esposa de Heleno, o rei adivinho, o esplêndido monarca que em seu palácio real ofereceu cordial hospitalidade aos troianos.

Enéias encontrou-a em um bosque sagrado e tinha junto com ela, em uma magnífica urna de ouro, as queridas cinzas de Heitor, seu antigo esposo.

“Tu és Enéias, a quem estou vendo? Estás vivo ou és uma aparição? Ó Deuses, se vives, diga-me: por que meu Heitor já não vive mais?”

Assim exclamou a nobre mulher antes de desmaiar. A infeliz havia sido cativa do terrível Pirro, guerreiro astuto e malvado que assassinou o velho Príamo. Felizmente, a sorte da desditada mulher mudara de forma radical depois que Pirro morreu sob as mãos do temido Orestes, e assim veio a se casar com o bom rei Heleno.

Narram antigas tradições que no terceiro dia Enéias foi levado por Heleno a uma caverna solitária para consultar a vontade de Apolo.

A mais importante predição consistiu em dizer a Enéias que ele ainda estava longe de chegar ao término de sua viagem e de se instalar definitivamente na terra que outrora fora a antiga Hespéria.

Anunciou-lhe também que devia consultar a Sibila de Cumas, aquela profetisa divina que escrevia seus versos mágicos nas folhas de uma corpulenta árvore que crescera junto à sua caverna.

Dizem as lendas seculares que de vez em quando algum vento forte derubava as proféticas folhas verdes, e os versos se misturavam de forma extraordinária, formando frases ininteligíveis para os profanos, e, por esse motivo, muitos dos consultantes saíam maldizendo a Sibila.

Fora de qualquer dúvida, podemos afirmar com ênfase que apenas os homens de consciência desperta podiam entender as estranhas frases e os misteriosos enigmas da Sibila de Cumas.

Heleno predisse também a Enéias que navegaria pelos mares de Cila e Caribdis e que passaria perto da terra dos Ciclopes, porém, que se abstivesse de entrar na Itália pelas costas meridionais, porque naquela época estavam povoadas de terríveis gregos.

Por fim, o bondoso rei Heleno aconselhou Enéias a tratar de ganhar o amor da Deusa Juno, fazendo piedosos sacrifícios. Esta divindade sempre se mostrara inimiga dos troianos.

E o vento incha as brancas velas sob a luz do plenilúnio e o remo luta contra o suave mármore. Palinuro consulta as estrelas e os navios afastam-se dos domínios do rei latino, enquanto que Andrômaca chora pela partida dos troianos.

Heleno, rei iluminado, profeta de Apolo, tu brindaste os troianos com régia e magnífica hospitalidade; depois, cheio de amor, interrogaste ao Deus do Fogo, preocupado com teu amigo Enéias.

Heleno, ó Deus, foste tu quem aconselhaste tão ínclito varão troiano a visitar a Sibila de Cumas.

Ao chegar a esta parte do presente capítulo, vêm à minha memória todas aquelas sacerdotisas de Eritréia, Endor e outros locais. Por onde quer que haja uma santa Sibila, certamente haverá um templo de mistérios. Exemplos são os Mistérios délficos, báquicos, cabíricos, dáctilos ou de Elêusis.

Os Deuses e os homens sábios jamais poderão se esquecer da tremenda importância com que se revestiram os Mistérios nos tempos antigos. A eles, Saís, Mênfis e Tebas deveram tanta fama e renome no antigo Egito faraônico.

Mais além da noite dos séculos, os Iniciados ainda se lembram de Mithra entre os persas, e Elêusis, Samotrácia, Lemnos e Éfeso, dentre outros, entre os gregos.

Formidáveis foram os Colégios Iniciáticos de Bibráctis e de Alésia entre os druidas gauleses.

Infáveis e indescritíveis por sua beleza e esplendor foram os Mistérios de Heliópolis, na Síria, em Tara, na Irlanda e em outros lugares.

Os druidas, sacerdotes dos celtas, praticavam – nas palavras de Plínio, o Velho – a Magia e os Mistérios em suas cavernas, segundo comprovaram também Júlio César e Pompônio Mela.

Os austeros e sublimes Hierofantes druidas, coroados de folhas de carvalho, reuniam-se solenemente sob a pálida luz da Lua para celebrar seus Mistérios Maiores, especialmente na Primavera, quando a vida ressuscita pujante e gloriosa.

Os Colégios Iniciáticos foram fechados no oriente pela barbárie militar de Alexandre Magno, e no ocidente, pela violência romana.

A cidade de Côte-d'Or, junto a Alise-Saint-Reine, foi certamente a tumba da Iniciação Druida. Todos os Mestres e Sibilas foram vilmente degolados pelas sanguinárias hordas de Roma, sem consideração alguma.

Igual sorte fatal e dolorosa coube a Bibráctis, a gloriosa rival de Mênfis. Seguiram-na em números de vítimas, Atenas e Roma, cujo colégio druida contava com 40.000 alunos de ciências ocultas, astrologia, filosofia, medicina, jurisprudência, arquitetura, literatura, gramática, etc.

A palavra latina ‘mysterium’ é o equivalente termo grego ‘telete’, cuja raiz se encontra na palavra ‘teleuteria’, que significa ‘morte’²⁴.

Coisa vã é a morte do corpo físico. O importante é a destruição total do Mim Mesmo.

A iluminação das Sibilas de Cumas, o esplendor das sacerdotisas da Eritréia, o êxtase de um *Mahatma*, são para pessoas que passaram de verdade pela Grande Morte.

O despertar da consciência, a mudança radical e absoluta, tornam-se impossíveis sem a morte do Eu Pluralizado. Somente com a morte surge o novo. O sendeiro da vida está formado com as pegadas dos cascos do cavalo da morte.

24 ‘Telete’ é o Ritual de Iniciação propriamente dito. Os ‘Mistérios’ ou os “ritos místicos” são denominados ‘teletai’. Já o local onde eram realizados esses ritos eram denominados de ‘telesterion’. Fonte: **The Golden Chain: An anthology of Platonic and Pythagorean Philosophy**, de Algis Uzdaviny (1962-2010), citando Plat. Theol. IV.31.8-16.

CAPÍTULO 16

A RUNA TYR



Pássaros que cantam, arroios que saltam, rosas que perfumam o ambiente, sinos que chamam para a sombra do meu bem bela ilusão do dia, porque a noite chegou.

Noite deliciosa cravejada de estrelas, permite que eu te ofereça o pobre dom do velho parque de meu coração dolorido. Estamos em dezembro, porém, com teu romântico cantar terás as rosas de um mês de maio.

Gostaria de adivinhar que voz é essa que sempre nega as coisas vãs, que as rechaça, que as repudia com um ‘não’, que não é ódio e que promete muitos ‘sins’.

Noite divina, eis-me aqui, por fim só comigo mesmo, escutando nas vozes de Isaías teu clamor insinuante que me nomeia.

Noite encantadora, Urânia, vida minha. Por ti o estar enfermo é estar são. Nada são para ti os contos que na remota infância divertem o mortal, porque cheiras melhor que a fragrância de sonolentos jardins encantados e porque és mais diáfana, meu bem, que o diáfano palácio de cristal.

Com fecundo ardor, sem acidente algum, com uma piedade simples, atravessei as ruas da cidade capital do México. Atravessei a cidade à meia-noite entre cristais inefáveis, limpos de toda névoa. Quem, gritando meu nome, à morada recorre? Quem me chama na noite com tão deliciosa entonação?

É um sopro de vento que soluça na torre, é um doce pensamento.

E subi à velha torre da Catedral Metropolitana cantando meu poema com a voz do silêncio.

Perdeu-se a neblina nos picos das montanhas. Das terras que sofreram tremendas convulsões, produzidas pelo vômito das lavas das crateras, surgiram como por encanto para o deleite dos olhos, Iztacihuatl e Popocatepetl, os dois

legendários vulcões, quais guardiões que custodiam o Vale do México. E mais além das longínquas montanhas, vi mundos e inefáveis regiões, impossíveis de serem descritos com palavras.

“Olha o que te aguarda”, disse-me uma voz generosa que dava música ao vento. Canção que ninguém escuta e que vai soando, por onde quer que eu vá e, em cujas notas, parece que eu sinto minha própria voz.

Ao descer da torre, alguém me seguia; era um *chela* ou discípulo. Grande foi a minha alegria. Sentia-me embriagado de uma deliciosa voluptuosidade espiritual. Meu corpo nada pesava; movia-me no veículo astral e meu corpo físico há algum tempo já o deixara [na cama].

No átrio da velha catedral, ao pé dos vetustos muros que tinham sido mudas testemunhas de tantas brigas, adulações e desafios durante diversos séculos, vi um heterogêneo e pitoresco conjunto de homens e mulheres, crianças e velhos, que por toda parte vendiam suas mercadorias.

Sentado como um iogue oriental, próximo ao muro e sob a torre anexa num canto da velha catedral, um ancião asteca de idade indecifrável, meditava. Um adormecido poderia tê-lo confundido facilmente como mais um mercador. Diante dele, na fria pedra do calçamento, havia um objeto misterioso, uma sagrada relíquia asteca.

Humilhado, confundido e abatido ante esse santo indígena, tive que me prosternar reverentemente; então o ancião me abençoou.

Meu *chela* ou discípulo, que seguia meus passos, parecia um sonâmbulo. Sua consciência dormia profundamente, e sonhava... De repente, algo acontece; ele se inclina como que para pegar algo, e sem o menor respeito, apanha e recolhe a intocável relíquia; eu a observava em suas mãos com infinita curiosidade e fiquei realmente espantado com esse procedimento.

Isso realmente me pareceu horrível, e disse então: “Mas o que é que estás fazendo? Estás cometendo um grande sacrilégio. Por Deus, retira-te daqui e deixa esta relíquia em seu lugar”.

No entanto, o Mestre, cheio de infinita compaixão, replicou: “Ele não tem culpa, pois está com a consciência adormecida”.

Depois, como todo caminhante que busca levar ao coração aflito o precioso bálsamo, segurou a cabeça do adormecido neófito e soprou em seu rosto o *Fohat* vivo para que despertasse; porém, tudo foi inútil; o discípulo continuou dormindo, sonhando.

Cheio de profunda amargura disse: “E eu que tanto lutei no mundo físico para que despertassem a consciência... No entanto continuam adormecidos”.

O *chela* agora assumira uma figura gigantesca. O Eu Pluralizado, o conjunto de distintas entidades, se metera dentro de seus corpos lunares, dando-lhe essa aparência.

Curioso era ver o descomunal gigante de cor cinza caminhando lentamente como um sonâmbulo pelo átrio da antiga catedral. Ele se afastava de nós e se dirigia para sua casa, onde seu corpo físico dormia. Nessa hora, não consegui conter a exclamação: “Que corpos lunares mais feios!”

Mas, o venerável ancião, embriagado de compaixão, alertou-me, dizendo: “No templo onde vais entrar agora (um templo *Jinas*, um santuário asteca), há muitos como ele; olha-os todos com simpatia”. “Claro que os olharei com simpatia”, respondi.

Falemos agora da reencarnação. Por acaso, se reencarnam as criaturas lunares? Poderia haver reencarnação onde não há individualidade?

A doutrina de Krishna, no sagrado país do Ganges, ensina que somente os Deuses, Semi-Deuses, Heróis, Devas e Titãs se reencarnam. Em outras palavras, diremos que somente os Auto-Realizados, aqueles que já encarnaram o Ser, podem reencarnar.

O Ego, o Eu pluralizado, não reencarna porque ele está submetido à lei do Eterno Retorno de todas as coisas. Ele regressa a uma nova matriz; volta para este Vale do Samsara; reincorpora-se.

PRÁTICA

As práticas correspondentes à Runa **Tyr** ou **Tir** consistem em colocar os braços para o alto e baixar as mãos, como se fossem conchas, enquanto se vocaliza o mantra **Tir** para despertar a consciência. O som das letras **I** e **R** é alongado: **Tiiiiirrrrr**.

O **T** ou Tau golpeia a consciência procurando o seu despertar. O **I** trabalha intensamente com o sangue, veículo da Essência; e o **R**, além de intensificar a circulação nas veias e vasos sanguíneos, opera maravilhas com as flamas ígneas, intensificando e estimulando o despertar da consciência.

CAPÍTULO 17

A MEDITAÇÃO



Informação intelectual não é vivência. Erudição não é experiência. O ensaio, a prova e a demonstração exclusivamente tridimensional não são unitotais.

Tem de haver alguma faculdade superior à mente, e independente do intelecto, que seja capaz de nos dar um conhecimento e uma experimentação direta sobre qualquer fenômeno.

Opiniões, conceitos, teorias, hipóteses, não significam verificação, experiência, consciência plena sobre tal ou qual fenômeno.

Somente libertando-nos da mente podemos viver de verdade *isso* que há de real, ou *aquilo* que se encontra em estado potencial atrás de qualquer fenômeno.

Mente há em toda parte. Os sete cosmos, o mundo, as luas, os sóis, nada mais são do que substância mental cristalizada ou condensada.

A mente também é matéria, ainda que bem mais sutil. Substância mental existe nos reinos mineral, vegetal, animal e humano.

A única diferença que existe entre o animal intelectual e a besta irracional é isso que se chama 'intelecto'. O bípede humano deu à mente forma intelectual.

O mundo nada mais é do que uma forma mental ilusória que se dissolverá inevitavelmente no fim deste grande dia cósmico.

Minha pessoa, teu corpo, meus amigos, as coisas, minha família etc. são, no fundo, isso que os hindus chamam de *maya* ou ilusão; vãs formas mentais que cedo ou tarde deverão ser reduzidas a poeira cósmica.

Meus afetos, os seres queridos que me cercam, etc., são formas simples da mente cósmica, não tendo uma existência real.

O dualismo intelectual, tal como o prazer e a dor, os elogios e as ofensas, o triunfo e a derrota, a riqueza e a miséria, constituem o doloroso mecanismo da mente.

Não pode haver verdadeira felicidade dentro de nós enquanto formos escravos da mente.

É urgente montar o burro (a mente) para entrarmos na Jerusalém Celeste em um Domingo de Ramos. Infelizmente, hoje em dia, o asno nos monta, miseráveis mortais do lodo da terra.

Ninguém pode conhecer a verdade enquanto for escravo da mente. Isso que é o Real não é questão de suposições, mas sim de experiência direta.

Jesus, o grande *Kabir*, disse: “Conhececi a verdade e ela vos fará livres”. Porém eu vos digo: “A verdade não é questão de afirmações, negações, crenças ou dúvidas. A verdade precisa ser experimentada diretamente na ausência do Eu, além da mente”.

Quem se libertar do intelecto poderá experimentar, viver, sentir, um elemento que transforma radicalmente.

Quando nos libertamos da mente, ela se converte em um veículo dúctil, elástico, útil, mediante o qual nos expressamos neste mundo de maneira consciente.

A lógica superior convida-nos a pensar que libertar-se, safar-se de toda mecanicidade, emancipar-se da mente, equivale a despertar a consciência e a terminar com o automatismo.

Isso que está além da mente é Brahma, o eterno espaço increado; é *Isso* que não tem nome, o Real.

Mas, vamos ao âmag: Quem ou o que deve se safar, se libertar, da mortificante mente?

Respondemos a essa interrogação dizendo: É a consciência, o princípio budista interior, isso que existe de alma em nós – isso é o que precisa se liberar.

A mente só serve para nos amargar a existência. Felicidade autêntica, legítima, real, só é possível quando nos emancipamos do intelecto.

Porém, devemos reconhecer que há um inconveniente, um enorme obstáculo, um óbice para essa aspirada libertação da Essência. Quero me referir ao tremendo batalhar das antíteses.

A Essência, a consciência, ainda que de natureza *búddhica*, infelizmente, vive engarrafada no aparatoso dualismo dos opostos: sim e não, bom e mau, alto e baixo, meu e teu, gosto e desgosto, prazer e dor, etc.

Sob todas as luzes resulta brilhante compreender que quando cessa a tempestade no oceano da mente, e termina a luta entre os opostos, a Essência escapa e submerge *nisso* que é o Real.

O dificultoso, trabalhoso, árduo e penoso, é conseguir o silêncio mental absoluto em todos e em cada um dos 49 departamentos subconscientes da mente.

Alcançar ou obter quietude e silêncio no nível meramente superficial e intelectual, ou em uns quantos departamentos subconscientes, não é suficiente, porque a Essência ainda continua enfrascada no dualismo submerso, infraconsciente e inconsciente.

Mente em branco é algo demasiadamente superficial, oco e intelectual. Necessitamos de reflexão serena, se de verdade quisermos alcançar a quietude e o silêncio absoluto da mente.

A palavra **Mo** significa ‘silencioso’ ou ‘sereno’. **Chao** significa ‘refletir’ ou ‘observar’. Logo, **Mo-Chao** pode ser traduzido como ‘reflexão serena ou observação serena’.

Porém, no gnosticismo puro, os termos ‘serenidade’ e ‘reflexão’ têm um sentido muito mais profundo e devem ser compreendidos em suas conotações especiais.

O significado de sereno transcende ao que normalmente se entende por calma ou tranquilidade. Implica em um estado superlativo que está além dos raciocínios, desejos, contradições e palavras. Designa uma situação que se encontra fora do bulício mundano.

O significado de reflexão está bem além disso que sempre se entendeu por contemplação de um problema ou de uma idéia. Aqui, não implica em pensamento contemplativo ou em atividade mental, e sim, numa espécie de consciência objetiva, clara e reflexiva, sempre iluminada pela sua própria experiência.

Portanto, ‘sereno’, aqui, é a serenidade do ‘não-pensamento’, e ‘reflexão’ significa ‘consciência intensa e clara’.

Reflexão serena é a consciência clara na tranquilidade do não-pensamento. Quando reina a perfeita serenidade, consegue-se a verdadeira e profunda iluminação.

CAPÍTULO 18

O DISFORME GIGANTE POLIFEMO



Recordai, homens e Deuses, aquela terra maldita em que habitava o disforme gigante Polifemo, em companhia de uma centena de irmãos seus, iguais a ele em crueldade e monstruosa estatura.

Ulisses, o astuto guerreiro destruidor de cidades, acompanhado dos seus, refugiou-se na caverna do ogro, e este, sem respeitar as regras da hospitalidade, começou a devorar todos os hóspedes.

Porém, o guerreiro sagaz, hábil, manhoso e perspicaz em todos os tipos de enganos, conseguiu embriagar o descomunal gigante com um vinho delicioso, já quando estava farto de carne humana.

Dormia o monstro de costas no chão, perto da fogueira, e vomitava vinho misturado com pelancas de carne daqueles a quem havia sacrificado desumanamente. Para um guerreiro metido na boca do lobo, era uma oportunidade nada desprezível e, naturalmente, o rei de Ítaca soube tirar bom partido dela.

Descrevem as lendas seculares que o astuto guerreiro, sagaz e esperto como ninguém, pegando de uma estaca pontiaguda endurecida no fogo, cravou-a sem qualquer consideração no olho frontal do colosso, fugindo depois precipitadamente para longe daquela caverna.

Enéias, o ínclito varão troiano, pôde verificar a realidade desta narrativa, quando navegava em direção às terras do Lácio.

Ele desembarcou com sua gente naquelas terras inóspitas, escutou o relato dos lábios de Aquemênides e viu Polifemo aparecer em meio às montanhas. O gigante caminhava cego no meio do rebanho e dirigiu-se para o mar pelo lado em que havia um desfiladeiro escarpado.

Tomados de pânico, os troianos embarcaram em silêncio e, levando Aquemênides, cortaram as amarras. O gigante escutou o bater dos remos e, ainda que não tenha pensado em perseguir os navegantes, gritou em alta voz, como

quando um leão rugiu, e apareceram cem titãs que se igualavam em estatura aos altos cedros e pinheiros que adornam o bosque sagrado de Diana.

Estes são os gigantes da antiguidade, os *Gibborim* bíblicos de antes e depois do Dilúvio.

Chegam à minha lembrança as cinco estátuas de Bamiyan, redescobertas pelo famoso viajante chinês Hsuan-tsang (Xuanzang)²⁵.

A maior representa a primeira raça humana, cujo corpo protoplasmático, semi-etérico, semifísico, está assim comemorado na dura e imperecedoura pedra para instrução das gerações futuras, pois, de outro modo, sua recordação não teria sobrevivido ao dilúvio atlântico.

A segunda, com 120 pés [cerca de 40 metros] de altura, representa claramente a raça hiperbórea.

A terceira mede 60 pés de altura e immortaliza sabiamente a raça lemuriana que habitou o continente Mu ou Lemúria, situado no Oceano Pacífico. Os seus últimos descendentes acham-se representados nas famosas estátuas encontradas na Ilha de Páscoa.

A quarta raça representada pela correspondente estátua viveu no continente atlante, situado no oceano Atlântico e foi ainda menor, embora gigantesca em termos comparativos com a nossa atual quinta raça.

A última das cinco estátuas é um pouco maior que a altura média dos homens altos da nossa atual raça. Obviamente, essa estátua personifica a raça ariana que habita nos continentes atuais.

Existem por todas as partes do mundo ciclópicas ruínas e colossais pedras que dão vivo testemunho desses gigantes.

Nos tempos antigos havia pedras gigantesas que andavam, falavam, emitiam oráculos e até cantavam.

A Pedra de Cristo, a Rocha Espiritual que seguia Israel, a qual se converteu em Júpiter-Lápis, foi devorada por seu Pai Saturno, sob a forma de um peder-nal.

Se não tivessem havido gigantes que movessem essas colossais rochas, jamais teria existido Stonehenge e Karnac (na Bretanha) e outras construções ciclópicas semelhantes.

25 Os fanáticos do Talibã ordenaram a destruição dessas estátuas em março de 2001; portanto, já nada mais resta dessa preciosidade.

Se em tempos idos, não tivesse existido sobre a face da Terra a verdadeira e legítima ciência mágica, jamais teria havido tantos testemunhos de pedras falantes e oraculares.

Em um poema, atribuído a Orfeu, essas pedras são distribuídas em ofíticas e sidéricas: a pedra serpente e a pedra estrela.

A pedra ofítica é áspera, dura, pesada, negra, e tem o dom da fala. Quando alguém vai pegá-la, produz um som semelhante ao grito de uma criança. Foi por intermédio dessa pedra que Heleno predisse a ruína de Tróia, sua querida pátria.

Documentos sagrados antiquíssimos afirmam que Eusébio nunca se separava de sua pedra ofítica e que dela recebia os oráculos, os quais eram proferidos por uma vozinha parecida com um tênue assobio, o mesmo que Elias ou *Elijah* escutou depois do terremoto na entrada de sua caverna.

A famosa pedra de Westminster era chamada de *Liafail*, a Pedra Falante, porém só elevava sua voz para nomear o rei que devia ser eleito. Essa pedra tinha uma inscrição, a qual agora encontra-se apagada pela poeira dos séculos, que dizia: *Ni fallat fatum, scoti quocumque locatum invenient lapidem, regnare tenentur ibidem*.²⁶

Suidas fala de um homem que podia distinguir, com uma rápida olhada, as pedras inanimadas das que estavam dotadas de movimento. Plínio, o Velho, tece comentários sobre as pedras que se afastavam quando uma mão se aproximava delas.

Antigamente as monstruosas pedras de Stonehenge eram chamadas *Chior-Gaur* ou **O Bailado dos Gigantes**.

Vários autores bastante eruditos, falando sobre as ruínas de Stonehenge, Karnac e West Hoadley, informaram maravilhosamente sobre esse assunto tão especial.

Nessas regiões se encontram imensos monolitos, alguns pesando 500 toneladas, aproximadamente. Foram os gigantes da antiguidade que um dia levantaram essas grandes rochas, colocaram-nas em uma formação simétrica e assentaram-nas com tão maravilhoso equilíbrio que parecem apenas tocar o solo. Ainda que com o mais ligeiro e rápido contato de um dedo sejam postas em movimento, elas resistiriam à força de vinte homens que tentassem deslocá-las.

26 “A não ser que o oráculo falhe, onde os escoceses encontrarem esta pedra colocada, eles vão manter o domínio”.

Foram os gigantes que transportaram as pedras para a construção das pirâmides egípcias.

A Pedra Oscilante foi um meio de adivinhação usado pelos gigantes. Mas por que oscilam?

Evidentemente, as maiores delas são relíquias dos atlantes, enquanto que as menores, como as rochas de Brimham, com pedras giratórias em sua cúspide, são cópias das pedras (*lithoi*) mais antigas.

CAPÍTULO 19

RUNA BAR



Falando no idioma de ouro, no orto puríssimo da linguagem divina, descobrimos com místico assombro que *Bar*, em sírio, significa ‘filho’.

‘Baron’ decompõe-se em duas sílabas sagradas: *Bar-On* que, inteligentemente traduzidas, vêm a dar ‘Filho da Terra’. Cristo, o Logos Solar, é algo mais profundo. Em aramaico, *Bar-Ham* significa ‘Filho do Homem’.

De fato, o *Khristos* ou Cristo Cósmico e triunfante não é Jesus, mas esteve encarnado nele. Tampouco é Buddha, mas floresceu em seus lábios fecundos feito Verbo. Não foi Moisés, porém resplandeceu em sua face no monte Nebo. Não foi Hermes, porém nele viveu incorporado. O Senhor está desprovido de individualidade.

Para quem sabe, a Palavra [o Verbo] dá poder. Ninguém a pronunciou, ninguém a pronunciará, a não ser aquele que a encarnou.

“É necessário que cada Filho do Homem - chame-se Jesus, Buddha ou Krishna - padeça muitas coisas e que seja repudiado pelos anciões (os que são tidos no mundo por prudentes, sensatos e discretos), pelos príncipes e pelos sacerdotes (homens constituídos de autoridade mundana), pelos escribas (aqueles que o mundo tem por sábios) e que seja entregue para morrer e que ressuscite no terceiro dia. Porém, acrescentamos que, verdadeiramente, alguns não provarão a morte até que vejam por si mesmos o Reino dos Céus”.

“Quem quiser me seguir negue a si mesmo (dissolva o Eu Pluralizado), carregue sua cruz dia após dia, porque quem quiser salvar sua alma (o egocêntrico), perdê-la-á, e quem, por amor a mim, quiser perder sua alma (aquele que morre em si mesmo), esse se salvará. Pois, de que adianta a um homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a si mesmo? Quem se envergonhar de mim e de minhas palavras se envergonhará do Filho do Homem quando o vir com toda a sua majestade e a majestade de seu Pai e de seus Santos Anjos”.

Ao estudarmos a gramática cósmica podemos verificar que há uma íntima relação entre as Runas **Tyr** ou **Tir** e **Bar**.

Tyr, esotericamente, corresponde ao signo zodiacal de Peixes, enquanto que **Bar** brilha ardentemente na constelação de Áries. Isso nos recorda a oculta relação existente entre a água e o fogo, a morte e a vida.

Se colocarmos diante da sagrada sílaba **AR** um **B**, com isso queremos indicar a necessidade de trazer o Sol para a Terra. **Ar-Bar-Man** é o primitivo nome de **Abra-Ham** [Abraão].

Encarnar o Cristo dentro de si mesmo é vital, cardeal, fundamental, para se converter em Filho do Homem. Somente assim se adquire o direito de ingressar na Ordem de Melkhisedek.²⁷

Resulta oportuno recordar aos Filhos da Terra, aos moradores do mundo, à raça lunar, que da mesma maneira como a água pôs fim à história antiga, assim também o fogo destruirá muito em breve tudo aquilo que tem vida. Ai dos moradores da Terra! Ai desta raça perversa de Adão!

“O Dia do Senhor virá como um ladrão na noite, no qual os céus passarão com grande estrondo e os elementos, ardendo, serão desfeitos, e a Terra e as obras que nela existem, serão queimadas”.

É bom que os Filhos da Terra saibam que a raça solar mora nas terras das mil-e-uma-noites, na terra dos *Jinas*.

É urgente, indispensável, necessário, que nos convertamos realmente em reis e sacerdotes da natureza, segundo a Ordem de Melkhisedek. Apenas assim poderemos ser salvos.

Entre as múltiplas facetas inquietantes da vida, podemos e devemos afirmar que existe ao nosso lado uma humanidade que nos é invisível devido aos nossos pecados e abusos sexuais.

Com o consentimento dos veneráveis e respeitáveis Mestres, podemos informar às pessoas lunares que a Ordem de Melkhisedek tem muitas confrarias. Recordemos por um momento o transcendente Montsalvat, a Sagrada Ilha do Norte, localizada na calota polar, a Divina Ordem do Tibete, à qual tenho a alta honra de estar afiliado, etc.

27 Em outras palavras, para fazer parte da Sagrada Ordem de Melkhisedek, é preciso encarnar o Cristo.

Obviamente, tais corporações inefáveis resultam inabordáveis por causa do Véu de Ísis.

Convém explicar às pessoas que o véu sexual de Adão só pode ser levantado pelo Cristo Íntimo.

O Filho do Homem nasce do fogo e da água. Esta é a religião da síntese, a doutrina de Jano com seus três radicais I. A. O.

O filho da terra não gosta dessa doutrina. Seu lema é: Comamos e bebamos porque amanhã morreremos.

Está escrito que a raça atlante foi devorada pelo Averno. Foram salvos somente os Filhos do Sol.

De acordo com a lei da recorrência, esse acontecimento se repetirá, tornando inevitável o ingresso da humanidade atual na involução submersa do organismo planetário em que vivemos.

Existem três Igrejas:

1. A **Triunfante**, brilhantemente representada por uns poucos Cavaleiros do Graal que se mantiveram puros.
2. A **Fracassada**, a igreja daqueles que detestam a Pedra da Iniciação.
3. A **Militante**, que é a daqueles que, como Maria Madalena, Paulo de Tarso, Kundry e Anfortas, se rebelam contra o fogo luciférico sedutor.

À Igreja Triunfante pertencem os irmãos que já trilharam o áspero sendeiro da salvação, como diz o lema latino: *per aspera ad astra*. Eles são verdadeiros Filhos de Deus no mais belo sentido místico.

Filhos de Deus e Filhos do Homem no esoterismo crístico são sinônimos. Eles são os Cavaleiros do Santo Graal.

PRÁTICA

Combinem inteligentemente os exercícios da Runa **Bar** com os da Runa **Tyr** ou **Tir**.

Levantem os braços para o alto e baixem as mãos como se fossem conchas, enquanto cantam os mantras **Tir** e **Bar** assim:

Tiiiiiiiiirrrrrrrrrr

Baaaaaaaaarrrrrrrrrr

Objetivos desta prática:

1. Mesclar sabiamente em nosso universo interno as forças mágicas das duas runas.
2. Despertar a consciência.
3. Acumular internamente átomos crísticos de altíssima voltagem.

CAPÍTULO 20

AS DEZ REGRAS DA MEDITAÇÃO



A meditação científica tem dez regras básicas, fundamentais, sem as quais é impossível a libertação, a emancipação dos grilhões mortificantes da mente.

As dez regras da meditação são:

1. Tornar-se totalmente consciente do estado de ânimo em que se encontra antes de surgir qualquer pensamento.
2. Psicanálise: Investigar a raiz, a origem de cada pensamento, recordação, ressentimento, emoção, afeto, sentimento, conforme vão surgindo na mente.
3. Observar serenamente a própria mente, pôr plena atenção em toda forma mental que aparecer na tela do intelecto.
4. Tratar de recordar, rememorar, essa sensação de contemplar, de momento a momento, durante o curso normal da vida diária.
5. O intelecto deve assumir um estado psicológico receptivo, íntegro, unitotal, pleno, tranquilo, profundo.
6. Deve existir continuidade de propósitos na técnica da meditação; tenacidade, firmeza e constância.
7. Torna-se agradável e interessante assistir a cada vez que seja possível, as práticas de meditação nos Lumisiais Gnósticos.
8. É peremptório e premente converter-se em vigia da própria mente. Durante qualquer atividade agitada ou de revolta é preciso se deter por um instante a fim de observá-la.
9. Torna-se imprescindível praticar sempre com os olhos fechados a fim de evitar as percepções sensoriais externas.
10. Total relaxamento de todo o corpo e sábia combinação da meditação com o sono.

Querido leitor, chegou o momento de aquilatar e de analisar criteriosamente essas dez regras científicas da meditação:

1. O princípio básico, o fundamento vivo do *Samadhi* (êxtase), consiste em um prévio conhecimento introspectivo de si próprio. Torna-se indispensável a introversão durante a meditação profunda. Devemos começar pelo conhecimento do estado de ânimo em que nos achamos antes que apareça no intelecto qualquer forma mental. É necessário compreender que todo pensamento que surge na mente é sempre precedido por dor ou prazer, alegria ou tristeza, gosto ou desgosto.
2. Reflexão serena: Examinar, aquilatar e inquirir sobre a origem, causa, razão ou motivo fundamental de cada pensamento, recordação, imagem, afeto, desejo, etc., conforme for surgindo na mente. Nesta segunda regra, há autodescobrimento e auto-revelação.
3. Observação serena: Pôr plena atenção em cada forma mental que surgir na tela do intelecto.
4. Devemos nos converter em espiões de nossa própria mente; contemplá-la em ação de momento a momento.
5. O *chitta* (a mente) transforma-se em *vrittis* (ondas vibratórias). A mente é como um lago sereno e calmo. Ao cair uma pedra nele elevam-se pequenas bolhas desde o fundo. Os diferentes pensamentos são ondulações perturbadoras na superfície da água. Que o lago da mente permaneça cristalino, sereno, profundo e sem ondas durante a meditação.
6. As pessoas inconstantes, volúveis, versáteis, mutáveis, sem firmeza, sem vontade, jamais conseguirão atingir o *Satori*, o *Samadhi*.
7. A técnica da meditação científica pode ser praticada tanto de maneira isolada ou individual como por grupos de pessoas afins.
8. A alma deve se libertar do corpo, dos afetos e da mente. Torna-se evidente, notório, patente, que, ao se emancipar, ao se libertar do intelecto, a alma se livra radicalmente de todo o resto.
9. Torna-se urgente, indispensável, necessário, eliminar as percepções sensoriais externas durante a meditação interior.
10. É indispensável aprender a relaxar o corpo para a meditação. Nenhum músculo deve ficar em tensão. Urge provocar e graduar o

sono à vontade. A combinação sábia do sono com a meditação produz a Iluminação.

RESULTADOS

No misterioso umbral do templo de Delfos, havia uma máxima grega gravada na pedra que dizia: *Nosce te ipsum*²⁸. Homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses.

O estudo de si mesmo, a serena reflexão, em última instância, conclui obviamente na quietude e no silêncio da mente.

Quando a mente está quieta e em silêncio, não apenas no nível superficial do intelecto, mas em todos e em cada um dos 49 departamentos da subconsciência, advém o novo, liberta-se a Essência, a consciência, e produz-se o despertar da alma, o êxtase, o *samadhi*, o *satori* dos santos.

A experiência mística do real nos transforma radicalmente. As pessoas que jamais experimentaram *Isso* que é a Verdade, vivem borboleteando de escola em escola. Não encontraram seu centro de gravidade cósmico e morrem fracassadas, sem terem jamais conseguido a tão desejada Auto-Realização Íntima.

O despertar da consciência, da Essência, da Alma ou Buddhata, só é possível com a libertação, com a emancipação do dualismo mental, da ondulação intelectual e do batalhar das antíteses.

Qualquer luta subconsciente, infraconsciente, inconsciente, submersa, converte-se em uma trava para a libertação da Essência ou Alma.

Todo batalhar de antíteses, por insignificante e inconsciente que seja, indica, assinala, acusa pontos obscuros, ignorados, desconhecidos, nos infernos atômicos do homem.

Refletir, observar, conhecer esses aspectos infra-humanos do Mim Mesmo, esses pontos obscuros, resulta indispensável para se conseguir a quietude e o silêncio absolutos da mente.

Só na ausência do Eu é possível experimentar *Isso* que não é do tempo.

²⁸ Esta é uma expressão em latim. Em grego transliterado escreve-se *Gnothi seauton*. Quer dizer: Conhece a ti mesmo.

CAPÍTULO 21
A TRAGÉDIA DA RAINHA DIDO



Ninguém pode negar que a eterna Mãe Espaço tem dois aspectos rivais: Vênus e Astaroth, Heva e Lilith, Sophia Akhamoth e Sophia Prunikos.

Falemos agora de Vênus, melhor diríamos, de Astaroth, o aspecto negativo de *Prakriti*, sua tenebrosa antítese na natureza e no homem.

Narra a lenda dos séculos que a crueldade de Kali inflamou o coração da rainha Dido. Ela não quis compreender que essa paixão era contrária à vontade dos Deuses Santos.

Ó Dido! Luz de delicioso sonho, flor de encantador mito! Tua admirável beleza canta a graça de Hermafrodito com o aéreo de Atalanta, e de tua forma ambígua, a evocada musa antiga, um hino de fogo levanta.

Sedento, Enéias bebe da ânfora em que está o velho vinho. Foebo [Apolo] franze a testa e Juno enruga o cenho, mas Kali-Astaroth ri, como sempre, e Eros derrama seu filtro nos cálices de Hebe.

A infeliz soberana, antes de conhecer Enéias, havia sido cortejada por Iarbas, o rei da Líbia, homem valente, que não suportava as ofensas, terrível arqueiro que morava, com seus guerreiros, perto do deserto africano.

Pobre Dido! Que terrível luta íntima teve de sustentar entre seu sagrado dever - o amor por seu povo - e a cruel ferida de Cupido. Este último começou seu trabalho destruidor apagando insensivelmente da memória da soberana a imagem de Siqueu, seu primeiro esposo.

Lilith-Astaroth! Quanto dano causaste! Deusa de desejos e paixões! Mãe de Cupido! Por tua causa o sangue brota dos corações humanos. Ó rainha, lançaste ao esquecimento o terrível juramento, porque encontraste no caminho da tua vida um troiano que pôs em teus sedentos lábios um novo alento, uma bela taça de delicioso vinho.

E quando Cupido chegou em teu vermelho sangue selvagem, uma tríplice chama de espantosa paixão sexual foi acesa, e à espantosa paixão sexual, entregaste a vindima da tua vida em brotações de fogo.

Beleza a quem a terrível sorte ordenara martirizar-se com tantas ternuras, recebeu de Lúcifer uma pérola negra rara para o teu diadema de loucuras.

Consultou a infeliz soberana sua irmã Ana e ambas recorreram aos altares de diversos Deuses em busca de presságios que favorecessem seus desejos.

Imolaram vítimas a Ceres, a Foebo-Apolo, a Dionísio e especialmente a Juno, Deusa das mulheres que trabalham na Nona Esfera e que preside as cerimônias nupciais justas e perfeitas.

Muitas vezes, ó Deus, inclinou-se a trágica rainha sobre os flancos abertos das inocentes vítimas sacrificadas, inspecionando suas entranhas palpitantes.²⁹ Porém uma mulher apaixonada e com a consciência adormecida está sempre disposta a interpretar todos os sinais a favor do seu sonho.

Lá do céu, Juno, a Deusa das Mulheres Iniciadas, presenciava indignada os tenebrosos progressos que fazia Kali-Astaroth na pobre Dido, mas todas as suas reclamações e protestos foram inúteis.

Consumida pela paixão, a infeliz rainha Dido passava as noites em claro, pensando exclusivamente em Enéias.

O ínclito varão troiano reconstrói os muros de Cartago e trabalha para fortificar uma cidade estrangeira, loucamente enamorado.

Ah, se Mercúrio, o Mensageiro dos Deuses, não tivesse interferido! Bem diferente teria sido a sorte da pobre Dido!

O épico paladino troiano precisa rumar para o Lácio e esquecer quem o adora, tal é o mandato de Júpiter, Pai dos Deuses e dos Homens.

“Não, tu não és descendente de Dárdano. Nascestes, gelado e duro, nos ásperos cumes do Cáucaso, e uma tigresa de Hircania te amamentou em seus peitos”, exclama a despeitada soberana.

29 A adivinhação do futuro mediante o exame das entranhas das vítimas (animais mortos) era feita pelos águers ou arúspices. Foi uma das maiores artes no tempo dos etruscos. Nada se fazia sem consultá-los. Os arúspices utilizavam um estranho e complicado ritual que contrastava com a simplicidade dos primitivos águers etruscos, que se limitavam a solicitar uma resposta positiva ou negativa dos deuses mediante o vôo ascendente ou descendente dos pássaros.

Inúteis foram todas suas queixas e lamentos. A infeliz noiva não esteve em Áulis, sacrificando aos Deuses para pedir a destruição da cidade de Príamo, nem jamais foi aliada dos Aqueus. Por que, meu Deus? Por que tinha que sofrer tanto a infeliz?

A infortunada soberana, transformada em escrava pelo cruel dardo da paixão sexual, invoca a morte.

Inúteis foram suas oferendas diante do altar da Deusa Juno; a paixão animal não obtém resposta dos Deuses.

Ah! Se as pessoas soubessem que o veneno da paixão animal engana a mente e o coração...

A infortunada rainha acreditava estar enamorada; o dardo de Cupido havia se cravado em seu coração, porém, no fundo, sofria apenas de uma paixão.

Clama a infeliz no altar de Juno e, de repente, vê que a água lustral torna-se negra como o cilício, e o sagrado vinho da libação, vermelho como o sangue.

Terríveis momentos! Sobre a solitária cúpula do palácio, a coruja da morte lança seu sinistro canto. E ela às vezes sonha e se vê a caminhar por um deserto sem limites, em busca de seu adorado Enéias, fugindo desesperada e perseguida pelas impiedosas Fúrias.

No entanto, a infeliz não desconhecia os meios mágicos infalíveis e maravilhosos para esquecer uma paixão bestial.

“Vou te dizer para que me ajudes” – disse à sua irmã Ana. “Levantará uma grande pira na sala grande do palácio que dá de frente para o mar, e sobre ela porei e queimarei as lembranças de Enéias, inclusive aquela sua espada, cravejada de ouro, que o ímpio me ofereceu como presente de nossas núpcias, as quais não chegaram a se realizar”.

Infelizmente, a apaixonada soberana, ao invés de queimar na pira funerária as recordações do ilustre varão troiano, resolve imolar a si própria no fogo que flameja.

Cinge sua real fronte com as cintas sagradas das vítimas destinadas ao sacrifício e de pé sobre a pira fúnebre toma por testemunhas os cem Deuses, Érebo, Kaos e Hécate - o terceiro aspecto da Divina Mãe Espaço.

Ela, a desventurada soberana, que poderia ter utilizado os efeitos mágicos das ervas lunares, usando-as como combustível para incinerar recordações, paixões e maus pensamentos, violentamente deseja arder na pira da morte.

Roga ao Sol, clama por Juno, invoca as Fúrias da Vingança, comete o erro de amaldiçoar Enéias e, por fim, atravessa o coração com a espada do troiano. Sua irmã a encontrou já ardendo no fogo. Assim morreu a rainha Dido...

CAPÍTULO 22

A RUNA UR



Esquadrinhando o espaço infinito, entrevendo e observando os registros akáshicos da natureza, pude verificar por mim mesmo que a Lua é a mãe da Terra.

Com o olho aberto de *Dangma*, vou agora submergir no Grande *Alaya*, a famosa Superalma de Emerson, a Alma dos sete *Ameshaspendas*³⁰ dos zoroastrinos, que esteve ativa no passado Dia Cósmico do Loto de Ouro.

Vou dar testemunho do que vi e escutei. Portanto, ouvi-me, homens e Deuses: Conheço a fundo os Sete Mistérios da Lua, as Sete Jóias, as Sete Ondas de Vida que evoluíram e involuíram nisso que os teósofos denominam de ‘Cadeia Lunar’.

Na realidade, a Lua é o satélite da Terra apenas em certo sentido, qual seja, no fato de girar em torno de nosso mundo.

Vendo as coisas de outro ângulo, investigadas com o Olho de Shiva (intensa visão espiritual do *Jivanmukta* ou Adepto), a Terra é que é o satélite da Lua, em realidade.

Evidências a favor disso são as marés, as mudanças cíclicas em muitas formas de enfermidades que coincidem com as fases lunares. Pode-se ainda observar sua ação no desenvolvimento das plantas, além do que, sua influência é muito marcada nos fenômenos de concepção e gestação de todas as criaturas.

A Lua foi um mundo habitado e agora é um frio resíduo, uma sombra, arrastada atrás do novo corpo para o qual passou, por transfusão, seus poderes e princípios vitais. Ela está condenada a perseguir a Terra por longas idades. É uma mãe que gira em torno de sua filha; parece um satélite.

Eu vivi com a humanidade lunar. Conheci suas sete raças e suas épocas de civilização e barbárie, os alternados ciclos de evolução e involução.

30 Equivalentes cristãos dos ‘sete Espíritos diante do Trono’.

Quando os selenitas chegaram à sexta sub-raça da quarta ronda, idade em que atualmente estão os terrestres, cumpri missão semelhante a que estou cumprindo nestes momentos, neste planeta em que vivemos. Ensinei aos povos da Lua a religião da síntese, contida na Pedra Iniciática, o sexo, a doutrina de Jano (IAO) ou dos *Jinas*.

Eu acendi a chama da Gnose entre os selenitas; formei um Movimento Gnóstico e lancei a semente. No entanto, vos digo que uma parcela da semente caiu junto ao caminho; vieram as aves mundanas e a comeram. Outra parte caiu no meio das pedras, discussões, teorias e ansiedades, onde não havia gente reflexiva e profunda. Não resistiram à prova do fogo e secaram diante da luz do sol; não tinham raiz. E outra parte caiu entre espinhos, irmãos que ferem uns aos outros com a calúnia e a intriga; cresceram os espinheiros e as sufocaram.

Felizmente, meu trabalho de semeador não se perdeu [totalmente] porque uma parte caiu em terra boa e deu fruto, na medida de cem por um, sessenta por um e trinta por um.

Na *Devamatri*, *Aditi* ou Espaço Cósmico, dentro da **Ur** rúnica, no microcosmo homem-máquina, ou, diríamos ainda melhor, no animal intelectual, há muitas faculdades latentes que podem ser desenvolvidas à base de grandes esforços íntimos.

Na antiga Lua, antes que ela se convertesse em cadáver, aqueles que aceitaram a religião-síntese de Jano, foram salvos e se transformaram em anjos. Porém, a maioria, os inimigos do *Maithuna*, os que rechaçaram a Pedra Iniciática, o sexo, converteram-se em lucíferes, demônios terrivelmente perversos, dos quais fala a Bíblia.

Resta ainda dizer que nunca falta uma terceira posição. No Apocalipse Lunar, certo grupo frio tornou-se quente e aceitou o trabalho na Nona Esfera, o sexo. Para essa gente foi dada uma nova morada para que trabalhassem com a Pedra Bruta até dar-lhe a forma cúbica perfeita.

“A pedra que os edificadores rejeitaram veio a se tornar pedra angular, pedra de tropeço e rocha de escândalo”.

Por aqueles tempos, os selenitas tiveram uma religião espantosamente sanguinária. Os pontífices de tal culto me sentenciaram à pena de morte e fui crucificado sobre o cume de uma montanha, perto de uma grande cidade.

A transferência de todos os poderes vitais da Lua para o planeta Terra deixou sem vida a velha morada selenita. A Alma Lunar está agora reencarnada neste mundo em que vivemos.

No final do *Mahamvantara* Lunar, eu me absorvi no Absoluto que durou 311.040.000.000.000 de anos, ou seja, uma Idade de Brahma.

É indispensável acrescentar que as ondas monádicas da Lua submergiram depois do Grande Dia na *Ur* rúnica, no profundo ventre da eterna Mãe Espaço.

Urge afirmar que durante aquele *Maha-Samadhi*, êxtase sem fim, penetramos muito mais fundo e chegamos ao Pai Brahma, o Espírito Universal da Vida.

Faz-se necessário esclarecer que o Pai Brahma submergiu no Absoluto durante todo o período da Grande Noite, o *Mahapralaya*.

No terrível repouso paranirvânico, as trevas desconhecidas converteram-se em Luz Increada para nós, os irmãos.

Uhr é o relógio, a medida do tempo, o *Mahamvantara*. *Ruh* é o descanso, o Grande *Pralaya*.

Na realidade, a Noite Cósmica dura tanto quanto o Grande Dia. É meu dever afirmar que cada um de nós, os irmãos, se absorveu radicalmente em seu átomo primordial, o *Ain Soph*.

Ao começar a aurora do novo Dia Cósmico, a eterna Mãe Espaço se dilata, de dentro para fora, como o botão do lótus. O universo é gestado no ventre de *Prakriti*.

PRÁTICA

Amando a nossa Mãe Divina e pensando nesse grande ventre, onde os mundos são gerados, oremos diariamente assim:

“Dentro de meu Real Ser Interno reside a divina luz.

Raaaaaaaaammmmm... Iiiiiiii... Oooooo é a mãe de meu Ser,
Devi Kundalini.

Raaaaaaaaammmmm Iiiiiiii Ooooo, ajuda-me.

Raaaaaaaaammmmm Iiiiiiii Ooooo, socorre-me.

Raaaaaaaaammmmm Iiiiiiii Ooooo, ilumina-me.

Raaaaaaaaammmmm Iiiiiiii Ooooo, tu és minha mãe divina.

Ó minha Ísis, tu tens o menino Hórus, meu verdadeiro Ser, em teus braços; preciso morrer em mim mesmo para que a minha Essência se perca n'Ele, n'Ele, n'Ele”.

Esta oração se faz diante do sol com as mãos levantadas, as pernas abertas e o corpo agachado, como se esperando receber luz e mais luz.

CAPÍTULO 23

HISTÓRIA DO MESTRE MENG SHAN



Contam as velhas tradições, que se perdem na noite dos séculos, que o Mestre chinês Meng Shan conheceu a ciência da meditação antes dos 20 anos de idade. Dizem os místicos amarelos que, desde essa idade e até os 32 anos, estudou com 18 anciões.

Resulta certamente interessante, sugestivo e atraente saber que este grande Iluminado estudou, com infinita humildade, aos pés do venerável ancião Wan Shan, que lhe ensinou a utilizar inteligentemente o poderoso mantra **WU**, que se pronuncia com um duplo U [U... U...], imitando sabiamente o som do furação nas gargantas das montanhas.

Este irmão nunca esqueceu o estado de alerta percepção, de alerta novidade, tão indispensável e tão urgente para o despertar da consciência.

O venerável ancião-guru Wan Shan disse-lhe que durante as doze horas do dia é preciso estar alerta como um gato que espreita um rato ou como uma galinha que choca um ovo, sem abandonar a tarefa por um segundo sequer.

Nesses estudos, os esforços não contam, apenas os superesforços. Enquanto não estejamos iluminados, temos que trabalhar sem descanso, como um rato que rói um ataúde. Se praticarmos dessa forma, nos libertaremos da mente e experimentaremos diretamente esse elemento que a tudo transforma radicalmente, *isso* que é a Verdade.

Um dia, Meng Shan, depois de 18 dias e noites contínuas de meditação interior profunda, sentou-se para tomar chá. Então, oh maravilha! Compreendeu o sentido íntimo do gesto de Buddha ao mostrar a flor e o profundo significado de *Mahakasyapa* com seu exótico e inesquecível sorriso.

Interrogou a três ou quatro anciões sobre a experiência mística, mas eles guardaram silêncio. Outros, disseram-lhe para que identificasse a vivência eso-

térica com o *Samadhi* do Selo do Oceano. Este sábio conselho, naturalmente, inspirou-lhe grande confiança em si mesmo.

Meng Shan avançava triunfante em seus estudos, mas nem tudo na vida são rosas; também há espinhos. No mês de julho, durante o quinto ano de Chindin (1264), infelizmente contraiu disenteria em Chunking, província de Szechaun.

Com a morte nos lábios, decidiu fazer testamento e distribuir seus bens terrenos. Feito isso, incorporou-se lentamente, queimou incenso, e sentou-se num sítio elevado. Ali orou em silêncio aos três Bem-aventurados e aos Deuses Santos, arrependendo-se diante deles de todas as más ações que cometera em sua vida.

Considerando certo o fim de sua vida, fez aos Inefáveis um último pedido: “Desejo que mediante o poder de *Prajna* e de um estado mental controlado, possa eu me reencarnar em um lugar favorável, onde possa fazer-me monge (*swami*) em tenra idade. Se por casualidade, me recobrar desta enfermidade, renunciarei ao mundo e tomarei os hábitos para levar a luz a outros jovens budistas”.

Depois de formular esses votos, submergiu em profunda meditação, cantando mentalmente o mantra **WU**. A enfermidade o atormentava, os intestinos o torturavam espantosamente, porém ele resolveu não lhes dar atenção.

Meng Shan esqueceu por completo seu corpo e suas pálpebras fecharam-se firmemente, ficando como se estivesse morto.

Contam as tradições chinesas que quando Meng Shan entrou em meditação, só o verbo, isto é, o mantra **WU** (**U... U...**), ressoava em sua mente; depois não soube mais de si.

E a enfermidade? Que houve com ela? Que aconteceu? Resulta claro, lúcido, compreender que toda afecção, doença, dor, tem por embasamento determinadas formas mentais. Se conseguirmos o esquecimento radical, absoluto, de qualquer padecimento, o cimento intelectual se dissolve e a indisposição orgânica desaparece.

Quando Meng Shan se levantou do sítio, no começo da noite, sentiu, com infinita alegria, que já estava quase curado. Sentou-se de novo e continuou submerso em profunda meditação até a meia-noite, quando sua cura se completou.

No mês de agosto, Meng Shan foi a Chiang Ning e, cheio de fé, ingressou no sacerdócio. Permaneceu um ano naquele mosteiro e depois iniciou uma viagem durante a qual ele mesmo cozinhava seus alimentos, lavava suas rou-

pas, etc. Então, compreendeu na íntegra que a tarefa da meditação deve ser tenaz, resistente, forte, firme e constante, sem se cansar nunca.

Mais tarde, caminhando por terras chinesas, chegou ao mosteiro do Dragão Amarelo. Ali compreendeu a fundo a necessidade de despertar a consciência. Depois, continuou sua viagem em direção a Che Chiang. Chegando lá, prosternou-se aos pés do Mestre Ku Chan de Chin Tien e jurou não sair do mosteiro enquanto não atingisse a Iluminação. Depois de um mês de meditação intensiva, recobrou o trabalho perdido na viagem, porém seu corpo encheu-se de horríveis bolhas, as quais foram intencionalmente ignoradas por ele, tendo continuado com a disciplina esotérica.

Um dia qualquer, não importa qual, convidaram-no para uma deliciosa comida. No caminho tomou sua *Hua Tou* e trabalhou com ela. Submerso em meditação, passou diante da porta de seu anfitrião sem se dar conta; foi quando compreendeu que poderia manter o trabalho esotérico mesmo em plena atividade.

No dia 6 de março, quando estava meditando com a ajuda do mantra **WU**, o monge principal do mosteiro entrou no Lumisial de Meditação com o evidente propósito de queimar incenso. Porém, aconteceu que ao bater na caixa de incensos, produziu um ruído específico. Então, Meng Shan reconheceu a si mesmo e pôde ver e ouvir Chao Chou, notável Mestre Chinês.

“Desesperado, cheguei ao ponto morto do caminho. Bati na onda (porém) não era mais que água. Oh, esse notável velho Chao Chou, cuja cara é tão feia!”

Todos os biógrafos chineses estão de acordo ao afirmarem que no outono Meng Shan entrevistou-se com Hsueh Yen em Ling An e com Tui Keng, Hsu Chou, Shih Keng e outros notáveis anciões.

Sempre entendi que o *Koan* ou frase enigmática decisiva para Meng Shan foi, sem sombra de dúvida, aquela com a qual Wan Shan o interrogou: “Não é a frase ‘a luz brilha serenamente sobre a areia da praia’ uma observação prosaica desse tom de Chang?”

A meditação nessa frase foi suficiente para Meng Shan. Quando Wan Shan o interrogou mais tarde com a mesma frase, isto é, repetiu-lhe a mesma pergunta, o místico amarelo respondeu atirando ao chão o colchão da cama, como que dizendo: “Já estou desperto”.

CAPÍTULO 24

O PAÍS DOS MORTOS



Enéias, o exímio varão troiano, olímpico e solene sobe a augusta montanha de Apolo, em cujo topo encontra-se o misterioso recinto da pitonisa.

Bosque sagrado do terceiro aspecto da Divina Mãe Kundalini, selva inefável, de Hécate, Prosérpina.

Santuário hermeticamente fechado com cem portas; gloriosa entrada em que Dédalo, o hábil escultor, gravou com extraordinária maestria maravilhosos relevos.

Diz-se que Ícaro, cujo IAO foi cinzelado por seu pai na sagrada rocha da misteriosa entrada, quis subir aos céus, converter-se em Filho do Sol, mas suas asas de cera derreteram e ele caiu no precipício.

Símbolo maravilhoso, inútil intento daqueles que não sabem trabalhar com o *fiat* luminoso e espermático do primeiro instante; desgraça e queda dos alquimistas que derramam a matéria prima da Grande Obra.

Porventura, não foi Dédalo, o famoso escultor grego, o autor de Ícaro, que ensinou a Teseu como escapar do intrincado labirinto de Creta?

Construção de horrendos corredores e em cujo centro estava sempre o famoso Minotauro, metade homem e metade besta. Eis aí o complicado intelecto engarrafado em si mesmo.

Apenas eliminando a besta interior podemos nos libertar de verdade. Somente dissolvendo o Ego animal chegaremos à Auto-Realização Íntima.

“Este não é o momento de admirar obras de arte” – exclama a sacerdotisa; “breve chegará Apolo como um forte vento”.

O ínclito varão troiano sacrifica então cem cordeiros negros em honra de Prosérpina, a Rainha dos Infernos e da Morte, o terceiro aspecto manifestado da eterna Mãe Espaço.

E a Sibila, dizendo isso, ó Deus! Um espantoso terremoto sacode as entranhas da terra. Transfigurada, a sacerdotisa exclama: “Apolo! Eis aqui Apolo! Ah, Enéias! Ora! Escuta-me! As portas deste recinto não se abrirão antes que o tenhas feito!”

Conta a lenda dos séculos que o notável varão, ao escutar essas veneráveis palavras, elevou a Apolo suas ardentes súplicas.

Então, com a voz transfigurada pelo êxtase, a vestal revelou ao exímio guerreiro que conseguiria pôr os pés nas costas da Itália e se estabelecer em Lavinium. Prognosticou ainda que um segundo Aquiles, tão forte como o primeiro, lhe declararia guerra. Disse-lhe que nos rios latinos correria sangue, como em Tróia acontecera nos rios Janto e Simóis; porém, não deveria desanimar nem ceder diante da adversidade porque, no fim, sua salvação viria de uma cidade grega.

Desse modo, o santuário de Cumas esparge pela montanha seu sagrado horror. No fundo do templo, a terra ruge e a verdade se disfarça de trevas (*Demonius est Deus inversus*).

E Enéias roga à Sibila, suplica, chora e pede entrada ao país dos mortos; quer descer à morada de Plutão, e diz: “Por aqui se pode descer à morada dos mortos? Poderias me acompanhar a fim de que eu visite meu pai? Veja: ele foi meu companheiro de fuga... Carreguei-o sobre minhas costas quando fugíamos das fumegantes ruínas de Tróia. Quem me encaminha a ti é quem roga que te peça esta graça. Diga-me, será que peço muito? Se para lá desceu Orfeu armado tão somente com sua harmoniosa lira, se também Teseu e Hércules desceram, por que não poderei eu ir também, já que sou neto de Júpiter?” (Enéias foi um Iniciado).

Certamente, descer ao Averno, para trabalhar na Nona Esfera e dissolver o Eu, é fácil; porém, bastante difícil é voltar. Eis aí o duro trabalho! Eis aí a difícil prova.

Prosérpina, a rainha dos infernos e da morte, é muito caprichosa e exige daqueles que vão visitá-la, como presente, o broto dourado, um ramo de ouro da árvore do conhecimento, com bastante semente.

Feliz de quem encontra a mágica árvore, a qual não está muito longe: é a nossa própria espinha dorsal. Para ele, se abrirão as portas [do reino] de Plutão.

Quem quiser subir, primeiro deve descer. Esta é a Lei. A Iniciação é morte e nascimento ao mesmo tempo. Porém, a vós, que ledes estas linhas, deixai que

os mortos enterrem seus mortos, e segui-me. Quem quiser vir depois de mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz, e siga-me.

Negar a si próprio significa desintegrar o Eu, morrer de momento a momento, reduzir a pó o Si Mesmo de instante a instante.

Lançar sobre os ombros a pesada cruz do Mestre é algo profundamente significativo. O tronco vertical desse santo símbolo é masculino e a parte horizontal é feminina. No cruzamento sexual de ambos os polos, acha-se a chave do Segundo Nascimento.

Seguir ao Senhor de segundo em segundo significa sacrifício pela humanidade. Estar disposto a dar até a última gota de sangue por nossos semelhantes significa imolarmo-nos na Ara Sacra do supremo amor por todos os nossos irmãos do mundo.

E agora, Deuses e Homens, escutem-me! Enéias e a Sibila penetraram pela espantosa caverna em direção ao seio da Terra.

Ponho por testemunha o Gênio da Terra a fim de afirmar solenemente que antes de se entrar no Averno, passa-se pelo Orco (o Limbo). O Orco é um vestibulo e nele moram a enfermidade, a horrenda fome, conselheira perversa e horrível, a miséria, as vãs alegrias, a guerra, as Fúrias, a Discórdia com a sua cabeleira de víboras e o sono da consciência.

Ali Enéias encontrou os sonhos estúpidos das pessoas. Viu criaturas horríveis como Briareu, o gigante de cem braços, a Hidra de Lerna, a quem Hércules matou cortando-lhe com maestria suas múltiplas cabeças, Quimera, monstro com cabeça de cabra; e viu também as harpias, as górgonas, as bruxas, etc.

Do Orco ou Limbo parte a misteriosa rota que leva as almas perdidas até o Tártaro (os mundos infernais).

Enéias e a Sibila, sentados na barca de Caronte, navegaram nas águas do Aqueronte e chegaram à outra margem.

No Averno, Enéias encontrou Cérbero, o demônio da luxúria, e Minos, o inexorável juiz. Viu também o lúgubre arroio serpenteando nove vezes a Nona Esfera e as águas terríveis do Estige.

Por fim, o piedoso Enéias encontrou no Averno, Dido, a rainha que tanto o amara, e seu falecido pai, a quem pôde abraçar.

CAPÍTULO 25
RUNAS DORN E THORN



Faz apenas uns poucos dias que me ocorreu de visitar novamente o templo de Chapultepec no México. Certa irmã prosternou-se humildemente diante das portas do templo, implorando a entrada. As súplicas sinceras sempre são atendidas.

A Mestra Litelantes e eu entramos imediatamente após a suplicante. Francamente, não posso negar que cheio de profunda veneração e devoção avancei caminhando de joelhos, como o fazem muitos penitentes. Dessa maneira, lentamente subi cada um dos degraus do santuário.

Litelantes entrou muito alegre, brincando um pouco. Tive que me tornar um pouco severo; ela estranhou minha atitude... Tive que dizer-lhe que sou diferente dentro do templo...

As portas abertas do templo deram oportunidade a que um grupo de pessoas lunares entrasse. Pobre gente!

Litelantes e minha insignificante pessoa, que nada vale, sentíamos bem a diferença dessa gente vestida com farrapos lunares para conosco. Quão distintos são os corpos solares!

Então, assombrosamente, o grupo lunar avançou sem respeito algum, sem veneração. Porém, pude compreender claramente, e com inteira lucidez, que deveria olhar aquele grupo com simpatia, pois era gente seleta e com muitos méritos.

Felizmente, não era hora de reunião, porquanto a maneira como eles entraram, não foi nada ordenada.

O Mestre Superior do Templo os repreendeu com severidade e os retirou do recinto. Cantou em uma linguagem tão agradável que todos tiveram de se retirar.

Eu fiquei refletindo sobre tudo isso. O amor do Cristo é formidável. Esse grupo lunar é muito sincero. Os pobrezinhos não chegaram ainda ao Segundo Nascimento, porém, merecem ser ajudados, e o Senhor cuida deles como se fossem delicadas florzinhas de uma estufa. Ao final, serão dadas novas oportunidades para trabalharem na Nona Esfera; mas, infelizes deles se chegarem a fracassar na difícil prova.

A descida ao Averno, à Nona Esfera, sempre foi a prova máxima, desde os tempos antigos, para a suprema dignidade do Hierofante. Buddha, Jesus, Dante, Hermes, Krishna, Quetzalcoatl, todos tiveram que descer à morada de Plutão.

Aí está o recinto onde uiva Cérbero, prodígio de terror, que com seus latidos, suas três enormes cabeças chatas e seu pescoço rodeado de serpentes, enche de espanto a todos os desencarnados.

Nessas sofridas profundidades moram aqueles que morreram enganados pelo veneno da paixão sexual: Evadne, Pasífae, Laodâmia e também a pobre rainha Dido, aquela que antes havia jurado fidelidade eterna sobre as cinzas de Siqueu.

Aí vivem muitos heróis da antiga Tróia: Glauco, Médon, Tersites, Polildo, Ideu, tão amado e tão temido.

Aí estão as terríveis sombras de Agamenon, Ajax e muitos outros aqueus que lutaram contra Tróia. Correm e gritam em meio às trevas, revivendo a vida como se ainda estivessem combatendo na planície aquecida pelo sol, ébrios de luta e de sangue.

Lá está a sinistra cidade, cingida de tríplice muralha, de onde saem horríveis e lastimosos gemidos e ruídos de correntes.

Lá estão as três Fúrias, (desejo, mente e má vontade); açoitam os culpados com terríveis chicotes que silvam como línguas de serpente.

Nessas tenebrosas e submersas regiões vivem também os Titãs da antiga Atlântida, que tentaram escalar o firmamento e conquistar outros mundos do espaço infinito, sem antes terem chegado à verdadeira santidade em suas vidas.

No Tártaro vivem os fornicários, adúlteros, homossexuais, assassinos, ébrios, avarentos, egoístas, ladrões, vigaristas, iracundos, violentos, cobiçosos, invejosos, orgulhosos, vaidosos, preguiçosos, glutões, criadores de falsas doutrinas, hipócritas, ateus, fariseus, traidores e materialistas, inimigos do eterno.

Ó Deus, que imensa é a multidão de delitos; ainda que tivesse cem bocas, mil línguas e voz de aço, jamais conseguiria enumerar todos.

Baixar a essas regiões minerais da Terra, a esse submundo, acaba sendo muito fácil, porém, voltar a subir, regressar à luz do sol, é espantosamente difícil, quase impossível.

Quando nasci no mundo causal³¹, diríamos melhor, no Universo Paralelo da Vontade Consciente, resplandeceu sobre o altar do templo o Pano Sagrado de Verônica.

Muitas cabeças coroadas de espinhos acham-se cinzeladas nas rochas e correspondem à Idade de Bronze.

Existiu um culto ao Deus dos Espinhos, os quais, devidamente considerados e examinados de forma criteriosa, nos indicam claramente a figura simbólica da Runa **Thorn**.

Nos Sagrados Mistérios do culto aos espinhos, davam-se práticas especiais para desenvolver a vontade consciente. **Dorn**, espinho, significa Vontade. Recordem, irmãos gnósticos, que nosso lema-divisa é *Thelema*.

O divino rosto coroado de espinhos significa *Thelema*; isto é: vontade consciente.

Dorn é também o *phallus*, o princípio volitivo da Magia Sexual (*Maithuna*).

É preciso acumular inteligentemente a energia seminal, mediante o *phallus*, a qual, ao ser refreada e transmutada, se converte em *Thelema*, vontade.

Arma-te com vontade de aço. Recorda, bom leitor, que sem o espinho que punge, que fere, não salta a chispa, não brota a luz.

Somente com *Thelema* (Vontade-Cristo) conseguiremos regressar do Tártaro para a luz do Sol. Em verdade, digo a todos que a Vontade-Cristo sabe obedecer ao Pai, tanto nos céus quanto na Terra.

Cuidem-se da má vontade, a qual, em si mesma, nada mais é do que a força de Satã, o desejo concentrado.

31 Grau correspondente à quinta Iniciação Maior.

PRÁTICA

Na posição militar de sentido, de pé, com o rosto voltado para o oriente, coloquem o braço direito de tal maneira que a mão fique apoiada sobre a cintura ou quadril, descrevendo a forma desta Runa. Cantem agora as seguintes sílabas mânticas:

TA, TE, TI, TO, TU, com o propósito de desenvolver a Vontade-Cristo.

Pratica-se este exercício todos os dias ao sair do sol.

CAPÍTULO 26

O EGO



Os que ouviram com mística paciência o arcano da noite misteriosa, os que compreenderam o enigma que se esconde em cada coração, o ressoar de uma carruagem longínqua, um vago eco, um ligeiro som perdido na distância, escutem-me.

Nos instantes de profundo silêncio, na hora dos mortos ou na hora do repouso, quando surgem do fundo da memória as coisas esquecidas e os tempos passados, saberão estudar profundamente este capítulo do **Quinto Evangelho**, não apenas com a mente, mas também com o coração.

Como se fosse numa taça de ouro, derramo nestas linhas minhas dores de longínquas recordações e de funestas desgraças. São tristes nostalgias da minha alma ébria de flores e dores do meu coração triste de festas.

Mas, o que quero dizer, alma minha? Por acaso te lamentas de tantos outoras com queixas vãs? Ainda podes perseguir a perfumada rosa, o lírio, e ainda há murtas para tua dolorosa cabeça grisalha.

A alma se agita com as vãs recordações. Cruel, imola o que ao Ego alegra, imitando Zíngua, a lúbrica rainha negra de Angola.

Tu gozaste em horríveis bacanais, em néscios prazeres e no bulício mundano, e agora, ai de ti! Ouves a terrível imprecação do **Eclesiastes**.

Desgraçado de ti! Pobre Ego! O momento de paixão te enfeitiça. Mas olha como chega a Quarta-Feira de Cinzas: *Memento, homo*³².

Por isso, para a montanha da Iniciação vão [unicamente] as almas seletas, como explicam Anacreonte e Omar Kayan.

32 'Lembra-te, homem' – alusão que neste rito é dito ao que recebe as cinzas que ele é pó da terra, e ao pó retornará.

O velho tempo a tudo corrói, sem clemência, e passa depressa. Cíntia, Cloe e Cidalisa, saibam vencê-lo.

Na ausência do Eu, além do tempo, experimentei *isso* que é o Real, esse elemento que a tudo transforma radicalmente.

Vivenciar o real além da mente, experimentar de forma direta *aquilo* que não pertence ao tempo, certamente é algo impossível de ser descrito com palavras.

Eu me encontrava nesse estado conhecido no oriente como *Nirvi-Kalpa-Samadhi*. Sendo um indivíduo, havia passado para além de toda individualidade. Por um instante senti que a gota se perdia no oceano sem margens, mar de luz indescritível, abismo sem fundo, Vazio Budhista cheio de glória e felicidade.

Como definir o Vazio Iluminador? Como descrever o que está além do tempo?

O *Samadhi* tornou-se muito profundo; a ausência absoluta do Eu, a perda total da individualidade, a impersonalização cada vez mais e mais radical, me causaram temor.

Sim, temor! Tive medo de perder o que sou, minha própria particularidade, meus afetos humanos. Que terrível é a Aniquilação Budhista³³.

Cheio de terror e até de pavor, perdi o êxtase, entrei no tempo, engarrafeimei-me no Eu e caí dentro da mente.

Então, ai de mim! Só então compreendi a pesada brincadeira do Ego. Era ele que temia e sofria; temia pela sua própria existência.

Satã, o Mim Mesmo, meu querido Ego, tinha feito com que eu perdesse o *Samadhi*. Que horror! Se tivesse sabido antes...

E as pessoas o adoram muito. Qualificam-no de divino, de sublime. Verdadeiramente, como estão equivocadas! Pobre humanidade!

Quando passei por esta vivência mística, era ainda muito jovem, e ela, a noite, o firmamento, chamava-se Urânia.

Ah! Juventude louca que joga com coisas mundanas e que vê em cada mulher uma ninfa grega, ainda que ela seja apenas uma rubra cortesã!

33 Esta expressão significa 'morrer em si mesmo', 'aniquilar totalmente o ego mundano', 'tornar-se pura Essência Divina'.

Distante tempo esse, mas ainda vejo flores nos verdes laranjais impregnados de aromas, ou nas antigas fragatas que chegam de longínquos mares, ou nos Icados³⁴, ou nos espessos mangues. Ô tu, rosto adorado desse tempo, que surges como primeiros pesares e como primeiros amores...

Então compreendi que precisava dissolver o Ego, reduzi-lo a pó, para ter direito ao êxtase.

Meu Deus! Então me encontrei com tantos e tantos ontens. De fato, o Eu é um livro de muitos volumes. Quão difícil foi para mim a dissolução do Eu, mas a consegui. Fugindo do mal, muitas vezes entrei no mal e chorei.

Para que servem as vis invejas e as luxúrias quando retorcem suas répteis e pálidas fúrias?

Para que servem os ódios funestos dos ingratos? Para que servem os lívidos gestos dos Pilatos?

No fundo profundo dos homens mais castos vive o bíblico Adão, ébrio de paixão carnal, saboreando com deleite o fruto proibido, e ainda ressurge a nua Frinéia da obra de Fídias.

Muito clamei aos céus, dizendo:

“Ao fauno que há dentro de mim, dá-lhe ciência, essa sabedoria que faz estremecer as asas do anjo. Pela oração e pela penitência seja-me permitido pôr em fuga as maléficas diabas. Dá-me, Senhor, outros olhos; não estes que gozam em ver belas curvas e vermelhos lábios. Dá-me outra boca em que fiquem impressos para sempre os ardentes carvões do asceta, e não esta boca de Adão em que bebidas e beijos loucos aumentam e multiplicam infinitamente as gulas bestiais. Dá-me, Senhor, mãos de penitente e de disciplinante que me deixem o lombo em sangue, e não estas mãos lúbricas de amante que acariciam as maçãs do pecado. Dá-me sangue crístico, inocente, e não este, que me faz arder as veias, vibrar os nervos e ranger os ossos. Quero ficar livre da maldade e do engano; quero morrer em mim mesmo e sentir uma mão carinhosa que me empurre para a caverna que sempre acolhe o ermitão”.

Meus irmãos, trabalhando intensamente cheguei ao Reino da Morte pelo Caminho do Amor.

34 Nome popular da planta *Chrysobalanus icaco*, muito comum nas áreas próximas da costa marítima da América Tropical. Ela é utilizada como arbusto ornamental e também porque seus frutos são comestíveis.

Ah, se esses que buscam a Iluminação viessem a compreender de verdade que a alma está engarrafada no Eu... Ah, se destruíssem o Eu, se reduzissem a poeira o querido Ego... Suas almas ficariam livres de verdade, em êxtase, em contínuo *Samadhi* e experimentariam *isso* que é a Verdade.

Quem quiser vivenciar o Real, deve eliminar os elementos subjetivos das percepções. Urge saber que tais elementos constituem diversas entidades que formam o Eu. Dentro de cada um desses elementos dorme profundamente a alma. Que dor!

CAPÍTULO 27

A CRUEL MAGA CIRCE



As antigas tradições do Lácio dizem: “Tu também Caieta, ama de Enéias, que deste ao nosso litoral eterna fama, se tua honra concede esta Sede, esta é a grande Espriella, pois o velho Enéias, depois de compor a terra de seu túmulo, faz-se ao mar. O vento incha as suaves velas sob a luz do plenilúnio e o remo luta com o suave mármore. E assim chegamos à ilha de Calixto, onde a cruel Deusa Circe transformou os homens em bestas ferozes”.

Conta a lenda dos séculos que Netuno, Senhor do Mar, Deus poderoso, favorável aos troianos, afastou-os desse tenebroso lugar onde morava a espantosa maga, ao enviar-lhes próspero vento.

Recordemos o caso de Ulisses, o astuto guerreiro destruidor de fortificações, aquele que penetrou na morada de Circe. Dizem as velhas escrituras que o guerreiro se deteve diante da porta misteriosa onde morava a Deusa de formosos cabelos, chamou-a e ela o convidou para entrar.

O próprio Ulisses narra sua aventura na Odisséia, dizendo: “Eu a segui com o coração cheio de tristeza, e ela fez com que me sentasse em uma poltrona com cravos de prata e magnificamente trabalhada. Sob meus pés havia um escabelo. Em dado momento, preparou uma taça de ouro com uma beberagem que ia me oferecer e à qual misturou um feitiço. Depois de me servir, quando estava a beber, ela me tocou com sua varinha e me disse: Anda, vai agora para o chiqueiro e lança-te ao solo junto com teus companheiros. Isto disse ela, porém eu saquei da bainha a minha afiada espada e me lancei contra ela como se a fosse matar. Mas ela, dando um grito, prosternou-se, abraçou meus joelhos e disse-me estas aladas palavras: Quem és tu entre os homens? Qual é a tua cidade? Onde estão teus pais? Muito me admiro que não tenhas te transformado depois de teres bebido o feitiço...”

Pode Circe transformar homens em porcos? O que nos diz a licantropia? Que dizem os Deuses Santos?

Muito já falamos sobre os três aspectos da eterna Mãe Espaço, mas será que existem aspectos opostos para a Deva-Matri? O que nos diz a ciência oculta?

Qualquer corpo que entra na quarta dimensão pode mudar de forma, porém, algo mais é preciso: o que será?

Vamos direto ao assunto, aos fatos. Precisamos compreender profundamente que o terceiro aspecto da Mãe Cósmica, quer a denominemos de Hécate ou de Prosérpina. Ela sempre tem a possibilidade de se desdobrar em dois outros novos e diferentes aspectos de tipo oposto ou fatal.

Definamos, esclareçamos tudo isso... Esses dois aspectos negativos [tenebrosos] da *Prakriti* constituem o que se chama de Kali ou Santa Maria. O Arcano 6 do *Tarot* representa as duas polaridades da Grande Mãe Espaço. Recordemos a virtude e o vício, a virgem e a rameira, Heva, a lua branca, e Lilith, a lua negra. Recordemos as graciosas esposas de Shiva, o Terceiro Logos: *Parvati* e *Uma*, cujas antíteses são aquelas mulheres sanguinárias e ferozes, *Durga* e *Kali*. Esta última é a tenebrosa regente desta horrível idade ou *yuga*: *Kali Yuga*.³⁵

Kali, como a serpente tentadora do Éden, é o abominável órgão *Kundartiguardor*, do qual tanto falamos em nossas precedentes **Mensagens de Natal**. É com o sinistro poder desse órgão fatal que os homens se transformam em porcos...

Que as abomináveis harpias se transformem em horripilantes e espantosas aves, que Apuleio se converta em asno ou que os companheiros de Ulisses se transformem em porcos, certamente não é algo impossível. Estes são fenômenos bem naturais da quarta coordenada, da quarta vertical ou quarta dimensão, os quais sempre se realizam com o tenebroso poder de *Kali* ou de Circe.

Nossas afirmações poderão parecer estranhas àqueles que não estudaram nossas anteriores **Mensagens de Natal**. Certamente, a esses soarão bem estranhas nossas afirmações; contudo, sinteticamente e em verdade, diremos que essa Circe ou essa *Kali* vem a ser a força *fohática* cega, a eletricidade sexual transcendente usada de forma maligna.

Se uma harpia coloca seu corpo físico na quarta vertical, e em seguida se transforma em ave de mau agouro ou em qualquer outro tipo de animal,

35 É preciso entender que o fato de Kali ser chamada de Deusa Negra não significa que Ela é, ou seja, uma divindade negativa. Na mitologia hindu, Kali e Durga equivalem as gregas Hécate e Perséfone – Deusas da Morte e das Trevas do Mundo Subterrâneo. O tradutor entende que o autor quer se referir aqui especificamente aos aspectos tenebrosos de Kali, à sombra da sombra, conhecida na Kabala como Lilith e Nahemah.

saibam que seguramente todo esse processo é baseado no sinistro poder do abominável Órgão *Kundartiguador*³⁶.

Já ouviram falar da cauda de Satã? Ela é o fogo sexual projetado desde o cóccix para abaixo, para os infernos atômicos do homem.

Esse rabo luciférico é controlado por um átomo maligno do inimigo secreto. A anatomia oculta ensina que esse diabo atômico está localizado no centro magnético do cóccix.

Todo o poder tenebroso de *Kali*, Circe ou Santa Maria acha-se radicado no abominável órgão *Kundartiguador* ou no rabo de Satã.

Os adeptos do tantrismo negro, *bonzos* e *dugpas* de capuz vermelho, desenvolvem essa força *fohática* cega em si mesmos.

A licantria é a ciência da metamorfose, bastante comentada por Ovídio; ela sempre existiu e, atualmente, em pleno século XX, mesmo que pareça incrível, ainda existem por aí Circes modernas espalhadas pelo mundo.

Que se riam os cafajestes, os pseudo-sábios e os exemplos de virtude! Qual a importância deles para a ciência e também para nós?

No istmo de Tehuantepec, México, existe muita licantria e modernas Circes. Conhecemos o caso concreto de um tipo *Don Juanesco* e beerrão, certo cavalheiro que teve o mau gosto de manter relações sexuais com uma Circe ultramoderna da nova onda.

É claro que esse *tenório*³⁷ pôs todo o céu estrelado aos pés da harpia, prometendo a ela pássaros dourados e outras fortunas mais...

“Empenhaste tua palavra... Se não cumprires com ela te converterei em burro”, disse maliciosamente a bela diaba. O amante riu do que lhe pareceu uma simples brincadeira...

Passaram-se os dias e as semanas sem que aquele *tenório* de bairro pensasse em cumprir com as românticas promessas. De repente, algo insólito acontece. Uma noite qualquer ele não regressa mais ao seu apartamento.

Seu companheiro de domicílio pensou que ele andasse metido em alguma nova aventura. Porém, a ausência prolonga-se demasiadamente.

36 A Kundalini negativa e tenebrosa.

37 Referência a Don Juan Tenorio, personagem de um drama romântico publicado em 1844 em Sevilha, Espanha, de autoria de José Zorrilla.

Passaram-se várias noites e nada. No entanto, em certa ocasião, em lugar do *Don Juan* vem um burro, que insiste em entrar no apartamento.

O bom amigo sai à rua à procura do *Don Juan*. Interroga a formosa Circe, averigua e ela lhe diz: “Teu amigo anda por aí... Veja... Lá está ele...”. E apontou para o asno.

A gargalhada, o malicioso sarcasmo, o riso estrondoso de sua amiga, outra belíssima diaba, foi algo definitivo. Ele compreendeu tudo... Mais tarde, boas pessoas aconselharam-no a mudar-se daquele lugar, antes que fosse tarde demais.

O melhor que fez o pobre homem foi regressar à capital do México...

CAPÍTULO 28

RUNA OS



É indispensável, urgente, impostergável, que nesta **Mensagem de Natal 1968-1969**, estudemos a fundo o tema da transmutação sexual para solteiros.

Constantemente chegam a esta Sede Patriarcal do Movimento Gnóstico inumeráveis cartas de muitos irmãos que sofrem de poluições noturnas.

As poluições noturnas são asquerosas, imundas, detestáveis. Nós sempre respondemos receitando a Magia Sexual, *Maithuna*, contra tais estados subjetivos. Porém devemos esclarecer as coisas.

Enquanto estivermos bem vivos, isto é, enquanto tenhamos o Ego existindo nas 49 regiões do subconsciente, os sonhos eróticos continuarão, inevitavelmente.

Lançando luz às trevas, devemos afirmar enfaticamente que a Magia Sexual estabelece de fato a base adequada para prevenir as poluições noturnas, ainda que tais sonhos pornográficos continuem.

Acontece que com o Sexo Ioga, *Sahaja Maithuna*, o *chela*, discípulo, se acostuma tanto a refrear o impulso sexual que ao ter um sonho erótico, a mente reprime por instinto, e assim evita-se a poluição, a lamentável perda do licor vital.

Evidentemente, esta receita serve quando existe continuidade de propósito. São necessárias tenacidade e prática diária, ano após ano, intensamente.

Infelizmente, esta fórmula só serve quando se tem mulher [ou se é casado]. E os solteiros? Como ficam?

Aí é, precisamente, onde está o problema, bem grave por sinal. É preciso ter uma mulher se verdadeiramente quiser aplicar a receita.

No entanto, passemos agora para outro assunto similar. Quero me referir à transmutação sexual para solteiros. Seria lamentável que os solteiros não pudessem utilizar a energia sexual de alguma maneira, porque eles também precisam progredir. Mas como devem preceder?

Vamos direto ao assunto, aos fatos concretos. Não quero dizer com isto que os solteiros possam se Auto-Realizar a fundo, não. Está bem claro que sem *Maithuna* é impossível chegar ao tão desejado Adeptado. Porém, o solteiro pode utilizar a energia criadora para despertar a consciência.

Tudo se resume em conhecer a técnica e é a isso precisamente que está dedicado este capítulo. Entremos agora de fato no terreno da Runa **Os**.

Foi nos dito que essa Runa vibra intensamente com a constelação de Escorpião. Isto é muito importante porque esse cortejo de estrelas se encontra intimamente relacionado com os órgãos sexuais.

A Runa **Os** é a mesma Runa **Olin** do México asteca e está esotericamente relacionada com a famosa Runa **Espinho**.

Olin, no idioma asteca, é o signo místico do Deus do Vento, o Senhor do Movimento, *Ehecatl*, aquele anjo que interveio na ressurreição de Jesus transmitindo vida e *prana* para o corpo do grande *Kabir*, ao dizer: “Jesus, levanta-te da tumba com teu corpo”.

Eu conheço pessoalmente *Ehecatl*, o Deus do Vento. Ele é um *Deva* extraordinário que vive no mundo da Vontade Consciente.

Vejamos, pois, a íntima relação esotérica que há entre as Runas **Os** e **Espinho**, movimento e vontade.

Ainda que muitos néscios supertranscendidos do pseudo-esoterismo e do pseudo-ocultismo barato achem graça das criaturas elementais da natureza, considerando-as como mera fantasia, ainda que riam e façam brincadeiras com os elementais de Paracelso (Gnomos, Pigmeus, Salamandras, Silfos, etc.), eles existiram, existem e continuarão a existir eternamente.

Ehecatl é um *Guru-Deva* que tem poder sobre os silfos do ar. E então? Esses tontos, néscios, bobalhões, mentecaptos, não gostam disso? Riem-se dos elementais? Zombam de nós? Francamente, não nos atingem. Quem ri do que desconhece está a caminho de se tornar idiota.

A milenar Esfinge da sagrada terra dos faraós corresponde à Esfinge Elemental da natureza, o misterioso instrutor do Santo Colégio Dévico.

A Esfinge Elemental do antigo Egito, intimamente relacionada com a misteriosa Esfinge de Pedra, veio a mim quando nasci no mundo da Vontade Consciente [na quinta Iniciação Maior].

Trazia os pés sujos de lodo. Então exclamei: “Teus pés estão cheios de barro!”

Claro! De imediato percebi tudo. Nesta negra idade, governada pela Deusa Kali, tudo foi profanado, e ninguém quer nada com o Sagrado Colégio da Esfinge. E, quando cheio de amor quis beijá-la, ela me disse: “Beija-me com pureza!”

Assim o fiz, beijando-a na face. A seguir, regressou ao ponto de partida, à sagrada terra dos faraós.

Todos os irmãos gnósticos gostariam de fazer o mesmo, conversar frente a frente com a Esfinge Elemental da natureza, dialogar com os Devas, andar com Ehecatl, porém, primeiro é preciso despertar a consciência, abrir a porta, chamar com insistência e pôr a vontade em movimento.

Observem cuidadosamente os dois hieróglifos da Runa **Os**. Assim como a Runa **Fa** tem os braços para cima, a Runa **Olin** os têm para baixo – e isso é profundamente significativo.

PRÁTICA

Durante as práticas esotéricas alternem sucessivamente os braços com esta Runa. Inicialmente, coloquem os braços para baixo; esta é a primeira posição. Já na segunda posição, levar os braços para cima da cabeça. Repito que devem examinar cuidadosamente as duas representações gráficas da Runa **Os**.

Durante essas práticas rúnicas, combinem rítmica e harmoniosamente os movimentos com a respiração. Inalem o prana pelo nariz e exalem pela boca, junto com o místico som de **Thorn**, no qual se alonga a pronúncia de cada letra:

ThOOOOOOOORRRRRRRRRNNNNNNNN

Ao inalar, imaginem as forças sexuais subindo desde as glândulas sexuais por entre esse par de cordões nervosos simpáticos conhecidos na Índia com os nomes de *Ida* e *Pingala*.

As forças sexuais, seguindo por esses nervos ou tubos, chegam até o cérebro e continuam até o coração, por intermédio de outros canais, entre os quais está o *Amrita Nadi*.

Ao exalar, imaginem que as energias sexuais entram no coração e penetram profundamente, chegando até a consciência para despertá-la.

Golpeiem a consciência com força, com *Thelema* (vontade), combinando assim as duas Runas: Espinho e Movimento.

Depois orem e meditem. Supliquem ao Pai que está oculto. Peçam a Ele o despertar da consciência. Supliquem à Divina Mãe Kundalini... Roguem a Ela, com infinito amor, para que faça subir, para que faça chegar até o coração e até o fundo profundo da consciência, as suas energias sexuais.

Amem e orem, meditem e supliquem. Se tiverem fé, que seja do tamanho de um grão de mostarda, moverão montanhas. Recordem que o princípio da ignorância está na dúvida.

Pedi e se vos dará, batei e se vos abrirá.

CAPÍTULO 29

ORIGEM DO EU PLURALIZADO



“Minha doutrina não é minha, mas d’Aquele que me enviou”. Escutem-me: Estudem a fundo, com a mente e com o coração, este revolucionário capítulo desta **Mensagem de Natal 1968-1969**.

Os *Elohim* (Deuses Santos) produziram de si mesmos (por modificação) o homem à sua imagem. Eles o criaram (a humanidade coletiva ou Adão) macho e fêmea. Eles (a deidade coletiva), o criaram.

A raça protoplasmática da Ilha Sagrada, situada no Norte [no Polo Norte], foi, na verdade, sua primeira criação, uma tremenda modificação das puras existências espirituais, feitas por eles mesmos. Eis aqui o *Adam Solus*.

Dessa primitiva raça polar, proveio a segunda raça: Adão e Eva ou *Iod-Heve*. Eram os povos hiperbóreos, raça andrógina.

Dos hiperbóreos originou-se a terceira raça, lemuriana, o hermafrodita separatista Caim e Abel, que viveu no gigantesco continente Mu situado no Oceano Pacífico, e que, mais tarde, se chamou Lemúria.

Esta terceira raça, a última semi-espiritual, foi também o veículo final do esoterismo instintivo puro, inato, virginal, ingênito dos *Enochion*, os Iluminados daquela humanidade.

O hermafrodita separatista Caim-Abel produziu a quarta raça, Seth-Enos, que viveu no continente situado no oceano Atlântico e que tomou o nome de Atlântida. Do povo atlante provém nossa atual quinta raça ariana, que mora, perversamente, nos cinco continentes do mundo.

Cada uma das quatro raças precedentes pereceu devido a gigantescos cataclismos; a nossa quinta raça não se constituirá uma exceção. Foi-nos dito que, em um futuro remoto, mais duas outras raças habitarão a superfície da Terra, mas cada uma delas terá seu cenário próprio.

A unidade bissexual [Hermafrodita] primitiva da terceira raça-raiz humana é um axioma da sabedoria antiga. Seus puros indivíduos elevaram-se ao nível dos Deuses porque aquela gente representava, de fato, sua divina dinastia.

A separação em sexos opostos realizou-se através de milhares de anos e tornou-se fato consumado no final da raça lemuriana.

Falemos agora do Éden, das paradisíacas terras *Jinas*, às quais os indivíduos sagrados da Lemúria tinham acesso contínuo. Naqueles tempos, dos rios de água pura da vida, manavam leite e mel.

Essa era a época dos titãs. Não havia nem o meu nem o teu; cada um podia colher da árvore do vizinho sem temor algum.

Essa era a época da Arcádia, em que se rendia culto aos Deuses do fogo, do ar, da água e da terra.

Essa era a Idade de Ouro, quando a lira ainda não tinha caído no pavimento do templo em pedaços.

Falava-se então somente no orto puríssimo da divina linguagem cósmica que corre, como um rio de ouro, sob a espessa selva do sol.

Naquela idade antiga as pessoas eram bastante simples e singelas. Como o Eu Pluralizado ainda não havia nascido, rendia-se culto aos Deuses do tenro milho e às criaturas inefáveis dos rios e dos bosques.

Eu conheci a raça lemuriana hermafrodita. Vêm-me à memória nestes instantes aqueles terríveis e enormes vulcões em constante erupção.

Que tempos! Todos nós, os Iniciados, usávamos normalmente certa vestimenta sacerdotal muito comum. As túnicas sagradas ressaltavam esplendidamente com as cores branca e negra, que simbolizavam a tremenda luta entre o espírito e a matéria.

Era digno de se admirar e ver aqueles gigantes lemurianos com suas nobres vestimentas e aquelas sandálias ostentando grandes insígnias.

A glândula pituitária, o sexto sentido, porta-luz e pajem da glândula pineal, sobressaía no entrecenho daqueles colossos. A vida de qualquer indivíduo tinha um período médio de duração entre doze e quinze séculos.

Levantaram gigantescas cidades protegidas por enormes pedras formadas com lava dos vulcões.

Conheci também os últimos tempos da terceira raça e vivi na época citada pelo Gênesis, quando Adão e Eva foram expulsos do Paraíso, do Éden.

Por aqueles tempos, a humanidade já havia se dividido em sexos opostos. O ato sexual tornou-se um sacramento que só podia ser realizado dentro dos templos.

Em determinadas épocas lunares, as tribos lemurianas realizavam grandes viagens. Saíam em peregrinação rumo aos santos lugares, com o propósito de multiplicar a espécie (Recordemos as viagens de lua de mel).

Os lemurianos eram todos filhos da Vontade e da Ioga. Para a cópula sexual era usado exclusivamente o *Maithuna*. Ninguém cometia o erro de ejacular a entidade do sêmen.

A semente sempre passa para a matriz sem que seja preciso derramar o sêmen. As múltiplas combinações da substância infinita são maravilhosas. Os monarcas, rei e rainha, uniam-se sexualmente diante do altar do templo, e as multidões realizavam o ato sexual dentro do sagrado recinto e nos empedrados pátios repletos de misteriosos hieróglifos.

Os Deuses Santos dirigiam sabiamente aquelas místicas cerimônias, indispensáveis para a reprodução da espécie humana, e então ninguém pensava em porcarias porque o Eu Pluralizado ainda não havia nascido.

Eu vivia no campo, com minha tribo, longe das muralhas ciclópicas da cidade. Morava em uma grande choça ou cabana. Perto de nossa arredondada residência com teto de palmas, recordo claramente que havia um quartel, onde os guerreiros da tribo se reuniam.

Aconteceu certa noite que todos nós ficamos fascinados por um estranho poder luciférico, e resolvemos realizar o ato sexual fora do templo, e assim cada casal entregou-se à luxúria.

De manhã cedo, como se nada tivesse ocorrido, tivemos o descaramento, a insolência, a sem-vergonhice, de nos apresentar no templo, como sempre. Então aconteceu algo excepcional, incrível.

Todos nós vimos um Grande Mestre, um Deus da Justiça, vestido com brancas e imaculadas vestimentas sacerdotais. Ele nos ameaçava com uma espada flamejante que se revolia por todos os lados, e nos disse: “Fora, indignos”! Claro que fugimos aterrorizados...

Obviamente, esse acontecimento repetiu-se em todas as partes do enorme continente Mu. Assim foi como a humanidade Adão e Eva foi expulsa do Jardim do Éden.

Depois desse acontecimento, registrado em todos os livros religiosos, verificaram-se epílogos horripilantes e espantosos. Milhões de criaturas humanas, misturando a magia com a fornicação, desenvolveram o abominável órgão *Kundartiguador*.

Cabe oportunamente citar aqui a *Kalayoni*, o rei das serpentes, o mago negro guardião do templo de Kali, a antítese fatal da eterna Mãe Espaço.

Sob o conjuro de Kalayoni, Krishna viu surgir um grande réptil de cor azul esverdeada. A serpente fatal endireitou lentamente o corpo, ergueu lentamente seu corpo, eriçou sua cabeleira vermelha e seus olhos penetrantes fulguraram espantosos em sua cabeça de monstro de conchas reluzente. “Ou a adoras ou perecerás”, diz o mago negro para Krishna... E a serpente morreu nas mãos de Krishna.

Quando Krishna matou heroicamente a grande serpente guardiã do templo de Kali, a Deusa do Desejo, mãe de Cupido, fez abluções e orações durante um mês às margens do Ganges.

Essa víbora de Kali é a serpente tentadora do Éden, a horrível Píton que se arrasta pelo lodo da terra e que Apolo feriu com seus dardos.

É urgente saber, e indispensável compreender, que essa sinistra serpente é, fora de qualquer dúvida, a cauda de Satã, o abominável órgão *Kundartiguador*.

Quando os Deuses decidiram intervir e eliminar da espécie humana esse detestável apêndice, dentro dos cinco cilindros da máquina humana (intelecto, instinto, movimento, emoção e sexo), permaneceram as péssimas consequências da cauda de Satã.

É óbvio que essas consequências do abominável órgão *Kundartiguador* constituem isso que se chama Ego, Eu Pluralizado, Mim Mesmo; o conjunto tenebroso de entidades perversas que personificam todos os nossos defeitos psicológicos.

Portanto, o Eu Pluralizado é *Fohat* lunar negativo e luciférico granulado. É a cristalização *fohática* satânica que constitui isso que chamamos de Ego.

CAPÍTULO 30

AS TRÊS FÚRIAS



Falemos agora das três Fúrias e de seus venenos gorgôneos. Elas estão sempre rodeadas de verdes hidras e têm por cabelos pequenas serpentes que cingem de forma horrível suas fronteiras.

Escutem-me, M. M.! Saibam de uma vez por todas que elas são os três traidores de Hiram Abif.

A da esquerda é Megera, sempre espantosamente horrível. Quem chora à direita é Aleto, em cujo coração se esconde a discórdia, as fraudes que produzem a desordem e as maldades que arrebatam a paz. A última é Tisífone.

As Fúrias arranham o próprio peito com suas repugnantes unhas, golpeiam-se com as mãos e lançam fortes exclamações como: “Vem Medusa e te converteremos em pedra; agimos mal não nos vingando da audaz entrada de Teseu”.

Recordem, irmãos gnósticos, que Mara, o Senhor dos cinco desejos, é fator de morte e inimigo da Verdade. Quem o acompanha sempre? Não são por acaso suas três filhas, as horríveis Fúrias? Não são as tentadoras que assaltaram Buddha com todas suas tenebrosas legiões?

Porventura, pode faltar Judas, Pilatos e Caifás no drama cósmico? Dante encontrou Judas, Brutus e Cassius no nono círculo infernal³⁸.

Judas está com a cabeça enfiada dentro da boca de Lúcifer e fora dela agita as pernas.

Quem tem a cabeça para baixo, pendendo da segunda boca luciférica, é Brutus, o qual ferozmente se retorce sem dizer uma só palavra. O terceiro traidor é Cassius que, ainda que pareça corpulento, no fundo é muito débil.

38 Este é o destino dos traidores: morte espiritual imediata, passando a alma a viver no nono círculo do Inferno, ainda que aqui na superfície do planeta nada se saiba disso.

Os três aspectos de Judas, as três Fúrias, são o Demônio do Desejo, o Demônio da Mente e o Demônio da Má Vontade. São os três *Upadhis*, bases ou fundamentos lunares dentro de cada ser humano.

Pensemos na tríplice presença do Guardião do Umbral no interior de cada pessoa. Diz o Apocalipse: “E vi sair da boca do Dragão, da boca da Besta e da boca do Falso Profeta, três espíritos imundos à semelhança de rãs. Pois são espíritos de demônios que fazem sinais e vão aos reis da Terra, em todo mundo, para reuni-los para a batalha daquele grande dia do Deus Todo-Poderoso”.

E quem é esse Dragão? Essa Besta? Esse Falso Profeta? Digam-me, Deuses? Onde estão?

Não se equivocará quem compreendê-lo como Mara, Lúcifer, o fogo sexual negativo, a força *fohática* cega do abominável órgão *Kundartiguador*, pai das três Fúrias.

Lúcifer-Mara, o tentador, com toda essa legião de Eus-Diabos que cada mortal carrega internamente, é a origem das três dores: velhice, enfermidade e morte.

Ah, se o aspecto negativo da Deusa Juno não tivesse interferido no Lácio, invocando Alecto, a mais detestável das Fúrias, o matrimônio de Enéias, o ínclito varão troiano, com a filha do bom rei Latino, não teria sido precedido de tão espantosa guerra.

“Levanta-te, donzela, filha da noite” - dizia a Deusa Juno; “assiste-me e não permitas que minha honra se veja postergada pela vontade de um mortal. Latino quer dar sua filha ao troiano. Tu que podes lançar irmão contra irmão, filho contra o pai, desencadear golpes de ira e acender as fúnebres tochas, surge do abismo! Mostra-te dócil ante a minha vontade! Inflama a juventude do Lácio para que peçam as armas aos gritos e se lancem à morte”.

Ai, meu Deus! Que dor! E a espantosa Fúria apresenta-se nas régias habitações da rainha Amata. Ela suscita na mente da rainha idéias de protesto e rebelião contra a vontade do rei Latino.

Sob a perversa influência de Alecto, a rainha, desesperada, sai do palácio, corre pelas montanhas, dança e salta como uma bacante; até parece uma mênade furiosa, movida como louca pelo ímpeto de Baco.

A soberana, a matrona, irada, furiosa, indignada, protesta diante do monarca. Não quer fazer a vontade do senhor. Defende Turno, jovem pretendente grego, filho daquele povo que anteriormente assaltara os invictos muros de Tróia.

A rainha teme que Enéias fuja com sua filha para longe do Lácio. Sente a dor de perdê-la e chora...

O trabalho de Alecto ainda não terminou... Ela agora se transporta para a morada do valente Turno. Toma a forma de uma velha de língua viperina e conta-lhe tudo o que está acontecendo no palácio do rei, e com a sua fala insinuante e maléfica, desperta os ciúmes do jovem.

Depois vem a guerra. Luta o jovem por sua dama, a bela Lavínia, a preciosa filha do bom rei Latino.

O bom monarca não queria a guerra. Nem sequer foi ele quem abriu pessoalmente as portas do templo de Jano (IAO), o Deus de duas faces. O povo irritado foi quem as abriu por ele.

Nesse templo de Jano era conservada a doutrina secreta de Saturno, a revelação primitiva e original dos *Jinas*; só se abria em tempo de guerra.

Foi assim como iniciou a guerra contra os rútuos. Quando a repugnante Fúria Alecto terminou seu trabalho, penetrou nas entranhas do espantoso abismo pela boca de um vulcão apagado que, de quando em quando, cuspiu os fétidos vapores da morte. Assim, em pouco tempo, chegaram à sinistra margem que circunda as águas do Cócito.³⁹

O resto a História conhece... Morreu Turno, o novo Aquiles, nas mãos de Enéias que se casou com Lavínia, a filha do rei Latino. Porém, ó Deus! Alecto, como sempre, continua acendendo por toda parte fogueiras de discórdia e milhões de seres humanos continuam se lançando à guerra.

Ah, se as pessoas compreendessem que levam Alecto dentro de si próprias. Infelizmente, as criaturas humanas dormem profundamente e nada compreendem.

39 Rio de gelo existente no nono círculo do Inferno.

CAPÍTULO 31
RUNA RITA



Chegam-me à memória nestes instantes cenas de uma passada reencarnação minha na Idade Média. Vivia na Áustria de acordo com os costumes da época. Não posso negar que era membro de uma ilustre e rançosa família da aristocracia.

Naquela época, meus familiares, minha estirpe, presumia-se muito como isso do sangue azul por causa dos notáveis avoengos e nobres ascendentes.

Sinto pena ao falar dessas coisas, e isso é o mais grave; eu também estava engarrafado nesses preconceitos sociais. Coisas da época!

Um certo dia, não importa qual, uma irmã minha enamorou-se de um homem pobre. Claro que isso tornou-se o escândalo do século. As damas da nobreza e seus néscios cavalheiros afeminados, janotas, empertigados, engomados, esfolaram vivo o próximo e escarneceram da infeliz.

Diziam que ela havia manchado a honra da família, que poderia ter se casado bem melhor, etc. E não demorou muito tempo para a pobre mulher ficar viúva. Como resultado de seu amor restou-lhe um menino.

E se tivesse querido voltar ao seio da família, isso teria sido impossível. Ela conhecia muito bem a língua viperina das elegantes damas, sua enfadonha argumentação e seus desdéns; preferiu a vida independente.

Que eu tenha ajudado a viúva? Seria absurdo negá-lo. Que me compadeci de meu sobrinho? De fato, sim, é verdade. Porém, infelizmente, há vezes que alguém, por não lhe faltar a piedade, pode se tornar impiedoso. E este foi meu caso.

Compadecido do menino, internei-o em um colégio (com a intenção de que recebesse uma educação firme e vigorosa), sem me importar nem um pouco sequer com os sentimentos de sua mãe. Até cometi o erro de proibir a

sofrida mulher de visitar seu filho. Pensava que assim meu sobrinho não seria prejudicado de nenhuma forma, e assim, mais tarde, poderia ser alguém, chegar a ser um grande senhor, etc.

Em verdade, o caminho que conduz ao abismo está calçado de boas intenções. Quantas vezes querendo fazer o bem fiz o mal. Minhas intenções eram boas, mas o procedimento era equivocado. No entanto, acreditava firmemente que estava fazendo o que era o correto.

Minha irmã sofria muito com a ausência do seu filho. Não podia vê-lo no colégio, estava proibida de visitá-lo. Sem dúvida, salta aos olhos que, de minha parte, houve amor para com meu sobrinho, mas crueldade para com minha irmã. Ainda assim, acreditava que ajudando o filho também estava a ajudar sua mãe.

Felizmente, dentro de cada um de nós, nessas regiões íntimas onde falta amor, surge, como por encanto, a Polícia do Karma, o Kaon... Não é possível fugir dos agentes do Karma. Em cada um de nós há a Polícia do Karma, a qual nos conduz inevitavelmente para os tribunais.

Muitos séculos se passaram desde aquela época e todos os personagens daquele drama envelheceram e morreram. Mas a Lei da Recorrência é terrível. Tudo se repete da mesma maneira com o acréscimo das consequências...

Século XX: Todos os personagens daquele cenário se reencontram, e tudo se repete em certo sentido, porém, com suas devidas consequências. Desta vez, eu tive que ser o repudiado pela família... Assim é a Lei. Minha irmã encontrou outra vez seu marido e a mim não me desagradou voltar a me unir com minha antiga esposa sacerdotisa, conhecida como Litelantes.

Aquele tão amado e discutido sobrinho nasceu entre nós, desta vez, em corpo feminino. É uma menina muito bela; seu rosto parece uma deliciosa noite e em seus olhos resplandecem as estrelas.

Em determinada época, não importa quando, vivíamos perto do mar. A menina (o antigo sobrinho), não podia brincar porque estava gravemente enferma, devido a uma infecção intestinal.

O caso era muito delicado; várias crianças de sua idade tinham morrido naquela época devido à mesma causa. Por que seria minha filha uma exceção?

As diferentes e variadas medicações utilizadas foram inúteis. Em seu rosto infantil já começava a aparecer o horrível e inconfundível espectro da morte.

O fracasso era evidente. O caso estava perdido e não me restava outra solução senão a de visitar o Dragão da Lei, esse Gênio terrível do Karma, cujo nome é Anúbis.

Felizmente, graças a Deus, Litelantes e eu sabemos viajar consciente e positivamente em corpo astral. Portanto, irmos até o palácio do Grande Arconte, que se encontra no Universo Paralelo da quinta dimensão, para nós não era nenhum problema.

Impressionante, majestoso, grandioso é o templo do Karma. Lá estava o Dignitário, sentado em seu trono, imponente, terrivelmente divino. Qualquer um se espantaria ao vê-lo officiar com a sagrada máscara de chacal, tal como aparece em muitos baixos-relevos do antigo Egito faraônico.

Por fim, foi-me dada a oportunidade de falar e não a deixei passar, dizendo-lhe: “Tens uma dívida comigo”. “Qual?”, replicou-me como que surpreso... Plenamente satisfeito comigo mesmo, citei um homem que em outros tempos fora um perverso demônio. Refiro-me a Astaroth, o grande duque.

“Ele era um filho perdido para o Pai” – continuei explicando; “no entanto, o salvei; mostrei-lhe a senda da luz e o tirei da Loja Negra. Agora é um discípulo da Fraternidade Branca e tu ainda não me pagaste essa dívida”.

O caso era que aquela menina deveria morrer de acordo com a Lei, e sua alma deveria penetrar no ventre da minha irmã para nascer em novo corpo físico. Eu entendia tudo aquilo e foi por isso que acrescentei: “Peço que vá Astaroth para o ventre da minha irmã em lugar da alma da minha filha”.

A solene resposta do Hierarca foi definitiva: “Concedido. Que Astaroth vá para o ventre de tua irmã e que tua filha fique curada”.

Resta ainda dizer que aquela menina, meu antigo sobrinho, curou-se milagrosamente, e minha irmã concebeu uma criança do sexo masculino.

Eu tinha como pagar essa dívida; possuía o capital cósmico necessário. A Lei do Karma não é algo cego e mecânico como supõem muitos pseudo-esotéristas e pseudo-ocultistas.

Da maneira como estavam as coisas, é evidente compreender que, com a morte de minha filha, eu deveria sentir a dor do desprendimento, aquela amargura que em épocas anteriores sentira minha irmã com a perda de seu filho. Assim, perante a Grande Lei, ficaria o dano compensado. Repetiram-se as cenas semelhantes às passadas, porém, desta vez, a vítima seria eu mesmo.

Felizmente o Karma é negociável. Nada tem que ver com essa mecânica cega dos astrólogos e quiromantes de feira. Eu possuía capital cósmico e com ele paguei a velha dívida. Graças a Deus me foi possível evitar a amargura que me aguardava.

Quando será que as pessoas compreenderão todos os mistérios da Runa **Rita**? Esta é a Runa da Lei.

Rita recorda-nos a palavra razão, religião, roda, *recht* (Direito, em alemão). O Direito Romano tem como símbolos da Justiça a balança e a espada.

Portanto, não estranhem que no palácio de Anúbis haja balanças e espadas por toda parte. O Grande Juiz é assessorado em seu trabalho por 42 juízes da lei.

Jamais faltam diante dos tribunais do Karma os ilustres advogados da Grande Lei, que nos defendem quando temos capital cósmico suficiente para pagar as velhas dívidas.

Também é possível conseguir crédito junto aos Senhores da Lei ou Arquivistas do Destino, porém, tudo se paga com boas obras, trabalhando pela humanidade ou à base de suprema dor.

Não somente pagamos Karma pelo mal que fazemos, como também pelo bem que deixamos de fazer, podendo fazê-lo.

PRÁTICA

Os mantras fundamentais da Runa Rita são:

RA... RE... RI... RO... RU...

Na Runa **Fa** tivemos que levantar os braços. Na Runa **Ur** abrimos bem as pernas. Na Runa **Dorn** pusemos um braço na cintura. Na Runa **Os** mantivemos as pernas abertas e os braços na cintura. Agora, na Runa **Rita**, devemos abrir uma perna e um braço. Assim, nesta posição, nossos estudantes ver-se-ão como se fossem os próprios símbolos rúnicos, da maneira como são escritas as letras.

Esta prática rúnica tem o poder de libertar o Juízo Interno.

Precisamos despertar o *Buddhata*, a Alma, e nos transformarmos em juízes conscientes.

A presente Runa possui o poder de despertar a consciência dos juízes.

Recordemos isso que denominamos de remorso. Essa é a voz acusadora da consciência.

Aqueles que nunca sentem remorso estão muito longe de seu Juiz Interno; comumente são casos perdidos.

Gente assim deve trabalhar intensamente com a Runa **Rita** para liberar seu juízo interno.

Precisamos urgentemente aprender a nos guiar pela voz do silêncio, isto é, pelo Juiz Íntimo.

CAPÍTULO 32

A DIVINA MÃE KUNDALINI



Ó Musa! Inspira-me para que meu estilo não desdiga da natureza do assunto. Ó Divina Mãe Kundalini! Tu és Vênus, minha Senhora. Tu és Heva, Ísis, Sophia Akhamoth, Parvati, Uma, Tonantzin, Rhéa, Cibele, Maria, ou melhor diríamos, tu és Ram-Ío.

Ó Devi Kundalini! Tu és Adshanti, Rajeswari, Tripurushadari, Maha-Lakshmi, Maha-Saraswati, Isoberta, Adonia...

Sem ti, ó Mãe Adorável, seria impossível a manifestação do *prana*, da força magnética, da gravitação cósmica, da eletricidade e da coesão molecular.

Tu és Matri-Padma, a Deva-Matri, Hadith, o Espaço Cósmico, a Mãe dos Deuses.

Ó eterna Mãe-Espaço! Tu tens três luminosos aspectos durante a manifestação cósmica e duas antíteses.

Que me escutem os homens! Está dito que cada ser tem sua própria Devi-Kundalini, sua Divina Mãe Particular.

Na verdade, seria absolutamente impossível a eliminação do *Ahamkrita Bhava*, a condição egóica de nossa Consciência, se cometêssemos o crime de nos esquecer de nossa Divina Mãe Kundalini.

O animal intelectual equivocadamente chamado homem não é mais que um composto de agregados que cedo ou tarde deve virar poeira cósmica.

A única coisa eterna que há em nós é o Buddha Íntimo. No entanto, ele se encontra além do corpo, da mente e dos afetos.

Eliminar os vãos e perecedores agregados é algo fundamental e definitivo para o despertar da Consciência.

Esses agregados são esses Eus tenebrosos que habitam nos cinco centros da máquina humana.

Em nossas passadas **Mensagens de Natal**, já explicamos e dissemos com total clareza que os cinco cilindros da máquina são: Intelecto, Emoção, Movimento, Instinto e Sexo. Em resumo: Os Eus-Diabos constituem o Ego (o Eu Pluralizado); dentro de cada um deles dorme a nossa consciência.

Eliminar esses Eus, essas entidades, esses agregados que personificam nossos defeitos, é vital para o despertar da consciência e para a obtenção do *Atman-Vidya*, a completa Iluminação.

Compreensão profunda e perfeita, consciência do defeito que queremos extirpar, são fundamentais, porém, não significa tudo. Precisamos eliminar, e isso só é possível com a ajuda da Mãe Kundalini.

A mente não pode alterar nada fundamentalmente. A única coisa que pode fazer é rotular, esconder e passar os defeitos para outros níveis.

Eliminar defeitos é outra coisa bem diferente, a qual seria absolutamente impossível sem *Devi-Kundalini*, a Serpente Ígnea de nossos Mágicos Poderes.

Uma noite qualquer, não vem ao caso nem o dia nem a hora, viajando em corpo astral pelo Universo Paralelo da quinta dimensão, embriagado de certa voluptuosidade espiritual, cheguei extasiado diante do misterioso umbral do templo das Duas-Vezes-Nascidos.

O Guardião dos Grandes Mistérios, hierático e terrível como sempre, estava na porta e quando quis entrar aconteceu algo fora do comum. Olhando-me fixamente disse em tom de voz severo: “De um grupo de irmãos que trabalharam na Nona Esfera e que, após terem trabalhado nessa região, se apresentaram neste templo, tu és o mais adiantado, mas agora estancaste o progresso”.

As palavras do guardião, proferidas com tanta severidade no umbral do mistério, deixaram-me perplexo, confuso e indeciso, não me ocorrendo mais do que perguntar: Por quê? E o Hierarca respondendo, exclamou: “Porque te falta amor”.

– Como? – repliquei; amo a humanidade e estou a trabalhar por todos os seres humanos. Não entendo o que me dizes. Em que consiste essa falta de amor?

– Te esqueceste de tua Mãe. És um filho ingrato, explicou o guardião e a forma como entou tais palavras, confesso que, além de dor, causaram-me pavor.

Acontece que não sei onde ela está; faz tanto tempo que não a vejo, expliquei, pensando que ele fazia referência à minha genitora terrena, de quem tive que me afastar quando era ainda muito jovem.

– Como é possível que um filho não saiba onde está sua Mãe, refutou o guardião, que continuou admoestando: “Digo para o teu bem que estás te prejudicando”.

Verdadeiramente, confesso que somente depois de vários dias de inúteis pesquisas, para localizar a minha mãe terrena no mundo, pude, por fim, entender as enigmáticas palavras do guardião de templo.

– Ah! O que acontece é que a literatura pseudo-esotérica e pseudo-ocultista que tanto abunda no mercado, nada fala a respeito... Se tivesse sabido antes... Enfim, pensei tantas coisas e orei...

Orar é conversar com Deus e eu rezei em segredo ao Eterno Feminino, a Deus-Mãe. Então, soube que cada um tem sua própria Mãe Divina Particular, e até cheguei a conhecer o nome secreto da minha.

Claro que naquela época sofria o indizível na luta pela dissolução do Eu, trabalhando para reduzi-lo a poeira cósmica.

O mais terrível de tudo era que tinha chegado ao Segundo Nascimento e compreendia muito bem que se não conseguisse morrer em mim mesmo fracassaria; estaria me convertendo em um aborto da Mãe Cósmica, em um *Hanasmussen* (o H pronuncia-se de modo aspirado), com duplo centro de gravidade.

Meus esforços pareciam inúteis. Fracassava nas provas e se tivesse continuado assim, naturalmente, o fracasso teria sido inevitável.

Felizmente, Graças a Deus, o guardião do templo soube me advertir e aconselhar. O trabalho foi terrível. Os fracassos me sinalizaram com exatidão onde estavam as falhas. Cada prova bastava para me indicar, para me assinalar, o defeito básico, o erro.

A meditação sobre cada erro é suficiente para sua compreensão, ainda que existam graus e graus de entendimento, conforme pude evidenciar.

Nisso de compreensão há muito de elástico e dúctil. Muitas vezes cremos ter compreendido de maneira integral um defeito de tipo psicológico e, somente mais tarde, descobrimos que realmente não o havíamos compreendido.

Eliminar é outra coisa. Alguém pode compreender um defeito qualquer sem que com isso consiga extirpá-lo. Se excluirmos a Divina Mãe Kundalini, o trabalho torna-se incompleto, e a eliminação dos defeitos torna-se impossível.

Eu, francamente, me converti em inimigo de mim mesmo. Resolvi equilibrar a compreensão e a eliminação. Cada defeito compreendido foi eliminado com o poder da Divina Mãe Kundalini.

Por fim, um dia revisei meu trabalho no Tártaro, no Averno, no reino mineral submerso, nessas dimensões infradimensionais ou Universos Paralelos submergidos. Navegando na barca de Caronte pelas águas do Aqueronte, cheguei à outra margem para revisar o trabalho. Então vi milhares de Eus-Diabos, meus agregados, partes de mim mesmo, vivendo nessas regiões.

Quis reviver algo, uma figura que simbolizava o meu próprio Adão do pecado e que jazia como um cadáver nas lamacentas águas do rio. Contudo, minha Mãe Divina, vestida de luto como uma dolorosa, disse-me com uma voz cheia de infinito amor: “Isso está bem morto, já nada tenho para extrair”.

Certamente, Ela havia extraído de mim toda a legião de Eus-Diabos, todo o conjunto de entidades das trevas que personificam nossos defeitos e que constituem o Ego.

Foi assim que consegui a dissolução do Eu Pluralizado. Foi assim que consegui reduzir a pó todos esses agregados que formam o Mim Mesmo.

CAPÍTULO 33
A FORJA DOS CICLOPES



Vênus, a Divina Mãe Kundalini, rogando a Vulcano por seu filho Enéias, ensina a chave da Auto-Realização Íntima. Diz a Deusa:

“Escuta-me Tu que forjas o ferro indomável com os fogos do centro da Terra! Durante os nove anos em que Tróia se viu assaltada pelos Aqueus, nunca te importunei pedindo armas para meus protegidos; mas hoje é meu filho que se encontra em perigo de morte. Muitas nações belicosas espreitam-no a fim de exterminar sua raça. Quando a mãe de Aquiles e outras deidades suplicaram a Ti, forjaste armas para seus heróis. Agora, sou eu, tua esposa, que te pede. Dá armas ao meu Enéias para que se proteja do tremendo embate e da quantidade de ferro e dardos que lhe vêm em cima. Não é ele um destruidor, já que trata apenas de se defender daqueles que combatem seus propósitos de fecunda paz”.

Escutai, ó vós, que desceis valentemente ao Averno para trabalhar na Forja Incandescente de Vulcano, o sexo.

Nove meses permanece o feto no claustro materno. Nove idades permaneceu a humanidade inteira no ventre de Rhea, Ceres, Cibele, Ísis, a Mãe Cósmica.

Vulcano trabalha no nono círculo do inferno, forjando o ferro indomável com o fogo vivo do organismo planetário.

Gente de *Thelema*, trabalhai. Homens e mulheres de vontade de aço, trabalhai sem descanso na Nona Esfera, o sexo!

Vênus, a Divina Mãe Kundalini, é, foi e sempre será a esposa-sacerdotisa de Vulcano, o Terceiro Logos, o Espírito Santo.

Desce o ignipotente até a terrível forja dos ciclopes desde as alturas do céu maravilhoso. Clama com grande voz chamando seus três irmãos: Brontes, Estéropes e Piracmon, símbolos vivos das criaturas elementais dos ares, das águas e da perfumada terra.

O trabalho na forja dos ciclopes é terrível. No esforço, colaboram os raios das tempestades, as forças secretas da tormenta e os sopros dos furiosos ventos.

Ali transmuta-se o chumbo em ouro e tempera-se o aço da espada flamejante. Ali é forjado o gigantesco escudo protetor da alma, o qual, por si só, bastaria para aparar os golpes dos exércitos tenebrosos mais terríveis.

Armadura argenteada, esplêndido escudo formado com átomos transformativos de altíssima voltagem, cuja morada fica no sistema seminal. Divino escudo áurico, septenário na constituição íntima do verdadeiro homem.

O recinto sexual trepida sob o empuxo erótico dos foles de ar durante o *Maithuna* e os robustos e suarentos braços, no esforço rítmico, golpeiam as bigornas.

Enéias parece um Deus, desafiando no combate os soberbos laurentinos e o impetuoso Turno. Enéias, feliz com o presente de sua Divina Mãe, veste-se com as armas fabricadas por Vulcano.

Vejam ali os corpos solares, a terrível cimeira e o elmo adornado com chamas ameaçadoras; a flamejante espada e a couraça de bronze; as polidas proteções e o escudo cheio de inumeráveis figuras.

Naquele escudo áurico e luminoso, Vulcano, o Terceiro Logos, o Espírito Santo, gravou assombrosas e terríveis profecias.

Ali resplandecia a gloriosa raça dos remotos descendentes de Ascânio. A loba que amamentou Rômulo e Remo e o primeiro destes dois irmãos, ó Deus, raptando as mulheres dos sabinos e acendendo cruenta guerra.

Ah! Se as pessoas entendessem o mistério desses dois gêmeos. Uma só alma em duas pessoas distintas. O *Buddhata* dividido em dois, e, claro, encarnado em duas personalidades diferentes.

Rômulo e Remo, amamentados pela Loba da Lei, é a alma com dois nomes, dois corpos, duas pessoas.

Bem sabem os Deuses que se pode viver em tempos e lugares diferentes simultaneamente.

Quanta sabedoria gravou Vulcano na brilhante aura de Enéias! Quantas profecias!

Vejam nele, homens e Deuses, o rei Persenna, extraordinário, maravilhoso, conjurando os romanos para que admitissem Tarquínio dentro dos muros invictos da cidade.

Olhem! Lá está o ganso de ouro na cúspide do pontiagudo escudo agitando suas asas e pedindo auxílio contra os gauleses que tratam de invadir o Capitólio.

Observem e vejam os confrades Sálios com suas danças marcianas e seus coros de guerreiros; as castas matronas em suas carroças; o traidor Catilina no Averno sendo atormentado; as pálidas Fúrias; Catão, o legislador sábio; os navios de guerra; César Augusto e Agripa ajudado pelos Deuses e pelos ventos; Marco Antônio e Cleópatra; Anúbis, o Senhor da Lei; Netuno, Vênus e Minerva, a Deusa da Sabedoria.

Depois, ó Deus, César regressando vitorioso para Roma. As nações vencidas, fileiras de escravos, a rica presa de guerra, tronos de ouro, reis vencidos.

CAPÍTULO 34

RUNA KAUM



Há muito tempo, na noite profunda dos séculos, lá no continente Mu ou Lemúria, conheci Jahvé, esse anjo caído de quem nos fala Saturnino de Anti-óquia.

Jahvé era um Venerável Mestre da Fraternidade Branca, um glorioso anjo de precedentes *Mahamvantaras*. Eu o conhecia e o vi muitas vezes, porquanto fui sacerdote e guerreiro entre os povos da Lemúria. Todos o veneravam, amavam-no e adoravam-no.

Os Hierofantes da raça purpúrea lhe concederam a alta honra de usar cou-raça, cimeira, elmo, escudo e espada de ouro puro.

Aquele sacerdote e guerreiro resplandecia como chamas de ouro sob a selva espessa do sol. Em seu escudo simbólico, Vulcano gravara muitas profecias e terríveis advertências.

Ai! Ai! Ai! Esse homem cometeu o erro de trair os Mistérios de Vulcano.

Os lucíferes flutuavam na atmosfera do velho continente Mu. Foram eles que ensinaram a Jahvé o tantrismo negro, *Maithuna* com ejaculação do *Ens Seminis*.

O pior foi que esse homem tão amado e venerado por todo mundo deixou-se convencer e praticou esse tipo pernicioso de magia sexual com distintas mulheres. Então, a serpente ígnea de nossos mágicos poderes desceu pelo canal medular e projetou-se para baixo, desde o cóccix, formando e desenvolvendo o abominável órgão *Kundartiguador* no seu corpo astral.

Assim caiu esse anjo e se transformou ao longo das idades num demônio terrivelmente perverso.

Muitas vezes encontramos a esposa sacerdotisa de Jahvé nos mundos superiores. Trata-se de um inefável anjo.

Os esforços desse homem para convencer sua esposa foram inúteis. Ela jamais aceitou o tantrismo negro dos tenebrosos, e preferiu antes o divórcio do que se meter pelo caminho negro.

Jahvé é aquele demônio que tentou Jesus Cristo no deserto durante o jejum, quando dizia: “Se és filho de Deus, faz com que estas pedras se convertam em pão”. E Jesus lhe respondeu: “Nem só de pão vive o homem, mas de cada palavra de Deus”.

Contam as sagradas escrituras que Jahvé levou Jesus, o Grande *Kabir*, para um alto monte e ali o tentou dizendo: “*Itababo*, todos estes reinos do mundo eu te darei se te ajoelhares e me adorares”. O Grande *Kabir* respondeu: “Satã, Satã, está escrito: Só ao Senhor teu Deus adorarás e servirás”.

Por fim, dizem que Jahvé levou Jesus a Jerusalém e colocou-o sobre o pináculo do templo para lhe dizer: “Se és filho de Deus, lança-te daqui para baixo, porque está escrito: A seus anjos mandará que se aproximem e que o protejam, e que nas mãos o sustentem para que não tropece com seu pé em pedra alguma”. Respondendo, Jesus lhe disse: “Está dito que não tentarás ao Senhor teu Deus”. E quando Jahvé terminou a tentação, afastou-se dele por um tempo.

Se quisermos compreender a fundo todo o mistério da Runa **Kaum**, devemos agora falar sobre o tantrismo branco.

Nestes momentos chegam-me à memória aqueles tempos do antigo Egito. Durante a dinastia do faraó Quéfren, no país ensolarado de Kem, fui um Iniciado egípcio.

Uma tarde qualquer, cheia de sol, caminhando pelas areias do deserto, atravessei uma rua de esfinges milenares e cheguei às portas de uma pirâmide. O guardião do templo, um homem de rosto hierático e terrível, estava no umbral. Em sua destra empunhava a ameaçadora espada flamejante.

- Que desejas?
- Sou Sus (o suplicante), que vem cego em busca de luz.
- Que queres?
- Respondi novamente: Luz.
- Que precisas?
- Luz, respondi mais uma vez.

Jamais pude esquecer o instante em que ele girou a pesada porta de pedra sobre seus gonzos, produzindo aquele som característico do Egito faraônico, esse **Dó** profundo.

Bruscamente o guardião pegou-me pela mão para introduzir-me no templo. Despojou-me da túnica e de todo objeto metálico, e então fui submetido a provas terríveis e espantosas.

Na prova do fogo tive de manter pleno controle de mim mesmo. Foi terrível caminhar entre vigas de aço aquecidas até o vermelho vivo.

Na prova da água estive a ponto de ser devorado pelos crocodilos do profundo poço.

Na prova do ar, pendendo de uma argola sobre o abismo sem fundo, resisti aos furiosos ventos com heroísmo.

Na prova da terra pensei que ia morrer entre duas enormes pedras que ameaçavam me triturar.

Já havia passado por todas essas provas iniciáticas em tempos antigos, porém, tinha que recapitular, a fim de retomar o caminho reto do qual tinha me afastado.

Fui vestido com a túnica de linho branco e me colocaram a cruz Tau no peito, dependurada no pescoço. E apesar de ser um *boddhisattwa*, ingressei como qualquer neófito. Tive que passar por rigorosos estudos e disciplinas esotéricas. Quando cheguei à nona porta, ensinaram-me os grandes mistérios do sexo.

Ainda recordo aqueles momentos em que meu Guru, depois de profundas explicações, olhando-me fixamente, disse-me com voz solene: “Descobre o *chechere (phalo)*”.

Então, de lábio para ouvido, comunicou-me o segredo indizível do Grande Arcano: conexão sexual do *lingam-yoni* sem ejaculação do *Ens Seminis*.

Em seguida, trouxe uma vestal vestida com uma túnica amarela e de uma beleza extraordinária. De acordo com as instruções do Mestre, realizei com ela o trabalho, pratiquei *Maithuna*, tantrismo branco.

Esta prática é maravilhosa, disse, e desci à Nona Esfera. Foi assim que realizei a Grande Obra.

O objetivo era o de forjar os corpos solares e despertar e desenvolver o fogo serpentino da anatomia oculta.

Naquela época existiam as vestais dentro dos templos. Eram sacerdotisas especiais, e com elas trabalhavam os Iniciados solteiros. Hoje em dia, caso isso existisse nos lumisiais gnósticos, seria motivo de gravíssimos escândalos.

Por isso é que agora só se pode e se deve praticar *Maithuna*, ioga sexual, entre esposo e esposa em lares legitimamente constituídos.

No antigo Egito dos faraós, quem violasse seus juramentos e divulgasse o Grande Arcano era condenado à pena de morte. Sua cabeça era cortada, seu coração era arrancado e seu corpo era incinerado. E as cinzas eram atiradas aos quatro ventos.

A misteriosa Runa **K** representa com total exatidão a mulher sacerdotisa e também a espada flamejante. A Runa **Kaum**, com seu cabalístico **6**, vibra com grande intensidade dentro da Esfera de Vênus, o planeta do amor.

Homens e mulheres do mundo, saibam que somente com o *Maithuna* é possível pôr em atividade esse fogo serpentino anular no corpo do asceta. Precisamos aprender a manejar sábia e imediatamente o eterno princípio feminino das forças solares.

Recordem a águia com cabeça de mulher, a dama solar, o fundamento diamantino da Grande Obra do Pai.

Primeiro temos que transmutar o chumbo em ouro; mais tarde devemos fabricar diamantes da melhor qualidade.

A Runa **Rita** influi decisivamente nas glândulas endócrinas masculinas e a Runa **Kaum** exerce sua influência sobre as glândulas femininas.

Existem por aí, no labirinto de todas as teorias, muitos malabaristas de *Hatha Ioga*. Esses equilibristas circenses supõem que podem excluir o *Maithuna* e se Auto-Realizar a fundo sem necessidade de descer à nona esfera.

Crêem esses místicos de acrobacia que, à base de piruetas e de ginásticas absurdas, podem forjar os corpos solares e chegarem ao Segundo Nascimento.

Já faz algum tempo tive a alta honra de ser convidado para um concílio secreto da Grande Loja Branca. Devo informar claramente ao mundo que nele a *Hatha Ioga* foi desqualificada, reprovada e condenada como autêntica e legítima magia negra da pior espécie.

Os reitores esotéricos da humanidade não aceitam e não aceitarão jamais as absurdas acrobacias da *Hatha Ioga*.

Quem quiser verdadeiramente se Auto-Realizar a fundo deve transmutar o Hidrogênio Si-12 por meio da ioga sexual. Assim, com ela, poderá forjar os corpos solares, o traje de bodas da alma.

É absolutamente impossível encarnar nosso Real Ser em nós mesmos, se antes não elaborarmos os corpos de ouro na forja dos ciclopes.

É urgente, indispensável, necessário, caminhar com firmeza pela Senda do Fio da Navalha. É chegada a hora de seguir o caminho do Matrimônio Perfeito. Recordem que nosso lema-divisa é *Thelema*.

Os mistérios da Runa **Kaum** brilham gloriosamente no fundo da Arca, aguardando o momento de serem realizados.

CAPÍTULO 35
A REGIÃO DO PURGATÓRIO



Aquela águia de plumagem de ouro puro, que arrebatou Ganimedes, levando-o para o Olimpo para servir de copeiro dos Deuses, tem o costume de caçar na região do Purgatório.

Essa majestosa Ave do Espírito, dando voltas maravilhosas, desce terrível como o raio e arrebatou a alma a fim de levá-la para a esfera do fogo, para com ela arder, convertendo-se ambas em chama viva.

Vamos lembrar o poderoso Aquiles revolvendo-se espantado e sem saber onde se encontrava, quando sua Mãe, roubando-o de Quíron, transportou-o adormecido para a ilha de Skyros [ou Esquiro], de onde os gregos o tiraram depois.

Que venham à minha memória aqueles tempos em que deixei o Averno para ingressar na região do Purgatório.

Minha Mãe já me havia instruído profundamente, transformada numa autêntica Dolorosa. Ela havia navegado comigo na Barca de Caronte; já havia me mostrado a dissolução do Eu Pluralizado e, por fim, já havia me ensinado que a mente, mesmo desprovida de egos, continua com suas más tendências.

Oh, meu Deus! O Eu Pluralizado, quando é dissolvido, deixa na mente suas sementes de perdição. Os iogues dizem que é necessário fritar essas sementes; incinerá-las e reduzi-las a pó.

Precisamos compreender urgentemente que o Ego renasce como a erva daninha, a partir de suas próprias sementes. Portanto, eu precisava incinerar essas sementes daninhas da erva venenosa. Necessitava ingressar na região purgatorial do mundo molecular inferior para queimar o sementeiro do Mim Mesmo.

Aproximei-me até chegar ao sítio que antes havia me parecido uma ruptura semelhante à brecha que divide um muro. Vi uma porta para a qual se

subia por três degraus de diferentes cores. No terrível pórtico estava gravada em caracteres indeléveis a palavra **Purgatório**.

Vi um porteiro que ainda não proferira palavra alguma. Aquele Gênio estava de pé sobre o degrau superior. Tratava-se de um anjo de extraordinária beleza, severo, imponente, terrivelmente divino. Em sua mão direita tinha uma espada nua que refletia raios.

Todo aquele que tenta penetrar nessa região do purgatório prostra-se devotamente aos pés desse anjo e suplica-lhe, por misericórdia, que abra a porta, batendo antes no peito por três vezes.

Momentos inesquecíveis e terríveis são aqueles em que o anjo escreve com a ponta da espada na testa do Iniciado a letra **P**, repetida sete vezes. E seus lábios proferem a seguinte frase: “Procura lavar estas manchas quando estiveres lá dentro”.

Lembram-se do caso da mulher de Lot? Por olhar para trás transformou-se em estátua de sal. Assim também o anjo do Purgatório adverte que, aquele que olhar para trás, depois de ter entrado no mundo molecular inferior, perde seu trabalho e torna a sair por onde entrou.

Isso significa arrependimento absoluto, não voltar a cometer os mesmos erros do passado, não delinquir.

Quem olha para trás, falha, repete os mesmos erros, não se purifica e re-torna ao passado pecador.

Quem olha para trás, converte-se num fracasso purgatorial. No Purgatório, deve-se caminhar com firmeza para frente.

Na região molecular inferior se compreende quão absurdos são o orgulho e a soberba. Nós somos apenas simples crisálidas, miseráveis gusanos do lodo da terra, dentro das quais se pode formar, à base de tremendos superesforços íntimos, a borboleta celestial. Mas isso não é uma lei. O normal é que tais crisálidas se percam.

Quão néscios são esses invejosos que, ao verem outra pessoa feliz, sofrem o indizível. Por que colocam o seu coração naquele estado que requer possessão exclusiva?

Benditos são os pacíficos, destituídos da pecaminosa ira. Mas, infelizmente, a cólera, o desgosto, podem se disfarçar com a toga do juiz ou com o sorriso do perdão. Todo defeito é multifacetado.

Na região purgatorial sofremos espantosamente em meio ao fogo da luxúria. Ali revivemos todos os prazeres da paixão sexual nas esferas subscientes, submersas, mas isso nos causa profunda dor.

*Adhaesit pavimento anima mea*⁴⁰. Pobres almas que se apegaram às coisas terrenas. Como sofrem na região do Purgatório.

Gente do Purgatório! Lembrem-se de Pigmalião, cuja paixão pelo ouro transformou-o em traidor e ladrão, e, para o cúmulo dos males, em parricida também.

E o que diremos da miséria do avaro rei Midas e suas absurdas petições, transformado em personagem ridículo por incontáveis séculos?

E que diremos da Preguiça, a sereia que distrai os marinheiros no imenso mar da existência. Ela afastou Ulisses do Caminho, e de seu ventre sai a pestilência.

Glutões do Purgatório! Olhem para Bonifácio [um papa], que tanta gente apascentou. Vejam Meser Marchese que, tendo tido tempo para beber em Forlì com menos sede, agiu de tal modo que nunca se sentiu saciado.

Lembrem-se desses malditos formados das nuvens, duplos na figura, que atacaram Teseu⁴¹.

Lembrem-se dos hebreus que ao beberem mostraram sua malícia, pelo que Gideão não os quis por companheiros quando desceu das colinas perto de Madã⁴².

Vi e ouvi coisas espantosas no Purgatório. Ali, revivendo todas as bestialidades dos tempos antigos, me senti verdadeiramente como um porco.

Num daqueles tantos dias, conversando com uma alma companheira do Purgatório, disse-lhe: “Minha irmã, aqui nos tornamos uns porcos”. E ela respondeu: “Assim é! Aqui nos convertemos em porcos”.

O tempo passava e eu, incinerando as sementes malignas e eliminando porcarias, sofria o indizível.

Muitas almas, companheiras minhas na região purgatorial, pareciam cadáveres em decomposição, deitadas em leitos de dor. Eliminavam sementes ruins, horríveis e imundas larvas, más tendências.

40 Minha alma está presa ao solo.

41 Ver **Purgatório**, de Dante Alighieri, Canto 24, verso 123.

42 Idem, verso 124.

Essas pobres almas suspiravam e se queixavam. Jamais esqueci de minha Mãe Divina e sempre lhe suplicava para que me ajudasse nesse trabalho purgatorial. Pedia-lhe para que eliminasse de mim tal ou qual defeito psicológico. A luta contra mim mesmo foi terrível.

Por fim, numa noite, a bendita Mãe Kundalini, disfarçada de homem, entrou no Purgatório. Eu a reconheci intuitivamente. “Por que te disfarçaste de homem”, perguntei. “Para entrar nessas regiões”, foi sua resposta.

“Quando me tirarás daqui?” Então Ela, a adorável, fixou o dia e a hora. “Depois virá a instrução televidente”, continuou dizendo. Claro que a tudo entendi...

Diversos detalhes confirmavam a palavra de minha Mãe. Os sete P’s estavam se apagando pouco a pouco, de um em um. As purificações estavam bem evidentes, patentes, claras, positivas.

CAPÍTULO 36
O TEMPLO DE HÉRCULES



Na submersa Atlântida resplandecia gloriosamente o Santuário de Hércules (o Cristo). Esse Santuário era o brilhante e maravilhoso companheiro do templo de Jagrenat, do qual tantas maravilhas nos fala A. Snider em sua extraordinária obra **La Création et ses mystères dévoilés**⁴³.

Inolvidáveis tempos de profunda poesia são aqueles em que o rei Evandro explicava com eloquência a Enéias todo o encanto do sacro banquete oferecido em honra de Hércules.

Se o Deus Vulcano, o Terceiro Logos, merece em verdade tanto elogio, que diremos do Senhor, o Cristo, o Segundo Logos, Hércules?

O coro dos adolescentes cantou belamente no sagrado banquete, entoando o elogio do Senhor e seus elevados feitos, enumerando com singular beleza todos os seus trabalhos.

Hércules estrangulando as serpentes venenosas que vinham para lhe tirar a vida quando ainda era muito criança (Lembre-mos de Herodes e a decapitação dos inocentes).

Hércules decapitando a Hidra de Lerna, a serpente tentadora do Éden, a horrível víbora do templo sinistro da Deusa Kali.

Hércules limpando os estábulos de Áugias com o fogo sagrado, ou seja, as 49 regiões subconscientes da mente humana onde moram todas as horríveis bestas do desejo.

Hércules matando valentemente o furioso leão de Neméia, que significa eliminar ou extinguir o fogo luciférico e retirar Cérbero (o instinto sexual) das trevas para a luz. Tudo isso certamente é admirável, digno de glória e elogio.

43 Trata-se de Antonio Snider-Pellegrini (1802-1885).

E pensar que Hércules repete suas façanhas cada vez que vem ao mundo. Isso é terrível, grandioso. Evidentemente, primeiro devemos trabalhar na Forja Acesa de Vulcano, o sexo. Só depois encarnamos Hércules em nós mesmos.

Infeliz do Sansão da Cabala que se deixa adormecer por Dalila; aquele que troca seu cetro de poder pelo fuso de Ônfale; bem cedo sentirá a vingança de Dejanira e não lhe restará outro remédio que a fogueira do Monte Eta para escapar dos devoradores tormentos da túnica de Nesso.

Do alto da rocha de Tarpéia são precipitados ao abismo todos aqueles que atraíam Hércules. Nos tempos da submersa Atlântida, o templo de Hércules levantava-se sobre uma montanha rochosa.

A extraordinária escadaria de mármore que dava acesso ao templo, com sua ciclópica e imponente massa, fazia dele um precioso irmão gêmeo do egípcio Philae e de muitos outros veneráveis santuários mayas, astecas e nahoas.

Pensem por um momento na cidade dos Deuses, Teotihuacan, no México, e nos secretos caminhos e criptas subterrâneas desse sagrado lugar, ignorados pelos turistas. E não se esqueçam jamais das colossais construções feitas sob o templo de Hércules.

De fato, sob a fachada posterior do Templo se abria um régio pórtico com doze estátuas representando os Deuses Zodiacais e que simbolizavam, claramente, as doze faculdades do homem e aos Doze Salvadores, dos quais falou tão sabiamente o grande *Kabir Jesus*.

Dizem as velhas tradições que tal pórtico era semelhante à célebre Casa do Anão, também chamada Casa do Mago, do Grande Teocalli ou Casa de Deus, no México.

Os Iniciados entravam reverentes e temerosos sob aquele terrível pórtico, e passavam sob as colunas de Hércules. Essas colunas eram de ouro puro e nelas estavam gravadas com caracteres sagrados as palavras Adam Kadmon. Os M.M. conhecem muito bem o **J** e o **B**, o *plus ultra*.

Sete áureos degraus conduziam o Iniciado até um grande recinto retangular. Aquele misterioso lugar estava todo revestido de ouro puro e se correspondia, exatamente, com a nave superior, sempre aberta para as preces do mundo profano.

Essa era a Câmara do Sol. Existiam mais outras quatro Câmaras e em todas elas resplandeciam os mistérios.

A segunda cripta era inefável, e a ela se chegava descendo por cinco lances de estanho prateado, o sagrado metal de *Brihaspati*, Júpiter ou Io.

Na terceira cripta resplandeciam os planetas Marte e Vênus. A coloração vermelha de um e a brancura de espuma do outro davam ao local aquele tom rosáceo e belíssimo.

Dos sete palácios solares, o de Vênus-Lúcifer é o terceiro, tanto na cabala cristã como na judaica, que fazem dele a Mansão de Samael.

Os titãs da alegoria ocidental estão intimamente relacionados com Vênus-Lúcifer.

Shukra, o regente do planeta Vênus, encarnou na Terra como *Ushanas* ou Uriel em hebraico. Ele deu leis perfeitas aos habitantes deste mundo que, infelizmente, em séculos posteriores foram violadas.

Eu conheci *Ushanas* ou Uriel no continente polar quando ainda a primeira raça povoava a superfície deste planeta. Ele escreveu um valioso livro com caracteres rúnicos.

Lúcifer é o aspecto negativo, fatal, de Vênus. Na aurora, Vênus resplandece e as forças luciféricas se agitam.

Vênus é realmente o Irmão Maior, o Mensageiro da Luz da Terra, tanto no sentido físico como no sentido místico.

Na quarta câmara iniciática do templo de Hércules sempre resplandeciam Saturno e a Lua, brilhando frente a frente sobre o altar.

É urgente lembrar que desde a época atlante se desenharam claramente os dois sendeiros: o da direita e o da esquerda, cuja luta de mais de 800.000 anos é cantada simbolicamente no poema oriental do **Maha-Bharata**, o poema da Grande Batalha.

Descendo um pouco mais, os Iniciados atlantes penetravam na quinta cripta, a de Hermes-Mercúrio, o qual luzia esplendoroso sobre a ara. Mercúrio, como planeta astrológico, é o Núncio do Sol, o lobo do sol, *solaris luminis particeps*⁴⁴.

Mercúrio é o chefe e o evocador das almas, o arquimago e o Hierofante.

Mercúrio toma em suas mãos o caduceu, ou o martelo de duas serpentes, para chamar de novo à vida as infelizes almas precipitadas no Orco ou Limbo,

44 O partícipe da luz solar.

com o propósito de fazê-las ingressar na milícia celeste: *Tum virgam capit hac animas ille evocat Orco*⁴⁵.

Lembrem-se que no Limbo vivem muitos santos e muitos sábios varões e doces donzelas que acreditaram poder se Auto-Realizar sem a magia sexual. Pobres almas! Não elaboraram seus corpos solares, o traje de bodas da alma.

Bem-aventurados aqueles que compreendem de forma íntegra a sabedoria das cinco criptas do templo de Hércules.

45 Virgílio, Eneida, Livro IV, verso 242: 'Então ele toma sua varinha (o caduceu) com a qual evoca as pálidas almas do Orco.'

CAPÍTULO 37

RUNA HAGAL



Falemos agora dos Elementais, Deuses, Devas, Chispas e Chamas. Que nos inspirem as Musas! Que ressoe a Lira de Orfeu!

Recordemos o velho Tibre, em pessoa, surgindo como uma neblina dentre as águas do rio que leva seu nome para falar a Enéias:

“Ó filho dos Deuses! Tu que nos trazes os ídolos de Tróia e salvaste o renome da tua pátria. Não te deixes assustar pelas ameaças da guerra. A verdadeira perseguição dos Deuses cessou; agora te é oferecido luta. Porém lutarás vitoriosamente. E para que não te creias um joguete de um sonho vão, dar-te-ei um sinal que não tardarás em reconhecer.

Entre os matagais próximos deste lugar encontrarás uma porca branca que amamenta 30 leitões recém-nascidos. Este encontro coincide com outras profecias que já te foram feitas e servirá para confirmar diante de ti que esta é a terra que os Deuses te destinam. Os 30 leitões simbolizam que dentro de 30 anos teu filho Ascânio fundará aqui a cidade de Alba Longa; o que te predigo se cumprirá. E agora, se queres saber como sairás vencedor dos inimigos que te ameçam, escuta-me...

Entre os povos itálicos, nem todos estão dispostos a apoiar Turno. Há perto das minhas nascentes uma cidade governada pelo rei Evanдро que sempre esteve em guerra com a nação latina. Esse monarca será teu aliado. Para chegar até ele seguirás meu curso, rio acima, em uma embarcação na qual levarás armas e companheiros escolhidos. Como sinal de concordância, apaziguarei as ondas quando embarcardes, para que não tenhas de remar contra a corrente. E quando, com esta ajuda e muitas outras, hajas te tornado vencedor de teus inimigos, já terás tempo para me render todas as homenagens que me deves”.

Dito isto, o velho Tibre retornou ao centro do rio e mergulhou nas profundas águas.

Conta Virgílio, o poeta de Mântua, que ao se desvanecer a visão do Tibre, Enéias despertou e pôs-se de pé. Depois de esfregar os olhos, correu pelos arredores para ver se descobria os sinais que o sublime ancião lhe mencionara. Com efeito, não demorou em divisar a porca branca com seus 30 leitões.

Não é preciso dizer que as predições do Deus Tibre, Deva Elemental do sagrado rio da Itália, cumpriram-se totalmente.

Esses eram os tempos em que nossa raça ariana ainda não tinha entrado no ciclo involutivo e descendente. A mente humana ainda não fora envenenada pelo ceticismo materialista do século XVIII. As pessoas tinham fé nas suas visões e rendiam culto aos Deuses da Natureza.

Que existem terras *Jinas*, paraísos em que convivem o lobo e o cordeiro, os homens e os Deuses, isso é óbvio!

Recordemos o monge Barinto, o qual, após navegar algum tempo, e já de regresso à sua pátria, disse a Brandão que, além do Monte de Pedra, estava a Ilha das Delícias, para onde havia se retirado seu discípulo Mernoc com muitos religiosos da sua Ordem. Mais longe ainda, para os lados do ocidente, sob uma cobertura de neblina, brilhava com luz eterna outra ilha, a terra prometida dos santos.

Claro que Brandão não esperou que lhe contassem a história duas vezes; cheio de fé intensa e compenetrado de santo zelo, embarcou em uma pequena nau de vime revestida com peles curtidas e betumadas, junto com 17 religiosos, entre os quais estava o jovem São Malo, um de seus mais ilustres discípulos.

Navegando pacientemente para o trópico, fizeram escala em uma ilha escarpada e hospitaleira.

Atracaram em uma outra ilha, rica em animais de terra e peixes de água doce, resplandecente de beleza e luz.

E chegaram a outra ilha sem praia e sem areia, onde resolveram celebrar a Páscoa, porém aconteceu que essa ilha era uma grande baleia, quem sabe um gigantesco cachalote.

Seguindo para adiante, permaneceram até o dia de Pentecostes no paraíso dos pássaros, onde a abundância de folhas e de flores alegrava a vista e os passarinhos coloridos ao ouvido.

Erraram muitos meses pelo oceano e em outra ilha, habitada por cenobitas, que tinham por patrono São Patrício e Santo Ailbeu, ficaram desde o Natal até a festa da Epifania.

Empregaram um ano nessas peregrinações e nos seis anos seguintes encontraram-se sempre pelo Natal na ilha de São Patrício e Santo Ailbeu, na Semana Santa na ilha dos Carneiros, na época da ressurreição no lombo da baleia e em Pentecostes na ilha dos Pássaros.

Ainda não tinham chegado à Ilha das Delícias de onde Mernoc tinha levado Barinto à terra prometida.

As estranhas e misteriosas aventuras prosseguem com os mais curiosos acontecimentos.

No sétimo ano, nossos heróis, sucessivamente, lutaram com uma baleia, com um grifo e com os ciclopes.

Viram outras ilhas e uma muito plana que produzia grandes frutas vermelhas. Habitava-a uma população que se intitulava de Homens Fortes. Em outra, havia um forte aroma que se exalava de uns cachos que dobravam as árvores que os produziam.

Voltaram a celebrar a Páscoa no lugar habitual. Depois, navegando para o norte, evitaram a terrível Ilha Rochosa, paragem onde os ciclopes tinham suas forjas. No outro dia, viram uma elevada montanha que lançava chamas; era a Ilha do Inferno.

Sem dúvida, não era semelhante lugar que São Brandão e companheiros buscavam. Voltando-se agora para o sul, desembarcaram em uma ilha desprovida de vegetação, pequena e redonda, em cuja parte alta morava um ermitão, o qual cumulou a todos de bênçãos.

Tornaram a celebrar a Semana Santa, a Páscoa da Ressurreição e Pentecostes onde já se tornara costume inveterado fazê-lo. Saindo daquele círculo vicioso, foram atravessar a zona de obscuridade, que circunda a Ilha dos Santos, a qual lhes apareceu coberta de pedras preciosas, de frutas como no outono e iluminada por um dia perpétuo.

Finalmente, andaram pela ilha durante quarenta dias sem encontrar seu fim. Em um rio que a atravessava, disse-lhes um anjo que não podiam ir adiante e que voltassem por onde tinham vindo. Por conseguinte, passaram de novo pelas trevas, descansaram três dias na Ilha

das Delícias, onde estava prevista a bênção do abade daquele mosteiro. Depois, voltaram diretamente para a Irlanda, sem poder se darem conta cabal do que lhes havia acontecido.

Esses relatos provêm de Sigeberto de Gembloux⁴⁶ e de Surio, o Cartuxo.

Vós, os Dignos! Aqueles que chegaram ao Segundo Nascimento, que dissolveram o Ego e que se sacrificaram pela humanidade, escutem-me, por favor!

Sobre a Rocha Viva, lá na praia, tracem com uma vara a Runa **Hagal**. Agora, chamem a pequena barca do sagrado cisne e poderão embarcar rumo às Ilhas Misteriosas da Quarta Dimensão.

Depois de traçado o santo signo, a maravilhosa Runa **Hagal**, cantem os seguintes mantras: **ACHAXUCANAC. ACHXURAXAN. ACHGNOYA. XI-RAXI. IGUAYA. HIRAJI.**

Olhem fixamente para a santa Runa **Hagal** e com o coração cheio de fé supliquem, peçam, para que a Ápia Romana, a Urwala Nórdica, a Erda Escandinava, a primitiva Sibila da Terra, a Divina Mãe Kundalini, lhes envie a singular nau movida pelos silfos.

Ah! Que felicidade sentirão quando subirem na misteriosa embarcação do sagrado cisne e partirem em direção às misteriosas ilhas do Éden.

Quanto a vós, Aprendizes, aconselho que rendam culto aos Deuses Santos. Trabalhem com as criaturas do fogo, do ar, da terra e da água.

Não se esqueçam da Divina Mãe Kundalini; sem Ela nenhum progresso realizarão nessa sagrada ciência.

Lembrem-se que Deus não tem nome e é somente uma aspiração, um suspiro, um incessante Hálito Eterno, para si mesmo profundamente desconhecido.

Ele é, pois, o princípio do Logos de todas as Runas e de todas as palavras.

PRÁTICA

Amados discípulos, meditem profundamente na Unidade da Vida, no Grande *Alaya* do Universo, no Mundo Invisível, bem como nos Universos Paralelos das dimensões superiores do espaço.

⁴⁶ Historiador beneditino, nascido em Gemblours, hoje situada na Província de Namur, Bélgica. Acredita-se haver nascido em 1035 e falecido em 1112. Também chamado de Sigebertus Gemblacensis.

Concentrem o pensamento nas Walkírias, nos Deuses do fogo, do ar, da água, da terra.

Agni é o Deus do Fogo. Paralda é o Deus do ar. Varuna é o Deus da água. Gob é o Deus da terra.

Por meio da meditação, poderão entrar em contato com os Deuses Elementais.

Tracem a Runa **Hagal** sobre um papel em branco e concentrem a mente em qualquer um dos quatro principais Deuses dos elementos. Peçam socorro a Eles, sempre que necessário. Chamai-os e invocai-os quando precisarem...

COMENTÁRIO FINAL

Como esquecer Xochipilli, o Deus da alegria, da música, da dança e das flores, entre os astecas?

Glorioso, resplandece ainda entre os Nahoas, Tlaloc, o Deus da Chuva. Esse Deus Elemental vive no Universo Paralelo da vontade consciente.

“Eu não tive culpa dos sacrifícios humanos” – me respondeu, quando lhe recriminei por isso. Em seguida, acrescentou: “Voltarei na Era de Aquário”.

E que diremos de Ehecatl, o Deus do Vento? Foi precisamente esse Deva Elemental dos astecas que ajudou Jesus na sua ressurreição, induzindo atividade e movimento no corpo do Mestre.

Nós, gnósticos, ainda rendemos culto aos Deuses do milho brando e do milho maduro.

Conhecemos muito bem o Deus asteca Murciélagu.⁴⁷ Trata-se de um anjo que vive no Universo Paralelo da vontade cósmica e que trabalha na quarta dimensão com os anjos da morte.

Amamos os Deuses elementais do velho Egito dos faraós e jamais esqueceremos a esfinge milenar. A Runa **Hagal** e a meditação permitirão fazer contato com essas Chispas, com essas Chamas inefáveis.

47 Trata-se do Deus Morcego.

CAPÍTULO 38

O RIO LETES



A Divina Mãe Kundalini sempre cumpre sua palavra. Eu aguardei com suma paciência a data, o dia e a hora, porque a região do Purgatório é bastante dolorosa e queria sair dali, anelava a emancipação.

Catão, o anjo do Purgatório, luta nessas regiões moleculares pela liberdade das almas.

Esse anjo sofreu bastante quando viveu no mundo. Qualquer Iniciado sabe que esse Ser foi homem e que ele preferiu a morte em Útica, África, a viver sob as cadeias da escravidão.⁴⁸

Eu também queria a liberdade, e a pedi e me foi concedida. Cada vez que uma alma abandona o Purgatório, causa intensa alegria no coração de Catão.

Chegou o momento anelado... Havia conhecido o fogo eterno e o temporal; havia saído dos caminhos escarpados e das aperturas e tive que me encontrar com o Sol dentro de minha própria alma.

Senti que algo misterioso forçava, violentava, desde o desconhecido, desde as íntimas portas atômicas do meu Universo Interior.

Inúteis foram os meus temores e vã a resistência. Aquilo compelia, constrangia, oprimia e, por fim, ó meu Deus, me senti transformado: o Cristo Cósmico entrara em mim!

E minha individualidade? Onde havia ficado? Que havia sido feito da minha vã personalidade humana? Onde estava?

À minha memória vinham somente recordações da Terra Santa: o humilde nascimento no estábulo do mundo, o batismo no Jordão, o jejum no deserto, a transfiguração, Jerusalém, a querida cidade dos profetas, as multidões humanas daqueles tempos, os doutores da lei, os fariseus, etc.

⁴⁸ Ficou conhecido na História como Catão, o Jovem, ou ainda como Catão de Útica. Optou pela morte em 6 de abril de 46 a.C.

Flutuava no ambiente que circundava o templo. Avancei valentemente para aquela mesa na qual estavam sentados os modernos Caifases, os mais altos dignitários da Igreja Fracassada. Eles, revestidos com seus hábitos sacerdotais e com a cruz dependurada no pescoço, ideavam e projetavam. Secretamente traçavam planos insidiosos e pérfidos contra mim.

“Pensavam que não voltaria? Pois aqui estou eu outra vez!” Isso foi a única coisa que me ocorreu dizer.

Momentos depois, o Senhor tinha saído de mim e voltei a me sentir um indivíduo. Então, descansei por breves momentos ao pé da minha cruz junto com Litelantes.

Não posso negar que os espinhos do pesado madeiro me feriam lamentavelmente e fiz um breve comentário disso a Litelantes.

Depois, ela e eu avançamos para a plataforma do templo. Um Mestre fez uso da palavra para dizer que o Cristo não tem individualidade, que Ele se encarna e se manifesta em qualquer Homem que esteja devidamente preparado.

Claro que a palavra Homem é muito exigente. Diógenes não encontrou um único Homem em Atenas.

O animal intelectual não é Homem; para sê-lo, tem de se vestir com o traje de bodas da alma, o famoso *Soma Heliakon*, o corpo, ou melhor diríamos, os corpos do Homem Solar.

Felizmente, eu criei esses corpos de ouro na forja dos ciclopes, na forja incandescente de Vulcano.

Hércules repetiu em mim todas suas façanhas, todos seus trabalhos. Teve de estrangular as serpentes venenosas que queriam lhe roubar a vida quando ainda era muito pequeno; teve de decapitar a Hidra de Lerna, de limpar os estábulos de Áugias, de matar o leão de Neméia, de tirar Cérbero, o cão infernal, do espantoso tártaro, etc.

O Cristo, Hércules, pratica aquilo que fala e, cada vez que se encarna em um Homem, repete todo o seu drama cósmico. Por isso, o Senhor é o Mestre dos Mestres.

Está escrito que o Filho do Homem deve descer aos infernos atômicos da natureza.

Está escrito que o Filho do Homem subirá aos céus passando pelo Purgatório.

O Filho do Homem submergirá cuidadosamente nas águas do Letes para recuperar a inocência.

Necessitamos esquecer o passado pecaminoso com suma urgência, origem de tantas amarguras.

O Letes e o Eunoe são, sem a menor dúvida, um só rio de águas claras e profundas.

Por um lado, desce cantando deliciosamente em seu leito de rochas, com essa virtude maravilhosa que apaga a memória do pecado, as recordações do Mim Mesmo, e se chama Letes. Pela outra margem, tão sublime e tão santa, tem o delicioso encanto de fortificar as virtudes e se chama Eunoe.

Obviamente, as tenebrosas recordações de tantos ontens devem ser apagadas porque, para desgraça nossa, têm a tendência de se atualizarem, de se projetarem no futuro, através do presente.

Em nome da verdade, devo dizer que o trabalho nas águas do Letes costuma ser espantosamente difícil e mais amargo que o fel.

Isso de passar para além do corpo, dos afetos e da mente não é nada fácil. No tempo, vivem tantas sombras queridas, as memórias do desejo persistem, recusam-se a morrer, não querem desaparecer.

E o sexo? O *Maithuna*? A ioga sexual?

Oh, meu Deus! Os Duas-Vezes-Nascidos sabem muito bem que já não devem regressar à Forja Incandescente de Vulcano.

Claro que o *Maithuna* é vital, cardeal, definitivo, para a fabricação do traje de bodas da alma, o *Soma Heliakon*, porém, qualquer Iniciado sabe que isso é apenas o trabalho inferior da Iniciação.

O sexo está proibido para o Filho do Homem e os Deuses sabem disso, pois assim está escrito.

Primeiro, trabalhamos com o Terceiro Logos na Nona Esfera até chegarmos ao Segundo Nascimento do qual falou o Mestre Jesus ao rabino Nicodemos. Depois, temos que trabalhar com o Segundo Logos; então o sexo fica proibido.

O erro de muitos pseudo-esoteristas e de muitos pseudo-ocultistas, monges e anacoretas, consiste em renunciar ao sexo sem antes haver fabricado seus corpos solares na Forja dos Ciclopes.

Esses equivocados sinceros querem trabalhar com o Segundo Logos sem haver previamente trabalhado com o Terceiro Logos; eis aqui o seu erro.

A abstenção sexual definitiva é obrigatória só para os Duas-Vezes-Nascidos, para o Filho do Homem.

Quem ingressa no templo dos Duas-Vezes-Nascidos deve dissolver o Ego, incinerar suas sementes e banhar-se nas águas do Letes. Os Deuses, as Chispas, as Chamas, os resplandecentes Dragões de Sabedoria, sabem disso.

De fato, ninguém poderia passar além do sexo, dos afetos e da mente, sem antes ter se banhado nas águas do rio Letes.

Depois do Segundo Nascimento, precisamos fazer em pedaços o véu sexual adâmico, o véu de Ísis, para que entremos nos Grandes Mistérios.

Filhos da Terra, escutem vossos instrutores, os Filhos do Fogo.

Adeptos da Luz! Invoquem a Divina Mãe Kundalini e submerjam nas profundas águas do rio Letes.

CAPÍTULO 39

AS NINFAS



Íris, divina donzela, Deusa Mensageira de pés alados, tu proteges as mulheres Iniciadas que trabalham na Forja de Vulcano.

Não foste tu, acaso, sublime beldade, que entregaste a Turno, o belicoso chefe rútilo, aquela mensagem celestial de Juno, a Deusa das Matronas Iniciadas.

Findas as solenes libações, o aguerrido Turno, qual um novo Aquiles, avança ameaçador com seu exército sobre o acampamento troiano. Assim está escrito e disso sabem os divinos e os humanos.

Porém, os troianos, nem lentos, nem débeis, se reuniram na praça de armas e logo formaram as linhas de batalha.

Aterrador, dantesco, apavorante, Turno dá voltas incessantemente ao redor das muralhas troianas. Estranho destino, repetir-se no Lácio aqueles épicos combates da destruída Tróia.

Desta vez, mesmo sendo os troianos de muitas guerras, não ousam enfrentar os inimigos em campo aberto, devido à ausência de Enéias.

O que veio depois? A lenda dos séculos sabe... Crepita o fogo ameaçador, cintilam as chamas das ardentes tochas. Os rútilos queriam queimar os navios de Enéias. Suplica Cibele, a Divina Mãe Kundalini, ao Cristo Cósmico, Júpiter [Zeus], filho de Kronos, e Ele ajuda os troianos.

Felizmente, aqueles navios tinham sido feitos com a sagrada madeira do pinheiro cortado no Ida, o Santo Monte onde Júpiter tinha o seu bosque favorito.

E então, assombro, maravilha, as misteriosas naves em vez de arder em holocausto fatal, transformaram-se em ninfas do imenso mar.

Quando esta sabedoria será entendida? E quem compreenderá esses prodígios?

Ah! Se a mente humana não tivesse degenerado tanto! Muitas vezes vi ternas donzelas vestidas de noiva, prontas para celebrarem as bodas. Sim, ó Deus, eu as vi ao pé de cada pinheiro. Em verdade, elementais vegetais, almas inocentes.

Sim, esses são, na verdade, os elementais dos pinheiros. Cada uma dessas árvores de Natal tem sua alma própria.

Quando será que os adoradores do Cristo voltarão a estabelecer seus santuários nos bosques repletos de pinheiros?

Que essas árvores têm poderes, quem ousaria duvidar disso. Porventura, puderam os guerreiros de Turno, o novo Aquiles, converter os navios troianos em holocausto?

Se as pessoas despertassem a consciência, elas poderiam conversar, face a face, com as ninfas do oceano tempestuoso. Se as pessoas despertassem a consciência, poderiam conversar com os elementais dos pinheiros. Mas, que dor, meu Deus! As pessoas dormem profundamente!

Ah! Se esses que investigam no terreno do ocultismo chegassem a compreender de verdade o autor da metamorfose das plantas; se entendessem Humboldt e seu cosmo; se intuissem o **Timeu** e o **Crítias** do divino Platão, se aproximariam do anfiteatro da ciência cósmica e penetrariam no mistério da magia vegetal.

Se esses que estudam anatomia oculta entendessem os mistérios de Devi Kundalini, se de verdade amassem Cibele e o Divino Júpiter [Zeus], se trabalhassem na Nona Esfera, seriam admitidos nos Paraísos Elementais da natureza.

Recordemos agora o coro de ninfas de Calipso, na famosa obra de ocultismo **Telêmaco**, de Fenelon.

Certo grupo esotérico que visitou uma vez a antiga Olises na quarta dimensão teve a imensa felicidade de ser assistido por um grupo de ninfas marinhas.

As fadas estenderam sobre o musgo de uma rocha milenar uma delicada toalha desenhada, cuja formosa aparência poderia ser comparada a esses tecidos sutis que representam as nuvens do céu. E ali mesmo, em baixela de fabricação atlante, que de longe, por suas cores, lembrava a louça talaverana, tão em moda há alguns anos, serviram uma comida de aparência frugal, porém, tão nutritiva que os parecia encher de felicidade e juventude.

Trigo, centeio, vinho com mel, milho, bolos, nozes, pães especiais, iguais aos que os adeptos hindus dão aos seus discípulos como sinal de aliança, sucos de uva e de diversas frutas, mel e doces indescritíveis, constituíam os pratos.

Deliciosos pratos que Brillat-Savarin jamais provou e que Montinho e Altamira jamais compreenderiam.

Um aromático licor, servido em taça de ágata que lembrava o cálice do Santo Graal, terminou pondo o grupo de irmãos em um estranho e misterioso estado.

Sentiram-se contentes, felizes, cheios de vigor e de esperteza, capazes de enfrentar sem temor algum a mais terrível aventura.

Resta dizer que esse grupo explorou a Atlântida e conheceu todos os mistérios do submerso continente.

Eu também conheci as maravilhosas ninfas quando navegava em um veleiro pelo mar do Caribe. Elas vieram ao nosso encontro em meio às agitadas ondas e eram de uma beleza incomparável.

Uma delas, delicada donzela, tinha a cor das violetas e flutuava entre as águas. Às vezes, caminhava com um passo rítmico e inocente. Avanços doces, ágeis e simples, nada tendo de animal, mas muito de divino. Parecia uma índia de pés descalços.

A outra tinha a cor maravilhosa dos corais. No formato cordial de sua boca, o morango deixara o seu tom púrpura e, no sutil desenho de seu delicado rosto, seus olhos brilhavam.

Raiava a aurora no oceano. Eu as vi e elas me falaram no verbo da luz. Em seguida, devagarzinho, foram se aproximando da praia e subiram nas escarpadas rochas.

Tornei-me amigo dessas duas maravilhosas ninfas e quando penso em seus poderes e na transformação sofrida pelo navio de Enéias, mergulho em meditação e entro em oração.

CAPÍTULO 40

A RUNA NOT



Agora, torna-se indispensável e necessário que estudemos profundamente a famosa Runa **Not** nesta **Mensagem de Natal** de 1968-69.

Continuemos a estudar a questão do Karma. Escuta-me, querido leitor. Um dia qualquer, não importa qual, Rafael Ruiz Ochoa e minha insignificante pessoa voltávamos da pitoresca cidade de Taxco, Guerrero, República do México.

Vínhamos para o Distrito Federal em um carro caindo aos pedaços, que devido ao peso insuportável dos anos, rugia de maneira espantosa e estrondosa, fazendo muito barulho.

Era curioso ver aquele antigo e carcomido veículo em plena marcha. Esquentava horrível e pavorosamente, como algo dantesco, e só meu amigo Rafael tinha a paciência de lidar com ele.

De vez em quando parávamos à sombra de alguma árvore do caminho para colocar água e esfriá-lo um pouco.

Era hora de faina para meu amigo Rafael. Eu preferia aproveitar esses instantes para submergir em profunda meditação.

Lembro-me de algo bastante interessante. Estava sentado à beira do caminho, quando vi algumas formigas insignificantes, que trabalhadoras e diligentes, circulavam por ali.

De imediato, resolvi pôr em ordem minha mente e concentrar a atenção exclusivamente em uma delas. Depois passei à meditação e por último sobreveio o êxtase, isso que no budismo Zen se denomina *Satori*.

O que experimentei foi maravilhoso, formidável, extraordinário; pude verificar a íntima relação existente entre a formiga e isso que Leibnitz chamaria de Mônada.

Resulta óbvio compreender de forma íntegra que tal Mônada não está certamente encarnada, metida no corpo da formiga. Evidentemente, vive fora de seu corpo físico, porém está ligada ao seu veículo denso por meio do cordão de prata.

Esse cordão é o fio da vida, o *Antakarana* dos hindus, sétuplo em constituição, algo magnético e sutil que tem o poder de estender-se e alongar-se infinitamente.

A Mônada da insignificante formiga detidamente observada por mim, na verdade parecia uma bela menina de doze anos. Vestia uma linda túnica branca e levava nos ombros uma pequena capa de cor azul escuro.

Muito tem sido falado de Margarida Gautier⁴⁹, mas essa menina era muito mais inefável e bela. Olhos de evocadora beleza e gestos de profetisa. Nela havia a frequência sagrada dos altares, seu riso inocente era como o da Mona Lisa, com uns lábios que ninguém nos céus ou na terra se atreveria a beijar.

E que disse a menina? Coisas terríveis! Falou de seu Karma, de fato horrível. Conversamos detidamente dentro do automóvel. Ela própria nele entrou e, sentando-se, convidou-me para o diálogo. Humildemente, sentei-me ao seu lado.

“Nós, formigas, fomos castigadas pelos Senhores do Karma e sofremos muito”, disse-me ela.

Convém agora lembrar oportunamente as lendas sobre as gigantescas formigas do Tibete, sobre as quais fazem referência Heródoto e Plínio (*Heródoto: Historiam Libro XI. Plínio: Historia Natural Libro III*).

Ó Deuses, desde o começo é bem difícil imaginar Lúcifer como uma abelha; ou os Titãs como formigas. Porém é certo que essas criaturas também tiveram sua queda, a qual foi da mesma natureza que o erro cometido por Adão.

Muitos séculos antes de aparecer sobre a superfície da Terra a primeira raça humana, viviam neste mundo essas criaturas não-humanas que hoje chamamos de formigas e abelhas.

Essas criaturas conheciam a fundo o bom do mau e o mau do bom. Em nome da verdade preciso dizer que eram almas velhas; tinham evoluído muitíssimo, mas nunca tinham percorrido o caminho da Revolução da Consciência.

49 Personagem do romance **A Dama das Camélias**, de Alexandre Dumas, publicado em 1848 com grande sucesso. O romance conta-nos a história de amor dessa belíssima plebéia com um jovem da alta burguesia francesa, Armand Duval.

Obviamente, a evolução jamais poderá conduzir alguém à Auto-Realização Íntima. O normal é que a toda evolução siga inevitavelmente a involução. Depois da subida, vem sempre a descida e depois da ascensão, segue a descida.

Aquelas infelizes criaturas renunciaram à idéia do conhecimento superior e do círculo esotérico da vida para assentar a sua fé num jargão marxista-leninista, semelhante ao da União Soviética.

Seu modo de entender foi, indubitavelmente, mais equivocado e mais grave que o de Adão, e o resultado está à vista de todos. Essas são as formigas e as abelhas, criaturas retardatárias, regressivas, involutivas.

Esses seres alteraram seu próprio organismo, modificaram-no horrivelmente, fizeram-no retroceder no tempo até chegarem ao estado atual em que se encontram.

Maeterlinck⁵⁰ falando a respeito da **Vida das Termitas**, diz textualmente o seguinte:

“Sua civilização, que é a mais antiga de todas, é a mais curiosa, a mais inteligente, a mais complexa e, em certo sentido, a mais lógica e a mais adaptada às dificuldades da existência, de todas as que apareceram antes da nossa sobre o globo. De muitos pontos de vista, essa civilização, ainda que cruel, sinistra e repulsiva, é superior à da abelha, à da formiga e à do próprio homem.

No termiteiro (ou ninho das formigas brancas) os Deuses do Comunismo convertem-se em insaciáveis Moloques⁵¹. Quanto mais se lhes dá, mais pedem e persistem em suas demandas, até que o indivíduo seja aniquilado e sua miséria seja completa. Essa espantosa tirania não tem paralelo na humanidade, já que, entre nós, ao menos uns quantos se beneficiam, porém, no termiteiro, ninguém se beneficia.

A disciplina é mais feroz que a das carmelitas ou trapistas. A submissão voluntária às leis ou regulamentos, que procedem ninguém sabe de onde, é de tal modo que não tem similar em nenhuma sociedade humana. Uma nova forma de fatalidade, quem sabe a mais cruel de

50 Maurice Polydore Marie Bernard Maeterlinck (29.08.1862 – 05.05.1949). Maeterlinck escreveu dois livros sobre o tema: **La Vie des Termites** (1927) e **La Vie des Fourmis** (A Vida das Formigas) em 1930.

51 Alusão a Molokh, um antigo Anjo caído, do sétimo Raio. O culto maligno antigo dos amonitas sacrificava crianças a esse sinistro personagem.

todas, a fatalidade social, à qual nós mesmos nos encaminhamos, foi adicionada às que conhecíamos e que nos tem preocupado suficientemente. Não há descanso, exceto no último dos sonhos. A enfermidade não é tolerada e a debilidade traz consigo sua própria sentença de morte. O comunismo é levado aos limites do canibalismo e da coprofagia⁵².

Exigindo o sacrifício e a miséria de muitos para o benefício e a felicidade de ninguém, e tudo isso com o objetivo de que uma espécie de desespero universal possa ser continuado, renovado e multiplicado, desde que seu mundo sobreviva. Essas cidades de insetos que apareceram bem antes de nós, poderiam servir quase como uma caricatura de nós mesmos, como uma paródia do paraíso terrestre, na qual está contida a maioria dos povos civilizados.

Maeterlinck demonstra de forma evidente qual é o preço desse regime de tipo marxista-leninista.

“Tinham asas e agora não as têm mais. Tinham olhos, e abdicaram deles. Tinham sexo e o sacrificaram”.

Sobre isso, resta-nos ainda acrescentar que, antes de sacrificarem as asas, a visão e o sexo, as formigas brancas (e todas em geral) tiveram que sacrificar sua inteligência.

Se no princípio necessitaram de uma ditadura de ferro para estabelecer o seu abominável comunismo, depois tudo se tornou automático e a inteligência foi se atrofiando pouco a pouco, deslocada pela mecanicidade.

Hoje nos assombramos ao contemplar uma colméia de abelhas ou um formigueiro. Lamentamos que aí já não haja mais inteligência e que tudo tenha se tornado mecânico.

Agora, falemos sobre o perdão dos pecados. Por acaso, o Karma pode ser perdoado?

Nós declaramos que o Karma é perdoável. Quando uma lei superior transcende uma lei inferior, ela lava a lei inferior. A lei superior tem em si mesma, fora de qualquer dúvida, o poder extraordinário de lavar a lei inferior. Porém, há casos perdidos. Exemplo disso são as formigas e as abelhas. Essas criaturas, depois de serem personalidades normais, involuíram, se deformaram e se apequenaram até atingirem o estágio atual.

52 Coprofagia é o costume de comer as próprias fezes, ou as fezes de outros.

Eu devia Karma de vidas anteriores, mas fui perdoado. Já tinham me anunciado um encontro especial com a minha Divina Mãe Kundalini e eu sabia muito bem que ao chegar a determinado grau esotérico seria levado à sua presença.

O ansioso dia chegou e fui levado diante dela. Um Adepto conduziu-me ao santuário e ali, ó meu Deus, clamei, orei e invoquei minha Adorável. O evento cósmico foi extraordinário.

Ela, minha Mãe Adorável, veio a mim. Impossível explicar o que senti. Nela estavam representadas todas as mãezinhas que tivera em diversas encarnações. Mas, ela ia mais longe... Minha Mãe Celeste era perfeita, inefável e terrivelmente divina.

O Pai tinha depositado nela toda a graça da sua sabedoria, o Cristo a saturara com seu amor, e o Espírito Santo lhe conferira terríveis poderes ígneos.

Compreendi que em minha Mãe se expressavam vivamente a sabedoria, o amor e o poder.

Sentamo-nos frente a frente. Ela em uma poltrona e eu em outra, e conversamos agradavelmente, como Filho e Mãe.

Que sorte a minha!... Quão feliz me senti!... Conversando com minha Mãe Divina... Algo tinha que dizer e falei com uma voz que assombrou a mim mesmo.

“Peço que me perdoes de todos os delitos que cometi em vidas anteriores, porque tu sabes que hoje em dia eu seria incapaz de cair nesses mesmos erros”.

“Eu sei, meu Filho”, respondeu a minha Mãe com uma voz de paraíso, cheia de infinito amor.

“Nem por um milhão de dólares voltaria a cometer esses erros”, continuei dizendo a minha Mãe Kundalini.

“Que é isso de dólares, meu Filho? Por que falas assim? Por que dizes isto?”

Então, ai Deus!... Senti pena de mim mesmo, me senti confundido, envergonhado e cheio de dor respondi: “Perdão, Mãe! Desculpa-me! O que acontece é que no mundo físico, vão e ilusório onde vivo, se fala assim”.

“Compreendo, meu Filho”, respondeu Ela. E essas palavras da Adorável devolveram-me a tranquilidade e a paz. E falei em pleno êxtase: “Agora sim, minha Mãe, peço que me bendigas e que me perdoes”.

Terrível foi aquele momento em que minha Mãe, de joelhos, com infinita humildade, cheia de sabedoria, amor e poder, me bendisse dizendo: “Meu Filho, tu estás perdoado”.

“Mãe, permita-me beijar teus pés”, exclamei. Ó Deus, quando depositei o ósculo místico nos seus pés sagrados, Ela me instruiu com certo símbolo, recordando-me o lavatório dos pés na ceia do Senhor.

A tudo entendi e compreendi profundamente. Já havia dissolvido o Eu Pluralizado nas regiões minerais, nos mundos infernais da natureza, mas precisava queimar as sementes satânicas no mundo molecular inferior, na região do Purgatório, para depois banhar-me no Letes e no Eunoe a fim de apagar a memória do mal e fortificar as virtudes, antes de poder ser confirmado na luz.

Mais tarde, me vi envolvido numa cena muito dolorosa de minha vida passada, quando cometi um lamentável erro. E quando estava para ser atropelado por um carro em plena cidade do México, então constatei que estava livre do Karma.

Estudei meu próprio livro do Karma nos mundos superiores e achei suas páginas em branco. Em uma de suas páginas, encontrei escrito apenas o nome de uma montanha. Compreendi que, mais tarde, teria que viver ali.

“É isso algum tipo de Karma?”, perguntei aos Senhores da Lei. Responderam-me: “Não, não é Karma; irás viver lá para o bem da Grande Causa”.

Mas, é claro, não serei obrigado, pois me dão o direito de escolher. Já não devo Karma, mas tenho que pagar imposto aos Senhores da Lei. Tudo tem um preço e o direito para viver neste mundo precisa ser pago. Eu pago com boas obras.

Portanto, apresentei à consideração de meus amados leitores dois casos: o Karma irremediável, como o das formigas e das abelhas, e o Karma perdoável.

Vamos falar agora de negócios, e concretizar tudo isso com a Runa **Not**.

Na maçonaria, somente se ensina este símbolo aos Mestres, jamais aos Aprendizes. Recordemos o signo de socorro do terceiro grau, ou seja, o grau de Mestre. Põem-se as mãos entrelaçadas sobre a cabeça, à altura da testa, com as palmas para fora, enquanto que se pronuncia a frase: **A mim os filhos da viúva!** Em hebraico: *ELAI B'NE AL'MANAH!*

A este grito, todos os maçons devem acudir para socorrer o irmão em desgraça e dar-lhe proteção em todos os casos e circunstâncias da vida.

Pratica-se a Runa **Not** na maçonaria com a cabeça, que sempre foi, é e será um S.O.S., um signo de socorro.

A Runa **Not**, em si mesma, significa na verdade ‘perigo’, porém é óbvio que dentro dela está o poder de se evitá-lo inteligentemente.

Todos os que transitam pela Senda do Fio da Navalha são combatidos incessantemente pelos tenebrosos; sofrem o indizível; porém, podem se defender com a Runa **Not**.

Com a Runa **Not**, podemos implorar auxílio e pedi-lo a Anúbis e seus 42 Juízes do Karma, para que eles aceitem negociações.

Não devemos nos queixar do Karma porque ele é negociável. Quem tem capital das boas obras pode pagar suas dívidas sem necessidade de sofrer dolorosamente.

PRÁTICA

A prática com a Runa **Not** leva ao *pranayama*, a sábia e inteligente combinação de átomos solares e lunares.

Inale-se profundamente o ar vital, o *prana*, a vida, pela narina direita e exale-se pela esquerda, contando mentalmente até doze. Em seguida, inale-se pela narina esquerda e exale-se pela direita. Continue esse exercício por dez minutos. Nesta prática, as narinas são controladas com os dedos índice e polegar.

Depois, o estudante gnóstico, sentado ou deitado em decúbito dorsal (de costas, boca para cima), relaxará o corpo e se concentrará a fim de recordar suas vidas passadas.

PRÁTICA ESPECIAL

Em caso de necessitar assistência de Anúbis, faz-se urgente negociar com ele.

Abra os braços de modo a formar a Runa **Not**. Um deles formará um ângulo de 135 graus com o corpo, e, o outro, um ângulo de apenas 45 graus com o corpo. Depois, o braço que forma o ângulo de 45 graus passará a formar um de 135 graus, enquanto que o que formava o ângulo de 135 graus formará 45. Assim, sucessivamente alternam-se os braços.

Durante o exercício, cantarão os mantras **NA**, **NE**, **NI**, **NO** e **NU**, mantendo a mente concentrada em Anúbis, o Chefe do Karma, suplicando pelo negócio desejado e pedindo ajuda urgente.

Observem bem a figura da Runa **Not**. Imitem com os braços seu signo. Alternem os braços direito e esquerdo durante a movimentação.

CAPÍTULO 41

PARSIFAL



Falemos agora sobre os cavaleiros templários. Conversemos um pouco a respeito desses fiéis guardiões do Santo Graal. Que nos escutem os Deuses e que as Musas nos inspirem.

O que podemos dizer do castelo de Montsalvat? Cantemos todos o Hino do Graal:

HINO DO GRAAL

Dia a dia, arrumado para a última ceia do amor divino, o banquete será renovado, como se pela última vez tivesse hoje que consolar, a quem tenha se encantado nas boas obras. Aproximemo-nos do ágape para receber os augustos dons.

Assim como entre dores infinitas correu um dia o sangue que redimiu o mundo, seja meu sangue derramado com coração gozoso pela causa do Herói Salvador. Em nós vive por sua morte o corpo que ofereceu para nossa redenção.

Viva para sempre nossa fé, pois que sobre nós desce a Pomba, propícia Mensageira do Redentor. Comei do pão da vida e bebei do vinho que para nós manou.

Homens e Deuses, olhai ali os Cavaleiros do Graal e seus escudeiros. Todos eles se vestem com túnicas e mantos brancos, semelhantes aos dos Templários, porém, ao invés da vermelha cruz Tau daqueles, ostentam com todo o direito uma pomba em pleno vôo, cinzelada nas armas e bordada nos mantos.

Extraordinário símbolo do Terceiro Logos, vivo signo do Espírito Santo, Vulcano, essa maravilhosa força sexual com a qual podemos fazer tantos prodígios e maravilhas.

Bem... Convém penetrar no profundo significado do Drama de Wagner...

Que falem algo: Anfortas, tipo específico do remorso; Titurel, a voz do passado; Klingsor, o mago negro; Parsifal, a redenção; Kundry, a sedução; Gurnemanz, a tradição.

Soam as maravilhosas trombetas com seu solene toque da Alvorada. Gurnemanz e seus dois escudeiros se ajoelham e rezam silenciosos a oração matutina.

Do Graal, chegam dois fortes cavaleiros com o evidente propósito de explorar o caminho que vai seguir Anfortas, o rei do Cálice Sagrado.

O velho sucessor do rei Titurel vem mais cedo que de costume banhar-se nas sagradas águas do lago, com o desejo de acalmar as fortes dores que o afligem desde que recebeu, para sua desgraça, o espantoso lanço com que o perverso mago negro Klingsor o feriu.

Triste história a de Klingsor! Horror! Sincero equivocado como muitos que andam por aí.

Vivia ele em um ermo local de penitente; queria ser santo. Declarou-se inimigo de tudo que tivesse sabor sexual, lutou espantosamente contra as paixões animais, levou sobre seu corpo flagelado cruentos cilícios e chorou muito.

Porém tudo foi inútil; a luxúria, a lascívia e a secreta impudícia, tragavam-no vivo apesar de todos seus esforços e sacrifícios. Então, oh Deus! Impotente, o infeliz, para eliminar as paixões sexuais, resolveu mutilar-se, castrar-se, com as próprias mãos.

Depois, suplicando, estendeu suas mãos para o Graal, mas foi repellido com indignação pelo Guardião.

O infeliz pensou que odiando o Espírito Santo, rechaçando o Terceiro Logos, destruindo os órgãos sexuais, poderia ser admitido no castelo Montsalvat.

O infeliz pensou que poderia ser admitido na Ordem do Santo Graal sem o *Maithuna*, sem ter conseguido antes o Segundo Nascimento, vestido com farrapos lunares.

Acreditou esse pobre coitado e infortunado cavaleiro que poderia trabalhar com o Segundo Logos, o Cristo, sem antes haver trabalhado com o Terceiro Logos, o Espírito Santo, o sexo.

Finalmente, despeitado, o tenebroso Klingsor resolveu vingar-se injustamente dos nobres Cavaleiros do Santo Graal.

Transformou o ermo de penitente num jardim feiticeiro e fatal, de voluptuosos deleites, e o encheu com mulheres perigosamente belas, delicadas e diabólicas.

Nessa mansão de deleites, acompanhado das suas beldades, secretamente aguarda os Cavaleiros do Graal a fim de arrastá-los às concupiscências que inevitavelmente conduzem as pessoas aos mundos infernais.

Aquele que se deixa seduzir pelas provocadoras diabas é sua vítima. Assim, conseguiu levar à perdição muitos cavaleiros.

Anfortas, rei do Graal, combateu o desventurado Klingsor, pretendeu terminar com a praga do encantamento fatal, porém, caiu rendido de paixão nos braços impudicos da luxuriosa Kundry.

Momento formidável para Klingsor. Idiota teria sido se perdesse a oportunidade. Audazmente arrebatou a sagrada lança das mãos de Anfortas e triunfante se afasta rindo.

Assim foi como Anfortas, rei do Graal, perdeu essa lança bendita com que Longinus ferira no Gólgota o costado do Senhor.

Anfortas, ferido também no costado pela espantosa chaga do remorso, sofre o indizível.

Kundry, delicada mulher de extraordinária e fascinante beleza, também sofre com o remorso, mas serve humildemente aos irmãos do Santo Graal.

No fundo, tu, mulher fatal, és tão somente um instrumento de perfídia a serviço do mago das trevas. Queres caminhar pela senda da luz, porém, te deixas hipnotizar pelo tenebroso.

Anfortas, absorto em profunda meditação íntima, escuta em estado de êxtase as misteriosas palavras que saem do Graal: “O sábio, o iluminado pela compaixão, o casto inocente, espera-o. Ele é o escolhido”.

Nisso, algo inusitado e inesperado acontece; um grande alvoroço se forma entre esses do Graal. Precisamente do lado do lago tinham surpreendido um ignorante jovem que, errante por aquelas margens, acaba de ferir mortalmente um cisne, ave sagrada, de imaculada brancura.

Porém, por que tanto escândalo? Para Parsifal isso corresponde a um passado já lavado nas deliciosas águas do Letes.

Quem não feriu mortalmente o cisne sagrado? O Terceiro Logos? Quem não assassinou o milagroso *Ham-Sah* - o Espírito Santo? Quem, fornicando,

não assassinou a Ave Fênix do Paraíso? Quem não pecou contra a imortal Íbis? Quem não fez sangrar a Santa Pomba, símbolo vivo da força sexual?

Parsifal tinha alcançado a total inocência depois de haver sofrido muito. O filho de Herzeleide, uma pobre mulher da floresta, realmente ignorava as coisas mundanas e estava protegido pela sua inocência.

Inúteis foram os assédios feitos pelas mulheres-flores de Klingsor. As infelizes não conseguiram seduzir o inocente e fugiram vencidas.

Infrutíferos foram os esforços sedutores de Herodias, Gundrúgia, Kundry... Suas artes fracassaram; vendo-se vencida, clama e pede auxílio a Klingsor, que desesperado e enfurecido, arroja a lança sagrada contra o jovem.

No entanto, Parsifal estava protegido pela inocência, e a lança, em vez de atravessar seu corpo, flutua por alguns instantes sobre sua cabeça. Ele a apanha com sua mão direita, em seguida bendiz com a afiada arma, fazendo o sinal da cruz, e o castelo de Klingsor afunda no abismo, convertido em poeira cósmica.

Depois vem o melhor: Parsifal, acompanhado por seu Guru Gurnemanz, entra no templo de Montserrat, Catalunha, Espanha.

Abrem-se as portas do templo e os Cavaleiros do Graal penetram no santo lugar em solene procissão. Eles vão se colocando de maneira ordenada e com infinita veneração nas longas mesas cobertas de toalhas, dispostas paralelamente, entre as quais há um espaço vazio no meio.

Agradáveis momentos aqueles em que se celebra a ceia mística, o banquete cósmico do Cordeiro Pascal.

Extraordinários instantes aqueles em que se come o pão e se bebe o vinho da transubstanciação.

O bendito cálice, onde José de Arimatéia recolheu o sangue, de todas as amarguras, que corria das feridas do Senhor no Gólgota, resplandece gloriosamente durante o ritual.

Momentos inefáveis do Pleroma são aqueles em que Parsifal cura milagrosamente a ferida de Anfortas ao aplicar no seu flanco a mesma bendita lança que o feriu.

Essa lança é um extraordinário símbolo, cem por cento fálico, integralmente sexual.

Anfortas caiu pelo sexo. Sofreu espantosamente com a dor do remorso, porém, graças aos mistérios sexuais, regenerou-se, curou-se totalmente.

O Grande *Kabir* Jesus disse: “Aquele que quiser me seguir, negue a si mesmo, tome sua cruz e siga-me”.

Os Cavaleiros do Santo Graal negaram a si mesmos, dissolvendo o Eu Pluralizado, incinerando suas sementes satânicas e banhando-se nas águas do Lestes e do Eunoe.

Os Cavaleiros do Santo Graal trabalharam na Forja Incandescente de Vulcano. Eles nunca ignoraram que a cruz resulta da inserção do pau vertical no *cteis* formal.

Os Cavaleiros do Santo Graal sacrificaram-se pela humanidade. Eles têm trabalhado com infinito amor na Grande Obra do Pai⁵³.

53 Sobre o tema deste capítulo, o autor escreveu um livro, já traduzido e publicado pela IGB-Edisaw, denominado **Parsifal Revelado**, onde o leitor encontrará ricos detalhes e a explicação dos Mistérios Iniciáticos contidos na obra-prima de Wagner..

CAPÍTULO 42

O FOGO SEXUAL



A energia sexual polariza-se de duas maneiras: estática ou potencial (Kundalini) e dinâmica. Como é sabido por toda pessoa culta e espiritual, são forças que atuam dentro do organismo.

Na espinha dorsal há sete centros magnéticos muito especiais, dentro dos quais encontram-se latentes infinitos poderes ígneos. Com a subida do fogo sagrado ao longo do canal medular, toda essa multiplicidade de poderes divinos entra em atividade.

A chave fundamental para despertar o sagrado fogo de Kundalini está na ioga sexual, no *Maithuna*, qual seja: conexão sexual do *lingam-yoni*, falo-útero, sem ejacular a entidade do sêmen (*Ens Seminis*), porque nessa substância semi-sólida, semilíquida, encontra-se todo o *Ens Virtutis* do fogo.

O desejo refrado fará subir a energia sexual para dentro e para cima, até o cérebro.

Quando os átomos solares e lunares do sistema seminal fazem contato no cóccix, perto do *tribêni*, base da espinha dorsal, desperta o fogo sagrado para subir até o cérebro ao longo do canal medular.

Torna-se urgente compreender e saber que, se a entidade do sêmen é deramada, o fogo ascendente baixa uma ou mais vértebras, segundo a magnitude da falta. O Kundalini, o fogo sagrado, sobe lentamente, de acordo com os méritos do coração.

Aqueles que andam pela Senda do Fio da Navalha sabem muito bem, por experiência direta, que a Divina Mãe Kundalini, o fogo divino, conduz a Shiva, o Espírito Santo, até o centro cerebral e por último ao Templo-Coração.

Nenhum esoterista autêntico se atreveria a negar jamais que, por trás de qualquer atividade, existe sempre um estado estático.

Podemos encontrar o centro estático fundamental do organismo humano, sem dúvida alguma, no osso do cóccix, base da espinha dorsal.

O chacra do cóccix é, em si mesmo, a Igreja de Éfeso do esoterismo cristão, suporte-raiz do corpo e de todos os movimentos das forças vitais no interior de nosso organismo.

Sabemos por experiência direta que nesse centro específico do corpo encontra-se enroscada, três vezes e meia, a serpente ígnea de nossos mágicos poderes, esse fogo serpentino anular que se desenvolve maravilhosamente no corpo do asceta.

Uma cuidadosa análise do centro magnético coccígeo permite compreender que ele, em si mesmo, é consciência, e fora de toda dúvida, possui qualidades muito especiais.

Kundalini, o poder contido no citado centro do cóccix, resulta eficiente e definitivo para o despertar da consciência. Obviamente, o fogo sagrado pode abrir as asas ígneas do Caduceu de Mercúrio na espinha dorsal do Iniciado; então, ele poderá entrar conscientemente em qualquer departamento do reino.

Os adeptos hindus fazem distinção entre a suprema consciência cósmica e o seu poder energético ativo capaz de penetrar nas zonas mais profundas do subconsciente para nos despertar realmente.

Os sábios orientais dizem que, quando a consciência cósmica se manifesta como energia, possui duas faces gêmeas: a potencial e a cinética.

O Kundalini, o fogo sexual, fora de qualquer dúvida, é uma verdade vedantina e jehovística que representa, com exatidão, todo o processo universal, como uma sábia polarização na mesma consciência.

Utilizar o fogo sagrado, a serpente ígnea de nossos mágicos poderes, para despertar a consciência, é uma necessidade íntima, vital e indispensável.

O ser humano, ou melhor, o pobre animal intelectual equivocadamente chamado homem, tem a consciência totalmente adormecida; por isso é incapaz de vivenciar aquilo que não é do tempo, aquilo que é o Real.

O fogo sagrado possui virtudes muito especiais e efetivas para tirar o pobre bípede humano do estado de inconsciência em que se encontra.

Quem desenvolver o fogo sagrado em todos seus sete graus de poder, adquire determinadas faculdades com as quais pode mandar nas criaturas da terra, do fogo, do ar e das águas.

Porém, precisa compreender que a espada forjada por Vulcano deve ser temperada incandescente nas águas espermáticas do lago Estinge.

Infeliz daquele que derrama o Vaso de Hermes; mais lhe valeria não ter nascido ou amarrar uma pedra de moinho ao pescoço e atirar-se ao fundo do mar.

Enéias, o exímio varão troiano, com a espada flamejante levantada, olhando fixamente o sol, pronuncia em oração palavras que somente podem ser compreendidas por aqueles que trabalham no magistério do fogo. Põe por testemunha o Cristo Cósmico e a bendita terra que invoca: o Pai que está oculto e a Juno Satúrnica Kundalini, a eterna esposa do Terceiro Logos.

Clama por Marte, Senhor da Guerra, e por todas as criaturas elementais das fontes e dos rios, pelos filhos do fogo e pelas divindades do mar, e até promete fielmente que se a sorte lhe for adversa na batalha pessoal contra Turno, seu inimigo, se retirará para a cidade de Evandro, porém se Marte lhe consentir a vitória, não converterá os italianos em escravos, e só pensará em coexistir com eles como amigos. Isso é tudo.

O juramento do bom rei latino com o olhar fixo no sol é muito significativo para aqueles que trabalham no magistério do fogo, pondo por testemunha os fogos que estão acesos dentro de si e as divindades, dizendo: “Quaisquer que sejam as circunstâncias, jamais amanhecerá o dia em que haja de ver os povos itálicos quebrando esta paz e esta aliança”.

O rei latino põe por testemunha, de todos os seus juramentos, as próprias divindades da terra, do mar, dos astros, bem como a dupla descendência de Latona, a Imanifestada *Prakriti* (Diana e Apolo) e Jano com o seu I.A.O., as três vogais que se canta no transe sexual do *Maithuna*.

Em sua oração, aquele grande rei latino não se esquece da morada terrível de Plutão e dos Deuses do Inferno, esses seres divinos, esses indivíduos sagrados, que renunciaram à felicidade do Nirvana para viver nos mundos inferiores, lutando pelos decididamente perdidos.

Todas essas orações, preces e juramentos do mundo clássico antigo se tornariam incompreensíveis sem a ciência sagrada do fogo.

O advento do fogo dentro de nós mesmos é o mais formidável evento cósmico, porque o fogo nos transforma radicalmente.

Vem-me à memória neste momento aquelas quatro letras postas na cruz do redentor do mundo: INRI - *Ignis Natura Renovatur Integram*. O fogo renova incessantemente toda a natureza.

Lá, na noite profunda dos séculos, no antigo Egito, o Grande *Kabir* Jesus, praticando *Maithuna* com a vestal de uma pirâmide, cantava os mantras INRI, ENRE, ONRO, UNRU e ANRA, fazendo ressoar cada letra de maneira alongada e profunda.

É óbvio que cada um destes mantras se divide em duas sílabas esotéricas para a sua pronúncia.

Precisamos ser tragados pela Serpente. Urge que nos convertamos em chamas vivas. Torna-se indispensável que consigamos o Segundo Nascimento para entrar no reino.

CAPÍTULO 43

RUNA LAF



Eu era muito jovem ainda e ela se chamava Urânia. Numa noite qualquer, não importa qual, abandonei por algum tempo este corpo denso. Quão feliz me sentia fora do corpo físico! Não há maior prazer do que aquele de sentir a alma livre, quando o passado e o presente se convertem num eterno agora.

Entrar nos Universos Paralelos torna-se fácil quando se tem a consciência desperta. No Universo Paralelo da quinta dimensão senti a necessidade íntima de invocar a um Mestre, e clamei com grande voz, chamando, suplicando, pedindo. Por um instante me pareceu que todo o universo se transformava, tal a força do verbo.

O cordão de prata possui o poder de alongar-se infinitamente, e assim as almas podem viajar livremente pelo espaço estrelado. E eu viajei muito até chegar ao templo. Quando avançava, cheio de êxtase, pela misteriosa senda que conduz os Iniciados até as portas do santíssimo lugar, me vi atacado de forma inesperada por um grande animal, um touro mitraico verdadeiramente espantoso.

Sem me presumir de valente confesso que não senti medo. Enfrentei o animal resoluta e arrojadamente, pegando-o pelos chifres para atirá-lo ao solo.

Porém, nesses precisos instantes, aconteceu algo insólito. Diante da minha assombrada consciência, caiu uma corrente de ferro, e o terrível animal desapareceu como por encanto.

Compreendi tudo intuitivamente... Precisava me libertar, romper cadeias escravizantes, eliminar o Ego animal.

Continuei meu caminho e entrei pela porta do templo. Não trocaria aqueles momentos nem por todo o ouro do mundo. Sentia-me embriagado por uma delicada voluptuosidade espiritual.

Bem sabem os Deuses o que aconteceu depois... E agora vou relatar aos homens.

Vi o carro dos séculos levado por três Mestres da Loja Branca. Um venerável ancião era conduzido naquele veículo do Mistério.

Como esquecer aquele rosto? Aquele porte? Aqueles traços? Tão sublime perfeição?

A testa do ancião era alta e majestosa; o nariz reto e perfeito; os lábios finos e delicados; as orelhas pequenas e bem feitas; a barba era branca e aureolada de luz; o cabelo de imaculada brancura caía suavemente sobre os ombros.

Obviamente, não podia deixar de perguntar quem era. O caso era terrivelmente divino, formidável.

“Ele se chama Pedro”, respondeu um dos Hierofantes que conduzia o carro dos séculos.

Ó meu Deus! Então me prosternei em terra diante do Ancião dos Séculos e ele, cheio de infinito amor e de compaixão, abençoou-me na língua sagrada.

Desde então tenho refletido muito e jamais me pesará ter ensinado à humanidade o Evangelho de Pedro, o *Maithuna*, a ioga sexual.

E disse Patar, Pedro: “Eis que ponho em Sião a principal pedra de ângulo, escolhida e preciosa. Para vós, pois, os que crêem, ela é preciosa, porém para os que não crêem, a pedra que os edificadores rejeitarem, veio a ser cabeça de ângulo, pedra de tropeço e rocha de escândalo”.

E o Santo Graal? Não é por acaso a mesma Pedra Iniciática?

O Graal é uma pedra preciosa trazida à Terra pelos anjos, cuja custódia foi confiada a uma Fraternidade Iniciática que se chamou Guardiões do Graal.

Ei-nos aqui, de novo, com a Pedra de Jacó, a Pedra Sagrada do Liafail escocês, a Pedra Cúbica de Jesod, situada pelos cabalistas hebraicos no sexo.

O autêntico texto de Wolfram de Eschenbach⁵⁴, relativo à Santa Pedra e à Branca Irmandade que a custodia sabiamente, é o seguinte:

54 Cavaleiro e poeta alemão (1170 – 1220), autor da obra **Parzival**, uma dos maiores épicos germânicos de sua época, que serviu de fonte para Wagner escrever sua obra musical. Ver livro **Parsifal Revelado**, do mesmo autor, já editado pela Edisaw.

Esses heróis estão animados por uma pedra.
Não conheceis sua augusta e pura essência?
Se chama *lapis-electrix* (*magnes*).
Com ela, se pode realizar toda maravilha (magia).
Ela, qual Fênix que se precipita nas chamas,
renasce de suas próprias cinzas,
pois nas próprias chamas remoça sua plumagem
e brilha rejuvenescida mais bela que antes.
Seu poder é tal que qualquer homem,
por mais infeliz que seja seu estado,
ao invés de morrer como os demais,
já não se conhece sua idade,
nem por sua cor, nem por seu rosto.
Seja homem ou mulher,
gozará da sorte inefável
de contemplar a Pedra
por mais de duzentos anos.

A Pedra Iniciática esotericamente se transforma no Vaso de Hermes, no cálice sagrado.

Peter, Patar, Pedro, a revelação iniciática está no sexo, e tudo que não seja por esse caminho, significa perda de tempo.

Resulta tremendamente significativo que, tanto no Norte como na própria América, encontremos a Runa **Laf** gravada nas pedras, o *laftar*, que quer dizer ‘Salvador’.

Obviamente devemos levantar a Igreja para o Cristo Íntimo sobre a Pedra viva. Ai daqueles que edificam o templo interno sobre as areias movediças das teorias. Descerão as chuvas e virão os rios e sua casa rodará ao abismo, onde só se ouve o pranto e o ranger de dentes.

Se unirmos duas **Laf** pelo seu braço, teremos a letra **M** do matrimônio.

De fato, apenas trilhando a Senda do Matrimônio Perfeito, se pode conseguir o traje de bodas da alma, síntese perfeita dos corpos solares.

A Ordem do Rei está escrita: “Atai-o de pés e mãos e lançai-o nas trevas exteriores, onde apenas existe choro e ranger de dentes”. “Porque muitos são os chamados, mas poucos são os escolhidos”.

PRÁTICA

A prática correspondente a esta Runa consiste em ficar pela manhã diante do sol, no momento em que ele sobe no oriente, adotando essa atitude mística manifestada pela Runa **Laf**: mãos levantadas, implorando ajuda esotérica.

Esta prática deve ser feita na aurora do dia 27 de cada mês.

CAPÍTULO 44

A LIBERAÇÃO FINAL



Temos de afirmar a necessidade da ‘renúncia’ em nome da verdade. Precisamos passar pela Grande Morte, o que só é possível libertando-nos totalmente da mente.

Quando a natureza tenha sido dominada radicalmente, vem, como é lógico, a onipotência e a onisciência.

Quando o Gnóstico Auto-Realizado renuncia às próprias idéias de onipotência e onisciência, sobrevém a destruição completa da semente do mal. Semente essa a qual devemos o nosso retorno ao *Mahamvantara*, dia cósmico, depois de cada noite cósmica ou *Pralaya*.

Obviamente todo aquele que conseguiu a sua Auto-Realização Íntima tem o direito de viver no Nirvana, porém se renuncia a essa felicidade, continuará pelo caminho direto que o conduzirá ao Absoluto.

Contudo existem muitas vias laterais e Deuses tentadores bem mais perigosos que os seres humanos.

Eles tentam, não por maldade, nem por ciúmes, nem por temor de perder seu lugar, como equivocadamente supõem alguns autores orientais, mas por compaixão.

Nos instantes em que escrevo este capítulo, me vem à memória algo interessante.

Certo dia, depois de ter feito nova renúncia nirvânica, encontrava-me feliz em meu sétimo princípio, *Atman*, sobre um agradável terraço de uma mansão inefável.

É claro que eu estava no Nirvana, a região dos *Dharmakayas*, o Mundo dos Deuses. De repente, flutuando no espaço, alguns bem-aventurados nirvanis aproximaram-se de mim.

Era certamente digno de admirar e ver esses seres inefáveis, vestidos com suas lindas túnicas de *Dharmakayas*.

Ao vê-los, verifiquei por experiência direta que eles eram chamados vivos de três pavios e que em si mesmos são imortais.

Um daqueles seres inefáveis tomou a palavra para me dizer: “Meu irmão, por que haveis seguido esse caminho tão estreito, tão amargo e tão duro? Fica conosco aqui no Nirvana. Somos todos muito felizes”.

“Não puderam desviar-me os homens com suas tentações, muito menos vocês, os Deuses. Eu vou para o Absoluto”.

Essa foi minha resposta e logo saí daquele agradável lugar com passo firme e decidido.

Os gnósticos que não conseguem a perfeição absoluta morrem e se convertem em Deuses. Cometem o erro de abandonar o caminho direto a fim de seguir pelas vias laterais. Adquirem muitos poderes, mas um dia, precisam voltar a se reencarnar para trilhar outra vez pelo caminho reto que os haverá de levar ao Absoluto.

É indispensável impedir que o conteúdo mental adquira diversas formas a fim de se conseguir a quietude da mente. O conhecimento direto dá-nos belas qualidades, e quem segue o caminho reto, deve ter o cuidado de não se apegar a essas virtudes.

A obtenção de poderes psíquicos jamais conduz alguém à liberação alguma. Nada mais é do que uma busca de gozos vãos. A posse de poderes ocultos nada mais faz do que intensificar a mundanidade em nós, tornando a vida mais amarga.

Numerosas almas, ainda que quase tenham atingido a liberação total, fracassam porque não podem renunciar de forma absoluta os poderes ocultos adquiridos. Esses seres submergem um tempo na natureza para depois surgirem novamente como donos, amos e senhores.

Há milhares de Deuses desse tipo. São divinos, inefáveis, mas não têm direito a entrar no Absoluto.

Há muitos Auto-Realizados submersos na natureza. São irmãos que se detiveram nesse lado da perfeição e que, impedidos por algum tempo de chegar ao fim, seguem governando tal ou qual parte do Universo.

Aos Deuses Santos correspondem certas funções superiores da natureza, que são assumidas por diferentes almas, mas eles ainda não conseguiram a liberação final.

Somente renunciando à idéia de nos convertermos em Deuses, de reger *Kalpas* (ciclos), podemos conseguir a liberação radical, absoluta.

O êxito pertence aos extremadamente enérgicos. Precisamos ser impiedosos conosco mesmos. Urge que renunciemos e morramos de instante a instante. Somente à base de inúmeras renúncias e mortes entramos no Absoluto.

Falo aos seres humanos baseado na experiência direta. Sou um Avatar de Ishvara.

Realmente, Ishvara (o Mestre Supremo) é um *Purusha* muito especial, isento de sofrimento, de ações, de resultados e de desejos.

Imaginem o Espírito Universal da Vida como um oceano sem praias, sem margens. Pensem por um momento em uma onda que surge para perder-se novamente no elemento líquido. Ishvara é essa onda diamantina.

Brahman, o Oceano do Espírito, manifesta-se como Ishvara, o Mestre dos Mestres, o Governador do Universo. Nele, faz-se infinita a onisciência que nos outros existe em germe.

Ele é o Mestre, inclusive para os antigos Mestres, não sendo limitado pelo tempo. A palavra que o manifesta é AUM.

Ishvara veio a mim e disse: “Escreve mensagens, folhetos e *tijitlis*”⁵⁵.

“Senhor — exclamei — que significa essa palavra *tijitlis*?”

“Construir o exército de salvação mundial, o Movimento Gnóstico, o Partido Socialista Cristão Latino-Americano” - assim falou o Senhor e eu compreendi.⁵⁶

Ishvara é o verdadeiro protótipo da perfeição. Certamente está muito além do corpo, da mente e dos afetos.

Contudo, amadíssimos gnósticos, em verdade digo a todos que primeiro deverão chegar ao Segundo Nascimento, morrer em si mesmos e dar até a última gota de sangue por essa humanidade doente.

Só assim conseguirão trilhar a senda de João, o Caminho direto que leva ao Absoluto, para além dos homens e dos Deuses.

55 Não encontramos referência sobre essa palavra.

56 O plano de criar o Partido Socialista foi, posteriormente, cancelado nos mundos internos. Consequentemente, descontinuado no mundo tridimensional. Porém, alguns desavisados, em alguns países, ainda insistem em ressuscitá-lo.

Não cometam o terrível erro de aguardar que a lei de evolução os conduza para a liberação final. Esse caminho direto apenas é possível através de incessantes revoluções íntimas.

Agora, todos são *imitatus*. Procurem se tornar *Adeptus*, antes de começar a escalar os três triângulos [ou as três montanhas – ver livro **As 3 Montanhas**, do mesmo autor].

Os Anjos, Arcanjos e Principados constituem o primeiro triângulo. Potestades, Virtudes e Dominações vêm a ser o segundo triângulo. Tronos, Querubins e Serafins personificam o terceiro triângulo.

Muitíssimo além dos três triângulos inefáveis está *Isso* que não tem nome, *Isso* que não é do tempo: o Absoluto.

CAPÍTULO 45
O SONHO DA CONSCIÊNCIA



Com muito esforço e grande amor chegamos ao penúltimo capítulo desta **Mensagem de Natal** de 1968-1969 e convém eliminar, para o bem da Grande Causa, determinados espinheiros que obstruem o caminho.

Em tudo isso, existe algo muito grave. Refiro-me ao sonho da consciência.

Os quatro evangelhos insistem na necessidade de despertar, porém, infelizmente, as pessoas supõem que estão despertas. Para o cúmulo dos males, existe por toda parte um tipo de gente, muito psíquica certamente, que não somente dorme, como ainda sonha que está desperta.

Essas pessoas se autodenominam de ‘videntes’ e se tornam demasiado perigosas porque projetam sobre os demais seus sonhos, alucinações e loucuras. São precisamente eles que impingem aos outros, delitos que não cometeram e, assim, desbaratam lares alheios.

É bem óbvio compreender que não falamos dos legítimos clarividentes. Referimo-nos a esses alucinados, a esses equivocados que sonham estar com a consciência desperta.

Com profunda pena evidenciamos que o fracasso esotérico se deve à consciência adormecida.

Muitos devotos gnósticos, sinceros amantes da verdade, fracassam devido a esse lamentável estado de consciência adormecida.

Nos tempos antigos apenas era ensinado o Grande Arcano, o *Maithuna*, a ioga sexual, àqueles neófitos que despertavam a consciência. Os Hierofantes sabiam muito bem que os discípulos adormecidos, cedo ou tarde, terminam abandonando o trabalho na Nona Esfera.

O pior de tudo é que esses fracassados se auto-enganam, pensando de si próprios o melhor, e quase sempre caem como rameiras nos braços de alguma

escolinha nova que lhes brinda algum tipo de consolo, pronunciando frases como: Eu não sigo os ensinamentos gnósticos porque eles exigem um casamento e isto é coisa pessoal. A liberação, o trabalho, é coisa que precisa ser buscada sozinho.⁵⁷

Naturalmente, essas palavras de autoconsolo e de autoconsideração têm por objetivo unicamente a própria autojustificação.

Se essa pobre gente tivesse a sua consciência desperta, perceberia seu erro e compreenderia que as pessoas não nascem sozinhas. Elas tiveram um pai, uma mãe e houve um ato sexual que lhes deu vida.

Se essa pobre gente tivesse a sua consciência desperta, verificaria que, assim como é em cima é em baixo e vice-versa; experimentaria diretamente a crua realidade dos fatos; dar-se-ia conta cabal do lamentável estado em que se encontra e compreenderia a necessidade de *Maithuna* para a fabricação dos corpos solares, o traje de bodas da alma, e assim conseguir o Segundo Nascimento, do qual falou o Grande *Kabir* Jesus ao rabino Nicodemos.

Porém, tais ‘modelos de sabedoria’, dormem, e não são capazes de verificar por si mesmos que estão vestidos com corpos protoplasmáticos, farrapos lunares e que são uns miseráveis pobres coitados.

Os sonhadores, os adormecidos que supõem estar despertos, não somente prejudicam a si mesmos, como ainda causam graves danos a seus semelhantes.

Eu creio que o equivocado sincero, o adormecido que sonha estar desperto, o alucinado que se qualifica de ‘iluminado’, o mitômano que se crê super-transcendido, em verdade, causa a si e aos demais muito mais dano do que experimenta alguém que, jamais em sua vida, ingressou nos nossos estudos.

Estamos falando numa linguagem bem dura, mas podem estar seguros que muitos adormecidos e alucinados, ao lerem estas linhas, ao invés de se deterem por um momento para refletir, corrigir ou retificar, buscarão apenas uma forma de se apropriarem de minhas palavras a fim de documentarem suas loucuras.

Para desgraça deste pobre formigueiro humano, as pessoas levam dentro um péssimo secretário que sempre interpreta mal os ensinamentos gnósticos. Refiro-me ao Eu Pluralizado, ao Mim Mesmo.

57 Ultimamente temos ouvido aqui no Brasil frases como: Não é preciso sofrer tanto. O caminho gnóstico é muito difícil; existem outras maneiras... Não sigo ninguém, apenas meu Mestre Interno (falam como se já fossem despertos). Ou ainda: A gnose é muito rigorosa...

O mais cômico de Mefistófeles é a maneira como se disfarça de santo. Claro que ao Ego lhe agrada que o ponham no altar e o adorem.

É bem claro, evidente, patente, compreender de uma vez por todas que, enquanto a consciência continuar engarrafada no Eu Pluralizado, não somente dormirá como terá o que é pior, o mau gosto de sonhar que está desperta.

O pior gênero de loucura resulta da combinação de mitomania com alucinações.

O mitômano é aquele que se presume de Deus, que se sente supertranscendido e que deseja que todo mundo o adore.

Esse tipo de gente, ao estudar este capítulo, imputará a outros minhas palavras e continuará pensando que já dissolveu o Eu, ainda que o tenha mais robusto que um gorila.

Quando um mitômano adormecido trabalha na Forja dos Ciclopes, estejam seguros que muito breve abandonará o trabalho dizendo: “Eu já consegui o Segundo Nascimento. Eu estou liberado. Eu sou um Deus. Renunciei ao Nirvana por amor à humanidade”.

Em nosso querido Movimento Gnóstico já vimos coisas muito feias. Resulta espantoso ver os mitômanos, os adormecidos alucinados, profetizando loucuras, caluniando o próximo, qualificando os outros de magos negros, etc. Isso é espantoso.

Diabos julgando diabos! Não querem se dar conta, todos esses ‘exemplos de perfeição’, que neste mundo doloroso em que vivemos é quase impossível encontrar um santo.

Todo mago é mais ou menos negro. De forma alguma se pode ser mago branco enquanto o Eu Pluralizado estiver metido no corpo.

Isso de andar dizendo por aí que fulano está caído é certamente uma brincadeira de mau gosto, porque neste mundo todas as pessoas estão caídas.

Isso de caluniar o próximo e de destruir lares com falsas profecias é próprio de alucinados, de gente que sonha estar desperta.

Se alguém de fato quer autodespertar, que resolva morrer de instante a instante, que pratique a meditação profunda, que se liberte da mente, que trabalhe com as Runas da maneira como ensinamos neste livro.

À Sede Patriarcal do Movimento Gnóstico chegam muitas cartas de adormecidos que dizem: Minha mulher... O fulano... O beltrano etc. é muito evoluído; é uma alma muito velha.

Esses pobres adormecidos que assim falam pensam que o tempo e a evolução podem auto-realizá-los, podem despertá-los e levá-los à liberação final. Essas pessoas não querem compreender que a evolução e sua irmã gêmea, a involução, são apenas leis mecânicas da natureza, as quais trabalham de maneira harmoniosa e coordenada em toda a criação.

Quando alguém desperta a consciência, percebe a necessidade de se emancipar dessas leis e de se lançar na senda da revolução.

Queremos gente desperta, firme, revolucionária; de maneira alguma aceitamos frases incoerentes, vagas, imprecisas, insípidas, inodoras, etc.

Devemos viver alertas e vigilantes como sentinela em época de guerra. Queremos gente que trabalhe com os três fatores de Revolução da Consciência.

Lamentamos tantos casos de equivocados sinceros adormecidos que trabalham apenas com um fator, e muitas vezes, infelizmente, mal utilizado.

Precisamos compreender o que somos; pobres bestas adormecidas, máquinas controladas pelo Ego...

CAPÍTULO 46 RUNA GIBUR



Aqueles discos ou moedas de terra cozida, que abundam nas ruínas maravilhosas da antiga Tróia, estão cheios de cruzeiros jainas ou *swastikas*.

Tudo isso nos convida a pensar que os povos de Shekelmesha, embora aparentados dos atlantes, também levavam em suas veias o fermento ariano, assim como os célebres povos de Yucatán.

Devemos lembrar que os arianos começaram a se formar há mais de um milhão de anos. A primeira das três catástrofes atlantes data de 800.000 anos, aproximadamente, sendo que a última, como já dissemos em nossa passada **Mensagem de Natal**⁵⁸, ocorreu há uns 11.000 anos.

A *swastika* das fusaiolas é um símbolo esotérico profundamente significativo. Esse símbolo inefável de fato brilha sobre a cabeça da grande serpente de Vishnu, a *Shesha-Ananta* das mil cabeças que habita no *Patala* ou região inferior.

Se estudarmos a fundo essa questão, veremos que todos os povos antigos punham sempre a *swastika* à cabeça de seus emblemas religiosos, porque ela é o Martelo de Thor, a arma mágica forjada pelos pigmeus contra os gigantes ou forças titânicas pré-cósmicas opostas à lei da harmonia universal.

Portanto, a *swastika* sagrada é o martelo produtor das tempestades que os *Aesires* ou Senhores Celestes usam.

No macrocosmo, seus braços apoiados em ângulos retos expressam, claramente e sem a menor dúvida, as incessantes evoluções e involuções dos sete cosmos.

A *swastika*, no microcosmo, representa o homem assinalando o céu com o braço direito e a terra com o braço esquerdo.

58 Já traduzida e publicada no Brasil pela IGB-Edisaw com o título de **O Fim dos Tempos**.

A *swastika* é um símbolo alquímico, cosmogônico e antropogônico sob sete distintas chaves interpretadoras. Enfim, é o símbolo da eletricidade transcendente, o alfa e o ômega da força sexual universal, desde o espírito até a matéria. Por isso, quem conseguir abarcar todo o seu significado místico fica livre de *maya*, a ilusão.

Fora de toda dúvida, a *swastika* é o gerador elétrico dos físicos. Dentro dela, encerram-se todos os mistérios do *lingam-yoni*.

A *swastika*, em si mesma, é a cruz em movimento, a ioga sexual, *Maithuna*, magia sexual.

Os gnósticos sabem muito bem que o *Ens Seminis*, contido nas glândulas endócrinas sexuais, constitui a Água de Vida, a Fonte da Imortalidade, o Elixir da Longa Vida, o Néctar da Espiritualidade.

A Auto-Realização Íntima fundamenta-se no sêmen e na medula, exclusivamente. Tudo que não seja por aí, é lamentável perda de tempo.

Todos gostariam de submergir na corrente do som para conseguir a liberação final, porém, em verdade, digo a todos que se não nascerem de novo nunca entrarão no Reino dos Céus.

Isso de nascer no *Sanctum Regnum* pertence, na realidade, aos mistérios da cruz e da *swastika*.

No México asteca, o Deus da Vida leva a cruz *swastika* na testa e os sacerdotes tinham-na como adorno em suas sagradas vestimentas.

Obviamente que sem a alquimia sexual, sem o gerador elétrico, sem os sacros mistérios da *swastika*, a Auto-Realização Íntima, o Segundo Nascimento, do qual falou o *Kabir* Jesus ao rabino Nicodemos, resulta algo mais que impossível.

No budismo zen do Japão, a cebola, com as suas diferentes capas superpostas, simboliza o ser humano com seus corpos sutis. No mundo ocidental, diferentes escolas de tipo pseudo-esotérico e pseudo-ocultista estudam tais veículos supra-sensíveis.

Os monges do budismo zen enfatizam a necessidade de se desintegrar e reduzir a poeira tais corpos sutis para se conseguir a liberação final.

A filosofia zen conceitua que esses organismos sutis são simples formas mentais que precisam ser dissolvidos.

Os corpos internos estudados por Annie Besant, Leadbeter e muitos outros autores, são veículos lunares, corpos protoplasmáticos, que evoluem até

um certo ponto perfeitamente definido pela natureza e, após, se precipitam pelo caminho involutivo, a fim de regressarem ao ponto de partida original.

Os corpos lunares têm um princípio e um fim. Os monges do budismo zen não se equivocam quando tratam de dissolvê-los.

Mas prossigamos e avancemos um pouco mais. Falemos agora sobre o *Soma Heliakon*, o traje de bodas da alma, o corpo do homem solar.

Lembrem-se da parábola evangélica da festa de bodas. Quando o rei entrou para ver os convidados e viu ali um homem que não estava vestido com o traje de bodas, disse: “Amigo, como entraste aqui sem as vestes nupciais?” Claro que ele emudeceu; de maneira alguma estava preparado para responder.

Terrível momento aquele em que o rei ordenou atar-lhe os pés e as mãos e que o atirassem nas trevas exteriores, onde somente se ouve pranto e ranger de dentes.

Que os distintos corpos solares, interpenetrando-se entre si, constituam o traje de bodas da alma, é algo que não deve nos surpreender.

Portanto, o fundamental, o cardeal, é fabricar os corpos solares, o que só é possível com a transmutação do hidrogênio sexual SI-12.

À base de incessantes transmutações sexuais podemos condensar o hidrogênio do sexo na esplêndida e maravilhosa configuração do corpo astral solar.

Trabalhando com o gerador elétrico dos físicos na Forja dos Ciclopes, o sexo, podemos cristalizar o hidrogênio sexual no paradisíaco corpo da mente solar.

Trabalhando positivamente até o máximo na Nona Esfera podemos e devemos dar forma ao corpo solar da vontade consciente. Só assim, mediante cristalizações alquímicas, encarnamos o Espírito Divino em nós.

Somente assim, trabalhando com os mistérios da sagrada *swastika* chegamos ao Segundo Nascimento.

O desconhecimento dos princípios [aqui] enunciados tem conduzido milhares de estudantes de misticismo aos mais graves erros.

Ignorar estes postulados fundamentais do gnosticismo é gravíssimo, porque disso resulta o engarrafamento da inteligência em distintos dogmas e teorias, algumas vezes encantadores e fascinantes, porém, absurdos e estúpidos, quando realmente examinados à luz do *tertium organum*, o terceiro cânon do pensamento.

Max Heindel pensa que o traje de bodas da alma, o *Soma Puchikon*⁵⁹ [o corpo etérico], está constituído exclusivamente pelos dois éteres superiores do corpo vital ou o *linga sharira* dos hindus.

Esse autor [Heindel] crê que aumentando o volume dos dois éteres superiores se consegue o *Soma Puchikon*.

O conceito é muito bonito, porém falso. Esses éteres não são tudo. Torna-se urgente fabricar os corpos existenciais superiores do Ser, os veículos solares, se de verdade queremos chegar ao Segundo Nascimento.

De maneira nenhuma poderia alguém fabricar os corpos solares, o traje de bodas da alma, sem os mistérios sexuais da Runa **Gibur**.

Esta Runa é a letra **G** da maçonaria. Lástima que os M.M. não hajam compreendido a profunda significação desta misteriosa letra.

O **G** é a cruz *swastika*, o *Amen*, o maravilhoso final de todas as orações.

G também é o *Gott* ou *God* que significa Deus. Saibam que Gibraltar se chamou antes *Giburaltar*: o altar da vida divina, a ara de **Gibur**.

As pessoas se esqueceram das práticas rúnicas, porém, a Runa **Cruz** ainda não foi esquecida, felizmente.

Traçando o símbolo sagrado da *swastika* com os dedos polegar, índice e médio, podemos nos defender das potências tenebrosas. As colunas de demônios fogem diante da *swastika*.

Foi escrito em capítulos anteriores, porém, não nos cansaremos de repetir: “Quem quiser me seguir, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me”.

Pedro, crucificado com a cabeça para baixo, para a dura pedra, e com os pés levantados verticalmente, é um convite para o trabalho na Forja dos Ciclopes, na Nona Esfera. Precisamos trabalhar com o fogo e a água, origem de mundos, animais, homens e Deuses. É por aqui que começa toda a autêntica Iniciação Branca.

Os infra-sexuais, os degenerados, os inimigos declarados do Terceiro Logos, protestam contra a Alquimia Sexual da *swastika*.

Se alguém lhes disser que é possível conseguir a Auto-Realização sem a Santa Cruz, sem o cruzamento sexual de duas pessoas [de sexos opostos], digam-lhe que mente.

59 Pronuncia-se ‘Soma Púkikon’.

Se alguém amaldiçoar o sexo e lhes assegurar que é bestial e satânico, digam-lhe que mente.

Se alguém lhes afirmar ser necessário derramar o Vaso de Hermes, que isso não tem a menor importância, digam-lhe que mente.

Se alguém lhes ensinar alguma bela doutrina que exclua o sexo, digam-lhe que mente.

Ai dos sodomitas, dos homossexuais, dos inimigos do sexo oposto. Para eles haverá somente choro e ranger de dentes.

Ai daqueles que se dizem cristãos, que levam a cruz no peito, pendurada no pescoço, porém que detestam o *Maithuna*, a ioga sexual. Para esses fariseus hipócritas haverá somente pranto e desespero.

SAUDAÇÕES FINAIS



Amadíssimos irmãos gnósticos!

Desejo a todos Feliz Natal e Próspero Ano Novo. Que a estrela de Belém brilhe em vosso caminho.

Pratiquem estas Runas sempre em ordem. Comecem seus exercícios rúnicos no dia 21 de março e dediquem a cada Runa o tempo que desejarem.

Escrevam-me, mas, suplico para não me remeterem adulações, elogios ou lisonjas pelo correio.

Recordem que todos aqueles que nos traíram anteriormente sempre foram tremendos adúladores.

Quero que se resolvam a morrer radicalmente em todos os níveis da mente.

Assim como estão, com esse tremendo 'Eu' dentro, realmente são um fracasso.

Muitos se queixam que não conseguem sair à vontade em corpo astral. Pois que despertem a consciência! Quando alguém desperta, a saída em astral deixa de ser um problema. Os adormecidos não servem para nada.

Nesta **Mensagem de Natal** de 1968-1969 entrego-lhes a ciência que precisam para o despertar da consciência.

Não cometam o erro de ler este livro como quem lê um jornal. Estudem-no profundamente durante muitos e muitos anos. Vivam-no, levem-no à prática.

Aqueles que se queixam por não terem conseguido a Iluminação, aconselho paciência e serenidade.

A Iluminação chega a nós quando dissolvemos o Eu Pluralizado, quando de verdade o matamos nas quarenta e nove regiões do subconsciente.

Esses que andam cobiçando poderes ocultos, esses que utilizam o *Maithuna* com o pretexto de seduzir mulheres, acompanharão a involução submersa para ingressarem nos mundos infernais.

Trabalhem com os três fatores de Revolução da Consciência de maneira ordenada e perfeita.

Não cometam o erro de fornicar e adulterar. Abandonem o hábito de borboletear. Quem vive borboleteando de flor em flor, de escola em escola, é candidato seguro ao abismo e à Segunda Morte.

Abandonem toda autojustificação e toda autoconsideração. Convertam-se em inimigos de si mesmos se verdadeiramente querem morrer radicalmente. Somente assim conseguirão a Iluminação.

Amadíssimos, partam do zero. Deixem de lado o orgulho místico, a mitomania e a tendência de se autoconsiderarem supertranscendidos. Todos são apenas pobres animais intelectuais condenados à pena de viver.

Façam um inventário de si mesmos para saberem quem são realmente.

Em verdade, somente possuem corpos lunares e Ego animal. Isso é tudo. Por que então cair na mitomania? A alma, a Essência, está engarrafada, adormecida, no Eu. Então em que baseiam o seu orgulho místico?

Sejam humildes para alcançar a sabedoria, mas depois de alcançá-la, sejam ainda mais humildes.

“Quem quiser vir depois de mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me”.

PAZ INVERENCIAL!

Samael Aun Weor

NOTA FINAL: Esta tradução segue rigorosamente a primeira edição original impressa em 1969 na Tipografia Mundo, da cidade de Barranquilla, Colômbia.

ÍNDICE



PRÓLOGO DA EDIÇÃO ORIGINAL	8
INTRODUÇÃO DO AUTOR.....	13
CAPÍTULO 1 - A MÃE DIVINA E OS DEUSES SANTOS	14
CAPÍTULO 2 - UNIVERSOS PARALELOS	17
CAPÍTULO 3 - RUNA FÁ.....	20
CAPÍTULO 4 - DEUSES PENATES.....	24
CAPÍTULO 5 - OS PUNCTAS.....	27
CAPÍTULO 6 - RETORNO E TRANSMIGRAÇÃO	31
CAPÍTULO 7 - RUNA IS	34
CAPÍTULO 8 - O OVO CÓSMICO	38
CAPÍTULO 9 - O ORÁCULO DE APOLO	42
CAPÍTULO 10 - A RUNA AR.....	45
CAPÍTULO 11 - PRÓTON E ANTIPRÓTON	48
CAPÍTULO 12 - AS HARPIAS.....	52
CAPÍTULO 13 - RUNA SIG	55
CAPÍTULO 14 - O AIN SOPH	59
CAPÍTULO 15 - O REI HELENO	62
CAPÍTULO 16 - A RUNA TYR	65
CAPÍTULO 17 - A MEDITAÇÃO	68
CAPÍTULO 18 - O DISFORME GIGANTE POLIFEMO	71
CAPÍTULO 19 - RUNA BAR	75
CAPÍTULO 20 - AS DEZ REGRAS DA MEDITAÇÃO	79
CAPÍTULO 21 - A TRAGÉDIA DA RAINHA DIDO	82
CAPÍTULO 22 - A RUNA UR.....	86
CAPÍTULO 23 - HISTÓRIA DO MESTRE MENG SHAN.....	90
CAPÍTULO 24 - O PAÍS DOS MORTOS.....	93

CAPÍTULO 25 - RUNAS DORN E THORN	96
CAPÍTULO 26 - O EGO.....	100
CAPÍTULO 27 - A CRUEL MAGA CIRCE	104
CAPÍTULO 28 - RUNA OS	108
CAPÍTULO 29 - ORIGEM DO EU PLURALIZADO.....	112
CAPÍTULO 30 - AS TRÊS FÚRIAS.....	116
CAPÍTULO 31 - RUNA RITA.....	119
CAPÍTULO 32 - A DIVINA MÃE KUNDALINI.....	124
CAPÍTULO 33 - A FORJA DOS CICLOPES.....	128
CAPÍTULO 34 - RUNA KAUM.....	131
CAPÍTULO 35 - A REGIÃO DO PURGATÓRIO	136
CAPÍTULO 36 - O TEMPLO DE HÉRCULES	140
CAPÍTULO 37 - RUNA HAGAL.....	144
CAPÍTULO 38 - O RIO LETES.....	149
CAPÍTULO 39 - AS NINFAS	153
CAPÍTULO 40 - A RUNA NOT	156
CAPÍTULO 41 - PARSIFAL.....	163
CAPÍTULO 42 - O FOGO SEXUAL	168
CAPÍTULO 43 - RUNA LAF.....	172
CAPÍTULO 44 - A LIBERAÇÃO FINAL	176
CAPÍTULO 45 - O SONHO DA CONSCIÊNCIA.....	180
CAPÍTULO 46 - RUNA GIBUR	184
SAUDAÇÕES FINAIS.....	189

ALGUNS DOS PRINCIPAIS LIVROS PUBLICADOS PELA EDISAW



Para ver a lista completa de todos os livros publicados, consultar
nossa página na internet: www.edisaw.com.br



**O MATRIMÔNIO
PERFEITO**
A Porta de Entrada
da Iniciação



MEDICINA OCULTA
Tratado de Medicina
Oculta e Magia
Prática



A GRANDE REBELIÃO
Mudar a forma de
pensar para mudar
a forma de viver



**PSICOLOGIA
REVOLUCIONÁRIA**
Bases espirituais para
criar uma nova
vida interior



**PISTIS SOPHIA
COMENTADA**
por Samael Aun Wor



PISTIS SOPHIA
Revelações
do Salvador
do Mundo

Mais informações sobre Gnose, a EDISAW e a Igreja Gnóstica do Brasil nos seguintes endereços:

- Sede Nacional - Rua José Tomasi, 824 - Santa Felicidade
CEP 82015-630 - Curitiba / PR (41) 3372-7038
- Sede Paulista - Av. Brigadeiro Luis Antonio, 1422, sobreloja
CEP 01318-001 - São Paulo / SP (11) 3266-4378

ou e-mail faleconosco@gnose.org.br - www.gnose.org.br



Este livro digital foi disponibilizado gratuitamente pelo
Projeto Abragnose Digital, mantido pela
ABRAGNOSE - Academia Brasileira de Gnose.

O Projeto Abragnose Digital, por meio de contribuições
de estudantes gnósticos e simpatizantes,
tem por objetivo disponibilizar versões digitais gratuitas
de obras publicadas pela EDISAW - Editora Samael Aun Weor.

Para adquirir cópias impressas de obras do catálogo da EDISAW,
a preço de custo, visite a nossa loja na página www.edisaw.com.br.
Ao adquirir as versões impressas das obras da EDISAW
você contribui para a expansão do seu catálogo e
para a manutenção de sua obra de divulgação
do conhecimento gnóstico contemporâneo.

Para ajudar a manter este e outros trabalhos de cunho cultural,
assistencial e missionário você pode também contribuir diretamente
para com a ABRAGNOSE realizando doações
por meio da seguinte conta bancária:

Banco do Brasil
Agencia: 3390-1
Conta: 27.361-9
CNPJ 14.578.176/0001-30
Academia Brasileira de Gnose

Agradecemos o seu apoio!

Paz Inverencial!



EDISAW

Aviso de copyright:

Todos os direitos reservados para a EDISAW - Editora Samael Aun Weor.
A distribuição deste material é permitida desde que seja mantida a totalidade do material,
e seja expressamente mencionada a fonte (EDISAW / Projeto Abragnose Digital)
e ambos os nossos endereços na internet (www.gnose.org.br e www.edisaw.com.br).



Este livro trata dos aspectos esotéricos e iniciáticos das famosas runas nórdicas. Aqui é ensinado a prática dos exercícios rúnicos com o próprio corpo, com a finalidade de despertar as forças e energias espirituais que percorrem nosso organismo desde o céu até a Terra e desde a Terra até o céu.

Aqueles que praticam diariamente os exercícios rúnicos poderão ampliar sua consciência e sua percepção psíquica. Além disso, preparam o corpo para o advento das poderosas energias do Espírito que cedo ou tarde se manifestam em todos aqueles que buscam a Sagrada Iniciação.

Este livro, portanto, é uma obra esotérica e iniciática de grande valor, pois, além de desvendar muitos mistérios antigos, traz ainda uma completa metodologia prática de como literalmente fazer com o próprio corpo as posturas rúnicas, obtendo assim maravilhosos resultados psicofísicos.



Gnose é aqui:
www.gnose.org.br

EDISAW

